

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**PEDAGOGIAS CULTURAIS EM FILMES DE ANIMAÇÃO  
NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**ADEMAR SILVA SCHEIDT JUNIOR**

**MARINGÁ  
2021**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**PEDAGOGIAS CULTURAIS EM FILMES DE ANIMAÇÃO  
NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Tese apresentada por ADEMAR SILVA SCHEIDT JUNIOR, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para do título de Doutor em Educação. Linha de Pesquisa: Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores  
Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

Orientadora:  
Prof<sup>a</sup>. Dra. TERESA KAZUKO TERUYA

MARINGÁ  
2021

ADEMAR SILVA SCHEIDT JUNIOR

**PEDAGOGIAS CULTURAIS EM FILMES DE ANIMAÇÃO  
NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**BANCA DE QUALIFICAÇÃO:**

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Teresa Kazuko Teruya (Orientadora) - UEM/PR

Prof<sup>ª</sup> Dra. Myrian Regina Del Vecchio de Lima - UFPR/PR

Prof. Dr. ClaridesHenrich de Barba - UNIR/RO

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Gislaine Gonçalves - UEM/PR

Prof. Dr. Paulo Inada - UEM/PR

MARINGÁ  
2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

S318p

Scheidt Junior, Ademar Silva

Pedagogias culturais em filmes de animação na educação ambiental / Ademar Silva  
Scheidt Junior. -- Maringá, PR, 2021.  
145 f.: il. color., figs., tabs., maps.

Orientadora: Profa. Dra. Teresa Kazuko Teruya.

Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas,  
Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2021.

1. Educação ambiental. 2. Estudos culturais. 3. Animação (Cinematografia). 4.  
Sustentabilidade. I. Teruya, Teresa Kazuko , orient. II. Universidade Estadual de Maringá.  
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Educação.  
III. Título.

CDD 23.ed. 370.115

Sintique Raquel Eleutério - CRB 9/1641



# Universidade Estadual de Maringá

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Mestrado e Doutorado em Educação  
DINTER UEM/UNIR



## ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO

1. **Nome do(a) Aluno(a):** ADEMAR SILVA SCHEIDT JUNIOR.
2. **Área de Concentração:** EDUCAÇÃO.
3. **Título da Tese:** PEDAGOGIAS CULTURAIS DOS DESENHOS ANIMADOS SOBRE MEIO AMBIENTE NA FORMAÇÃO DOCENTE.
4. **BANCA DA DEFESA PÚBLICA DE TESE:**  
  
Prof.<sup>(a)</sup> Dr.<sup>(a)</sup> TERESA KAZUKO TERUYA (Orientadora) – UEM;  
Prof.<sup>(a)</sup> Dr.<sup>(a)</sup> CLARIDES HENRICH DE BARBA – UNIR;  
Prof.<sup>(a)</sup> Dr.<sup>(a)</sup> MYRIAN REGINA DEL VECCHIO DE LIMA – UFPR;  
Prof.<sup>(a)</sup> Dr.<sup>(a)</sup> PAULO INADA – UEM;  
Prof.<sup>(a)</sup> Dr.<sup>(a)</sup> GISLAINE GONÇALVES – UEM.
5. **Data:** 22/07/2021.  
**Horário:** 09:00.  
**Local:** Webconferência – <https://meet.google.com/awm-mqez-mvq>.
6. **Resultado:**  APROVADO(A)  
 REPROVADO(A)
7. **Observações:** Defesa pública de Tese de Doutorado realizada por webconferência, conforme previsto na Portaria nº 001/2020-PPE/UEM, em conformidade com a Portaria CAPES nº 36, de 19 de março de 2020, Portaria nº 122/2020-GRE/UEM e Ato Executivo nº 004-2020-GRE/UEM.  
**NOVO TÍTULO:** “PEDAGOGIAS CULTURAIS EM FILMES ANIMADOS NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL”.

Maringá-PR, 22/07/2021.

Assinatura do(a) Orientador(a)

Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Maria Luisa Furlan Costa  
Coordenadora do PPE/UEM

Assinatura da Coordenação

## DEDICATÓRIA

**À minha mãe Valkiria, pelos inestimáveis ensinamentos que me deu e principalmente pelo amor pela Educação e à docência. Pela forma ética de trabalhar e principalmente pelo exemplo de educadora.**

**Ao meu pai Ademar (*in memoriam*) que sempre foi uma pessoa que acreditou em mim, mesmo quando me criticava.**

**A minha esposa Alcione (a qual sou apaixonado) e meus filhos Guilherme, Felipe e Rafael, por estarem sempre me apoiando e por suportar os momentos que passamos longe em função dos meus estudos e estágio doutoral.**

**A minha Orientadora Dra. Teresa, pela dedicação sempre dada a mim e pela amizade que carregarei para toda a minha vida.**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente e principalmente agradeço a DEUS.

Expresso o meu agradecimento as pessoas e instituições que me ajudaram. Assim, expresso meus sinceros e cordiais agradecimentos:

À Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR e à Universidade Estadual de Maringá - UEM e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES pelo convênio que promoveu o DINTER em Educação, sem o qual eu não teria a oportunidade de doutoramento. A CAPES também pelo apoio financeiro durante o Estágio Doutoral.

A minha orientadora, Profa. Dra. Teresa Kazuko Teruya, a qual sem os seus ensinamentos não seria possível a realização desta pesquisa e tese, pela dedicação e compromisso não apenas comigo, mas com todos os orientandos que tive a oportunidade de conhecer nas reuniões do GPEMEC e pelos ensinamentos e orientação, pelo estímulo, confiança demonstrada em me aceitar como orientando e principalmente pela compreensão com minhas limitações. Ao GPEMEC - Grupo de Pesquisa em Educação, Mídias e Estudos Culturais e aos membros que tive a oportunidade de conhecer, saibam que muito aprendi como pesquisador e como pessoa.

A Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação na pessoa do Professor Dr. Mário Luiz Neves de Azevedo, da Professora Dra. Solange Franci Raimundo Yaegashi e por fim a Professora Dra. Maria Luisa Furlan Costa pela dedicação e correta condução do programa. Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Educação, em especial aos que aceitaram fazer parte deste DINTER, pela oportunidade de possibilitar o compartilhamento de informações e conhecimentos. Ao Hugo que sempre com muita atenção e presteza estava a nos ajudar.

Aos professores membros da banca examinadora, pelas contribuições, críticas e valiosas sugestões desde a qualificação a defesa da tese.

A todos os amigos da turma do DINTER em Educação, pelo convívio nas aulas, nos estudos e no apoio que sempre me foi dado em todos os momentos. Em especial destaco aqui meus amigos de república Karina Rodrigues, Vasco Pinto e Larissa Pissinatti.

Por fim agradeço a todas as pessoas que me apoiaram e me incentivaram a buscar mais conhecimento e me ensinaram a sonhar a nunca desistir, somente desta maneira consegui concluir mais esta etapa de minha vida. Separo destes que me apoiaram meus colegas professores do Departamento Acadêmico de Ciências Sociais e Ambientais - DACSA e da UNIR em Guajará-Mirim.

Aos meus primeiros incentivadores para tentar a seleção do DINTER, meus amigos Renato Pinto e Dr. Dorosnil Alvez Moreira e ao Professor Dr. George Queiroga Estrela por buscar ofertar esse programa em Guajará-Mirim.

Qual será a nossa escolha: degradação ou recuperação? Escassez ou fartura? Compaixão ou cobiça? Amor ou medo? Tempos melhores ou tempos piores?

Carl Safina



SCHEIDT JUNIOR, Ademar Silva. **PEDAGOGIAS CULTURAIS DOS DESENHOS ANIMADOS SOBRE MEIO AMBIENTE NA FORMAÇÃO DOCENTE**. TESE, (PPE – Programa de Pós-Graduação em Educação). UEM, 2021, 145 p.

## RESUMO

Esta tese investigou a interfaces entre a formação docente, a educação ambiental e o cinema como um artefato cultural, dando destaque a preservação do meio ambiente e ao consumo consciente, enfatizando o poder das mídias (neste estudo o cinema). Para tanto buscamos nos Estudos Culturais a base conceitual de análise dos estudos do audiovisual e os estudos da educação ambiental, tendo em vista que a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), a BNCC (Base Nacional Curricular Comum) e a Lei 9795/99 (Política Nacional de Educação Ambiental) define que o ensino da Educação Ambiental deverá ocorrer de forma transversal e interdisciplinar. Elencando as contribuições da pesquisa para a educação, especificamente no que diz respeito à formação docente. Diante dos diversos problemas ambientais existentes em nosso país, temos o seguinte problema de pesquisa: qual o potencial pedagógico dos filmes “WALL-E” e “Lorax-em busca da Trúfula perdida” para o ensino da Educação Ambiental? Para apresentar respostas a essa problemática, desenvolvemos um estudo qualitativo com delineamento documental cujo objetivo geral foi analisar as pedagogias culturais dos desenhos animados para contribuir com a didática e o ensino da Educação Ambiental nas escolas e universidades. A metodologia de análise é qualitativa com a análise do áudio e vídeo com descrição de cenas colaborativas dispostas nos filmes animados, extraindo e analisando quatro fatores socioambientais: cenas de degradação ambiental, cenas de consumo inconsciente, cenas de recuperação da natureza e cenas de consumo consciente. Ao fim, associaremos o padrão de consumo da sociedade com o meio ambiente.

Palavras-chave: Educação. Estudos Culturais. Longa de Animação. Consumo Consciente. Meio Ambiente.

SCHEIDT JUNIOR, Ademar Silva. CULTURAL PEDAGOGIES ON THE ENVIRONMENT IN TEACHER EDUCATION. THESIS, (PPE – Postgraduate Program in Education). UEM, 2021, 145 p.

### **ABSTRACT**

This thesis investigated the interfaces between teacher education, environmental education and cinema as a cultural artifact, highlighting the preservation of the environment and conscious consumption, emphasizing the power of the media (in this study, cinema). Therefore, we seek in Cultural Studies the conceptual basis of analyzed audiovisual studies and studies of environmental education, considering that the LDB (Law of Guidelines and Bases of Education), the BNCC (National Common Curriculum Base) and Law number 9795/ 99 (National Environmental Education Policy) defines that the teaching of Environmental Education must take place in a transversal and interdisciplinary way. Listing the contributions of research to education, specifically with regard to teacher training. Not far away is my concern as a man living in the Amazon and a citizen afraid of the environmental policies that have been edited by the current government, we have the following research problem: what is the pedagogical potential of the films “WALL-E” and “Lorax – in search for the lost trófula” for teaching Environmental Education? In order to present answers to this problem, we developed a qualitative study with documental design whose general objective was to analyze the cultural pedagogies of cartoons to contribute to the didactics and teaching of Environmental Education in schools and universities. The analysis methodology is audio and video analysis with description of collaborative scenes, extracting and analyzing four socio-environmental factors that are: scenes of environmental degradation, scenes of unconscious consumption, scenes of nature recovery and scenes of conscious consumption. At the end, we will associate the consumption pattern with the environment.

Keywords: Education. Cultural Studies. Animation feature. Conscious Consumption. Environment.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da Amazônia brasileira	23
Figura 2: Delineamento de áreas protegidas no município de Guajará-Mirim	25
Figura 3: Mapa da Zona 3 (tons de verde) – Áreas Protegidas pelo Zoneamento Sócio Econômico Ambiental do Estado de Rondônia (2ª Aproximação - 2009).	28
Figura 4: Capas de filmes de faroeste dos Estados Unidos da América	34
Figura 5: Ronald Reagan na época como ator e posteriormente como Presidente dos Estados Unidos da América	34
Figura 6: Capas dos filmes que tem relação com Educação Ambiental, de acordo com o site cinema.com	38
Figura 7: Agro está em tudo. – Propaganda Agro da Rede Globo de Televisão	41
Figura 8: Agro é tech. – Propaganda Agro da Rede Globo de Televisão	41
Figura 9: Agro é pop. – Propaganda Agro da Rede Globo de Televisão	42
Figura 10: Agro é tudo. – Propaganda Agro da Rede Globo de Televisão	42
Figura 11: Agro a indústria-riqueza do Brasil. – Propaganda Agro da Rede Globo de Televisão	43
Figura 12: Representante da FUNAI falando das invasões de terras indígenas	44
Figura 13: Foto aérea de terras indígenas já desmatada pelos invasores	44
Figura 14: Chico Mendes, sindicalista e ativista ambiental assassinado em 22 de dezembro de 1988 por sua luta pela floresta amazônica	58
Figura 15: Religiosa Irmã Dorothy Stang, assassinada em 12 de fevereiro de 2005 por conta de sua luta pelos movimentos sociais e ambientais	80
Figura 16: Capa do Filme WALL-E	86
Figura 17: Cidade abandonada e com lixo por toda a parte	93
Figura 18: WALL-E compactando lixo	93
Figura 19: Propaganda divulgando o WALL-E	94
Figura 20: Momento em que WALL-E encontra uma muda de planta	95
Figura 21: EVA identificando como um vegetal	96
Figura 22: Propagandas no interior da espaçonave	97
Figura 23: Anúncio dos 700 anos a bordo da AXION	98
Figura 24: Terra deixada por WALL-E na mão do comandante	98
Figura 25: Planta é deixada no módulo de retorno ao planeta Terra	99
Figura 26: Planta é devolvida para o Comandante da AXION	100
Figura 27: Comandante e AUTO disputam a plantinha	101
Figura 28: WALL-E pede para retornar ao planeta Terra	101
Figura 29: Momento em que os seres humanos perceberam que poderiam ficar em pé e se locomover sem ajuda das cadeiras	102
Figura 30: Planta é reconhecida como vida e inicia o retorno ao Planeta Terra	102
Figura 31: Chegada da AXION na Terra e os seres humanos descendo	103
Figura 32: EVA consertando WALL-E	103
Figura 33: Comandante e algumas crianças plantam a mudinha	104
Figura 34: O planeta Terra sendo reflorestado a partir da muda que o WALL-E achou	104
Figura 35: Capa do Filme Lorax – em busca da trífula perdida	105
Figura 36: Apresentação do Lorax	110
Figura 37: Abertura do Filme Lorax	111
Figura 38: Árvore artificial ligada à pilhas	111
Figura 39: Audrey e Ted vendo a pintura das Trúfulas	112
Figura 40: Visão da cidade por fora dos muros	113
Figura 41: Momento em que Ted encontra o Umavez-ildo	113
Figura 42: Umavezildo saindo de casa em busca dos seus sonhos	114

Figura 43: Lorax surge	115
Figura 44: Aparecimento do Lorax para defender a floresta do corte das árvores	115
Figura 43: Sr. O'Hare ameaçando Ted	116
Figura 46: Umavezildo promete não cortar mais árvores	117
Figura 47: Multidão querendo o seu próprio Sneed	117
Figura 48: A última trífula foi cortada	118
Figura 49: A última semente de Trífula	119
Figura 50: A semente brotou	120
Figura 51: Ted derruba uma parte do muro da cidade	121
Figura 52: A muda de Trífula é mostrada para a população	122
Figura 53: Senhor O'Hare é repreendido	122
Figura 54: Abraço fraterno entre dois amigos	123
Figura 55: Frase Final	124

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Dados econômicos e sociais do estado de Rondônia	24
Quadro 2: Quantidade de ocorrência por termos	30
Quadro 3: Quantidade de ocorrência por termos	30
Quadro 4: Quantidade de ocorrência por termos	31
Quadro 5: Quantidade de ocorrência por termos	31
Quadro 6: 12 filmes para inspirar seu filho a cuidar do Planeta (Revista VIP – Exame)	36
Quadro 7: 10 Filmes sobre o Meio Ambiente (Site Florestal Brasil)	37
Quadro 8: Comparativo entre as Resoluções que trata da formação docente no âmbito da Educação Ambiental	76
Quadro 9: Comparativo entre as PCN's e as BNCC's sobre a Educação Ambiental na Educação Infantil e Ensino Fundamental	79
Quadro 10: Comparativo entre as PCN's e as BNCC's sobre a Educação Ambiental no Ensino Médio	80
Quadro 11: Bilheteria mundial Filmes em 2008 (em dólares)	91
Quadro 12: Bilheteria mundial no ano de 2012 (em dólares)	108

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Unidades de Conservação em Guajará-Mirim	26
Tabela 2 - Terras Indígenas em Guajará-Mirim	27
Tabela 3 - Aplicação da Metodologia PIAR Ambiental	128

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Agapan	Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CF	Constituição Federal
CNE	Conselho Nacional de Educação
EA	Educação Ambiental
EFMM	Estrada de Ferro Madeira Mamoré
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MIT	Instituto de Tecnologia de Massachussetts
ODM	Objetivos de Desenvolvimento do Milênio
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
Panacea	Plano Andino-Amazônico de Comunicação e Educação Ambiental
Parna	Parque Nacional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PE	Parque Estadual
PIB	Produto Interno Bruto
Piea	Programa Internacional de Educação Ambiental
Placea	Programa Latino-Americano e Caribenho de Educação Ambiental
Pnea	Política Nacional de Educação Ambiental
Pnuma	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
PPFC	Projeto Pedagógico de Formação Continuada
PPP	Projeto Político Pedagógico
ProNEA	Programa Nacional de Educação Ambiental
Rebio	Reserva Biológica
Resex	Reserva Extrativista
Sedam	Secretaria Estadual de Desenvolvimento Ambiental
Sema	Secretaria Especial do Meio Ambiente
TI	Terra Indígena

UC	Unidade de Conservação
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UICN	União Internacional para a Conservação da Natureza
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNIR	Universidade Federal de Rondônia
ZEE	Zoneamento Econômico e Ecológico



## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	18
INTRODUÇÃO .....	20
CAPÍTULO I – INFLUÊNCIA MUDIÁTICA .....	37
CAPÍTULO II – EDUCAÇÃO AMBIENTAL – Marcos Históricos e Marco Legal .....	55
2.1 Educação Ambiental – uma história de lutas e um futuro de desafios .....	55
2.2 Movimentos Sociais e a Educação Ambiental .....	62
2.3 Educação Ambiental – princípios e bases .....	63
2.4 Conceitos de Educação Ambiental.....	65
2.5 Legislação e Educação Ambiental .....	66
2.6 Educação Ambiental – marco legal nacional .....	72
2.7 Educação Ambiental nos currículos ao longo da história .....	74
CAPÍTULO III – CINEMA E MEIO AMBIENTE – união pertinente .....	85
3.1 WALL-E .....	87
3.1.1 Ficha técnica.....	87
3.1.2 Toda arte tem crítica – filme WALL-E .....	88
3.1.3 WALL-E (pergunto: será o nosso futuro?).....	93
3.2 LORAX – em busca da trófula perdida.....	107
3.2.1 Ficha técnica.....	107
3.2.2 Toda arte tem crítica – Lorax-em busca da trófula perdida.....	108
3.2.3 Lorax e a Trófula que devemos achar .....	111
3.3 Ensinamentos .....	126
CONCLUSÕES.....	128
FONTES DOCUMENTAIS.....	134
REFERÊNCIAS .....	135
FILMES ANALISADOS .....	144

## APRESENTAÇÃO

Desde os tempos da minha<sup>1</sup> graduação, percebi o poder das mídias como um artefato cultural, muitas vezes, utilizado para a manipulação de imagens que interpelam o seu público, alterando o comportamento social instigado pelo consumo. Na minha primeira formação acadêmica, no curso de Administração de Empresas da FATEC/RO (conclusão no ano de 2002), estudei na disciplina de Marketing, as formas de utilização das mídias como um dispositivo de persuasão. Sempre gostei de analisar os filmes que assisti, para identificar as mensagens emitidas e em que poderia persuadir nas ações de seu público. Confesso que normalmente percebia uma certa tentativa de manipular em fazer com que as pessoas atendam aos interesses das grandes corporações e dos países mais influentes no cinema.

A seleção dos filmes se deu de forma aleatória e acidental, pois como docente do ensino superior do Curso de Bacharelado em Gestão Ambiental da Universidade Federal de Rondônia – Campus Jorge Wassilakis em Guajará-Mirim/RO procurei recursos auxiliares para ministrar a disciplina de Sistemas de Produção (disciplina que ministrei desde o segundo semestre de 2010 na UNIR).

Um belo dia, em um fim de semana do ano de 2014 (não me recordo a data ao certo), meu filho caçula me chamou para assistir a um filme com ele e, eu aceitei o convite. Para mim, foi uma surpresa, pois o filme de animação chamado WALL-E, conta a história de um robô que se passa em um período em que o planeta Terra havia sido totalmente devastado e estava sem habitantes, onde o único morador era um robô. A história retrata o ano de 2100, na qual para limpar a Terra coberta por lixo, o robô chamado WALL-E, é enviado para o planeta Terra uma robôzinha para tentar localizar vida no planeta. Mas a história do filme se encerra com a raça humana voltando para o planeta Terra após o início do reflorestamento, devido a melhoria nas suas condições de novamente ser habitado. Após assistir esse filme, fiz uma busca de outros títulos que abordassem a mesma temática ambiental e com especial atenção aos impactos ambientais decorrentes da exploração desordenada do meio ambiente para a produção e consumo de bens. Analisando algumas críticas de filmes do gênero de longa de animação, encontrei o filme “Lorax-em busca da trufula perdida”, cuja temática

---

<sup>1</sup> Na apresentação, introdução e considerações finais a narrativa é em primeira pessoa do singular, justifica-se pelo local de fala de um morador da região amazônica com sua cultura e peculiaridades de entendimentos e percepções quanto a importância da preservação do meio ambiente para o futuro da humanidade. Nas demais seções a narrativa será em primeira pessoa do plural, tendo em vista que a preservação do meio ambiente não é uma obrigação apenas dos moradores da Amazônia, mas sim uma tarefa de todos, e portanto nós é o mais adequado a ser utilizado.

compatibilizou-se ao filme WALL-E.

Mesmo o filme WALL-E sendo voltado a princípio para crianças, por ser um filme de animação de classificação livre, levei-o para assistir junto a turma de Gestão Ambiental da UNIR no segundo semestre de 2015, receoso de haver rejeição por parte dos acadêmicos por ser uma animação, mas seria uma tentativa de levar algo, além dos textos que compõem o conteúdo básico da disciplina de Sistemas de Produção. No final da exibição do filme, ocorreu um momento de debate e, para minha surpresa, a reação foi extremamente positiva por parte da turma da disciplina de Teoria Geral da Administração. Na aula seguinte exibi outro filme: Lorax - em busca da trufula perdida. A resposta da turma foi mais positiva do que com o filme anterior, tendo em vista que os acadêmicos participaram mais do debate após a apresentação do filme Lorax – em busca da trufula perdida, do que do filme WALL-E, que já teve bastante participação dos acadêmicos no debate. Para a exibição dos filmes são necessárias duas horas, após a exibição passamos para o debate que em WALL-E foi de pouco mais de uma hora, no caso do LORAX – em busca da trufula perdida, foi de quase duas horas, com mais pontos a serem debatidos e também com mais participação dos acadêmicos. Semestralmente, tenho exibido esses filmes nas aulas da disciplina de Sistemas de Produção do Curso de Gestão Ambiental na UNIR em Guajará-Mirim, passando os filmes a fazerem parte do plano de aula a partir deste semestre.

A resposta dos/as acadêmicos/as é algo que continua a me intrigar, pois visualizei um grande potencial pedagógico dos filmes no aprendizado dos mesmos, sendo os filmes o objeto de estudo desta tese, para que possam ser utilizados na formação. Esse fato me estimulou a pesquisar filmes de animação a fim de utilizá-los na reflexão crítica sobre o meio ambiente, a fim de contribuir para ampliar as possibilidades de utilização desses artefatos culturais, no ensino da Educação Ambiental de crianças, jovens e adultos. Como contribuição para efetivação das políticas de educação ambiental conforme (Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999 e Decreto Nº 4.281 de 25 de junho de 2002).

## INTRODUÇÃO

“O mundo tornou-se perigoso,  
porque os homens aprenderam  
a dominar a natureza  
antes de dominarem a si mesmos.”  
Albert Schweitzer

A presente investigação se insere na linha de pesquisa de Educação, mídia e estudos culturais, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicopedagogia, Aprendizagem e Cultura, GEPAC-UEM, na linha de pesquisa Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Portanto, o compromisso de pesquisa está ancorado em três bases conceituais teóricas que são os estudos culturais, mídias e formação docente. O tema da presente tese problematiza a degradação ambiental provocada pela ação humana e propõe a utilização de desenhos animados como artefato cultural, na formação docente, alinhada a Lei 9.795/99, que estabelece a Política Nacional de Educação Ambiental, na perspectiva dos estudos Culturais.

Com o advento da Revolução Industrial, a atividade interventora e transformadora do homem na natureza torna-se cada vez mais predatória e nociva ao meio ambiente, uma vez que a produção de bens e produtos precisa de cada vez mais de matéria prima. A vida humana e a de outras espécies encontram-se concretamente ameaçadas pela ação do próprio homem em nome do desenvolvimento, da produção e do lucro do capital. A população mundial, com raras exceções, continua com os velhos hábitos de jogar lixo nas ruas, praias, florestas e rios. Claro que nem todos cometem essa prática incorreta, mas uma parcela significativa da população ainda não se conscientizou das consequências desastrosas dessas atitudes. A maioria das nações, por sua vez, continuam a levar o lixo das cidades para lixões a céu aberto ou para aterros sanitários que poluem o meio ambiente. E o que efetivamente tem sido feito para a solução dos problemas ambientais? Percebi em minhas leituras e pesquisas sobre a temática que as ações se restringem a realização de novas conferências e debates sobre o meio ambiente e veiculação de campanhas publicitárias na tentativa de educar a população.

A busca pela proteção do meio ambiente não é algo novo. Durante toda a história da humanidade houve a preocupação de cuidar (preservar) do planeta e da natureza, até mesmo

para a preservação da espécie humana. Podemos citar no livro de Gênesis capítulo 2, versículo 15, Deus entrega o Jardim do Éden para que o homem cuide dele: “Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o **guardar**.” (grifo nosso). Mas a propósito dessa preocupação do homem com o meio ambiente, pouco foi feito efetivamente para que o ser humano aprenda a proteger e evitar a degradação do meio ambiente. Apesar dos avisos permanentes da tragédia terem sido publicados e divulgados por cientistas sobre os malefícios da ação descontrolada do homem no planeta Terra, o problema está em como estamos educando as futuras gerações sobre um tema que tem sido pouco abordado e estudado que é a Educação Ambiental.

Para Leff (2002, p.191), a crise ambiental é a crise do nosso tempo, pois cada vez mais o consumo e produção estão sendo afetados pelas mudanças climáticas e problemas ambientais que têm assolado o planeta. E, portanto, a crise ambiental passa a ser um problema do meio ambiente, mas também um problema econômico. Barba (2011, p.66) afirma que os estudos científicos voltados para a natureza foram crescendo conforme a ciência foi se desenvolvendo, mas ao mesmo tempo ocorria o avanço da tecnologia, e esta levou a uma crise ambiental que estremeceu as relações entre homem, sociedade e natureza. À medida que a tecnologia e a ciência aceleraram, a produção industrial incentivava o aumento do consumo.

Conseqüentemente, os danos ambientais tornaram-se um problema do nosso tempo, por isso há uma temática constante de debates e estudos científicos cada vez mais frequentes. São nas conferências e encontros para debater sobre o meio ambiente que surgem as preocupações com o meio ambiente e a fonte para os estudos das questões da natureza, bem como os problemas de ordem climática causados pela intervenção do homem na natureza. No ano de 1972, foi realizada a Conferência Mundial sobre Meio Ambiente Humano, na cidade de Estocolmo na Suécia. Deu-se início nessa conferência ao debate sobre o meio ambiente, com identificação dos problemas ambientais e propostas de ações mundiais para minimizar os impactos da ação do homem no meio ambiente, decorrentes das mais diversas atividades de produção e desenvolvimento. A Conferência Mundial sobre Meio Ambiente Humano foi um marco na busca de solução para esta problemática. Passados mais de quarenta anos e a cada nova conferência para debater a temática, pouco se avançou na solução dos problemas causados pelo homem na natureza.

Na Conferência Rio 92, organizada pela Organização das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento e realizada no Rio de Janeiro em 1992, os membros da sociedade civil e governamental de vários países, pela primeira vez, propuseram um Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, o qual

enfaticava a Educação Ambiental como fonte transformadora da realidade mundial no que se refere ao meio ambiente.

Frente aos diversos problemas ambientais, a Educação Ambiental (EA) foi proposta como possível solução a longo prazo, a fim de mudar a relação do ser humano com o meio ambiente. A EA tem sido tratada com grande relevância nas conferências sobre o meio ambiente, porém, ocorrem muitas divergências de como ser trabalhada metodologicamente esta, se como disciplina, se de modo transversal, se interdisciplinar. Há pouca efetividade e quase nada de resultados práticos da EA tanto nas escolas quanto nas universidades. Enquanto se debate a problemática, se a Educação Ambiental deve ser uma disciplina específica no currículo ou trabalhada de forma transversal, a efetividade das ações tem sido pouco percebida pela sociedade e no meio ambiente.

Mas a EA não deve ser relacionada apenas a campanhas publicitárias nos meios de comunicação de massa, cujo efeito é apenas temporário. Esta necessita ser trabalhada em todos os níveis da educação. Uma criança, quando aprende a cuidar do meio ambiente, dificilmente irá degradar este quando adulta. Entendemos que não somente as crianças devem aprender, pois assim como o ensino da matemática, língua portuguesa e outras áreas de conhecimento, a EA deve ser trabalhada aumentando-se o nível de dificuldade e de aprendizado conforme se passam as séries escolares.

A Educação Ambiental (EA) possibilita adquirir conhecimento, valores, habilidade, experiências e a formação de uma nova consciência humana, bem como responsabilidade com o cumprimento dos deveres socioambientais. O Bioma Amazônico possui importância ambiental para o planeta, tendo em vista a exuberância da sua floresta, seja pela biodiversidade, pela capacidade extraordinária de sequestro do carbono na atmosfera e, sobretudo, pela existência de uma diversidade de sua fauna e flora. Faz-se necessário que a educação ambiental seja encarada com maior relevância para preservar as espécies nativas dessa região e para ser um dos fatores a colaborar na resolução dos problemas ambientais existentes.

Botelho (1998) diz que o termo Educação Ambiental (ou environmental education), foi lançado em 1965, na Inglaterra, numa Conferência de Educação que aconteceu na Universidade de Keele, mas já existia a expressão “estudos ambientais” no vocabulário dos professores da Grã-Bretanha. Em 1968, em Leicester - Grã-Bretanha, foi recomendado a fundação da Sociedade para a Educação Ambiental, e a educação ambiental foi definida como um programa de educação que deveria objetivar a formação de cidadãos com o

conhecimento acerca do ambiente biofísico e seus problemas, e que fosse capaz de alertá-los e habilitá-los a resolver os problemas decorrentes da ação do homem na natureza.

Desde 1965, quando iniciou-se a utilização do termo educação ambiental, até chegarmos na efetivação desse como conteúdo a ser ensinado desde a educação básica ao ensino superior, conforme determina a lei 9.795/99, conferências foram realizadas, muitos problemas ambientais foram levantados e muitas lutas foram travadas em favor do meio ambiente. No capítulo IV abordaremos mais detalhadamente o caminho percorrido até a promulgação dessa lei.

O Brasil já avançou nesta temática e criou a lei 9.795/99 que institui a Política Nacional de Educação Ambiental. A lei diz em seu Art. 1º “Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.” Portanto, deve fazer parte da vida do indivíduo na busca da conservação do meio ambiente (BRASIL, 1999).

No Art. 2º da mesma lei, trata a EA como componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal. Portanto não podemos deixar de oferecer a EA nas escolas e universidades sob risco de não conseguirmos uma sociedade e indivíduos que promovam a conservação do meio ambiente (BRASIL, 1999).

A educação ambiental, como qualquer outro conteúdo educacional terá maior efetividade se começada na infância. Vygotsky esclarece que a mente humana em formação é mais receptiva aos ensinamentos, período em que se deve intensificar a aprendizagem das normas da conduta social, com ênfase no desenvolvimento de habilidades que facilitem os processos de ensino e de aprendizagem. Porém, se o docente das séries iniciais do ensino fundamental não estiver preparado e qualificado para tais ensinamentos, o aluno, conseqüentemente, não terá a possibilidade de aprender.

Vygotsky (2003, p.15-20) enfatiza que o homem é constituído de duas funções, as naturais (aquilo que está associado a genética) e as funções culturais (associadas ao convívio em sociedade e pelas interações sociais). Logo, há uma ligação entre o que as pessoas aprendem e o contexto cultural em que vivem e são educadas. De acordo com o autor, as pessoas se apropriam da cultura onde estão inseridas para formar os seus conhecimentos e conceitos.

A EA é recomendada, pela legislação e resoluções, que seja trabalhada de forma

transversal nas séries iniciais do ensino fundamental. Além do processo educacional das questões ambientais, deveria buscar-se ainda trabalhar os problemas socioeconômicos, políticos, culturais e históricos através de interação destes campos de estudo com o meio ambiente. A aplicação tem a extensão de auxiliar na formação da cidadania, de maneira que extrapola o processo tradicional de ensino, propiciando a formação do cidadão para a importância do meio ambiente. Graças a sua abrangência, a Educação Ambiental é uma temática que incentiva a participação da comunidade escolar, conscientizando os participantes, tornando-os cidadãos que preservam o meio ambiente para que ele se torne ecologicamente equilibrado e saudável.

O enfrentamento dos problemas ambientais de hoje exigem que a educação seja mediadora da atividade humana, e isso, por si só, não é possível no atual contexto brasileiro. O Conselho Nacional de Educação tem debatido e entendido que é necessário reforçar a inserção da Educação Ambiental no projeto político pedagógico de cada estabelecimento de ensino (desde a infância até a pós-graduação) de forma multi, trans e interdisciplinar, como um plano coletivo da comunidade escolar e acadêmica. Para tanto, faz-se necessário que o professor formado em pedagogia e demais licenciaturas, bem como os acadêmicos em formação para a docência, estejam aptos, preparados, motivados e conscientizados da importância da Educação Ambiental para a formação do cidadão e para a perpetuação dos recursos naturais.

Com este estudo, buscamos contribuir com a transformação da Educação Ambiental em algo prazeroso e mais leve, pois o que presenciamos é esta ser considerada algo que atrapalha o desenvolvimento econômico e que busca única e exclusivamente proteger a natureza em detrimento do homem e do desenvolvimento econômico e social. Mas a proposta é justamente o oposto, a Educação Ambiental como meio para a preservação da espécie humana e do socioeconômico.

Muito se espera da Amazônia e dos moradores desta região do Brasil. O mundo está com os olhares voltados para essa importante área e quer que a mantenham preservada para que continue a gerar oxigênio e mantendo sua biodiversidade com suas florestas, e para que seus rios caudalosos continuem a despejar nutrientes no Oceano Atlântico por meio do Rio Amazonas (principal rio da Bacia Amazônica).

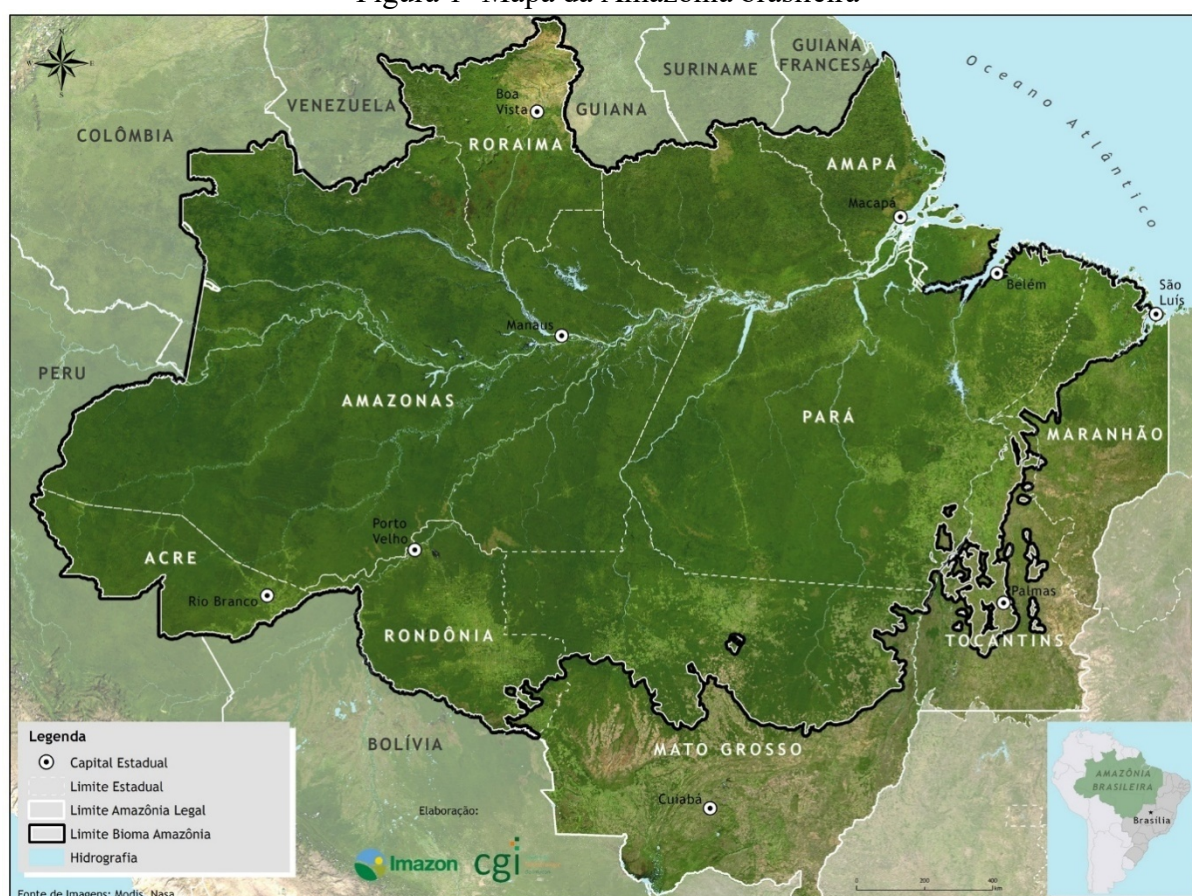
No ano de 2019, a Amazônia esteve no centro dos debates mundiais sobre política e meio ambiente, havendo manifestações com muitas críticas, por parte de vários líderes mundiais, sobre a política ambiental do governo brasileiro, em relação a preservação da Amazônia e principalmente em consequência aos incêndios florestais que ocorreram no



período de clima seco de julho a setembro. Houve propostas, por parte do governo brasileiro, de explorar a mineração em terras indígenas e isso tem sido apontado como um grande risco de genocídio de etnias indígenas. Em meio a toda essa avalanche de notícias ruins em relação ao meio ambiente nacional, estamos atentos às movimentações na área da educação e buscando valorizar e demonstrar que a Educação Ambiental é de significativa relevância para a nação.

A Amazônia engloba uma vasta região que vai desde o norte do continente sul americano, ocupando regiões pertencentes aos países vizinhos do Brasil, como Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname, Venezuela. A Amazônia brasileira ocupa os estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Roraima e ainda parte do estado do Maranhão, Goiás e Mato Grosso, compreendendo uma área total de 5.033.072 km<sup>2</sup>, conforme os dados do IBGE. Isso corresponde a 61% de todo o território brasileiro (Figura 1). Mas nem tudo na Amazônia é a defesa do meio ambiente, estados como Rondônia, Pará e Tocantins são grandes produtores do agronegócio brasileiro.

Figura 1- Mapa da Amazônia brasileira



Fonte: IMAZON, 2014. Acessado em <https://imazon.org.br/mapas/amazonia-legal/>

O estado de Rondônia, por exemplo, ocupa lugar de destaque no cenário econômico

brasileiro com produção de produtos primários como soja, carne, leite, café e cacau. Recentemente, o Estado passou a ser destaque na geração de energia elétrica para abastecer todo o Brasil através do Sistema Elétrico Nacional. Com área de 237.590,543 Km<sup>2</sup> (IBGE, 2016) é o décimo terceiro estado em tamanho territorial e vigésimo terceiro em população com total de 1.562.409 habitantes (estimativa IBGE, 2017), com baixa densidade populacional Rondônia representa apenas 0,8% da população nacional e com apenas 6,6 habitantes por quilômetro quadrado é um dos menores índices de concentração populacional do Brasil (IBGE, 2010), mas sua economia e desenvolvimento humano tem potencial de crescimento (quadro 1).

Quadro 1 - Dados econômicos e sociais do estado de Rondônia

<b>Índice</b>	<b>RONDÔNIA</b>
PIB	R\$36,563 bilhões
Renda per capita	R\$20.677
IDH	0,690
Principais Atividades Econômicas	Agricultura, Pecuária e Extrativismo (Vegetal e mineral)

Fonte: IBGE, 2016

A baixa densidade populacional em Rondônia em parte se justifica por ter grandes áreas de reserva florestal, reserva indígena e reservas extrativistas que são áreas de proteção ambiental e que não podem ser utilizadas para produção. No estado há 40 áreas de proteção ambiental e 22 áreas de reservas indígenas

O município de Guajará-Mirim (Latitude: **10°46'58"S** e Longitude: **65°20'22"W**) é o meu local de fala, situada a oeste do estado de Rondônia, na fronteira o município de Guayaramerin (Bolívia), Nova Mamoré, Jaru e Costa Marques. Recebeu seu nome da “pequena cachoeira” (Guajará-Mirim em Tupi Guarani) localizada às margens da cidade no Rio Mamoré. Destacamos, a seguir, algumas características que a tornam um município peculiar do ponto de vista da preservação ambiental e social.

Com área territorial de 24.855,724Km<sup>2</sup> e população estimada em 45.783 pessoas o que equivale a 1,84hab/Km<sup>2</sup> de densidade demográfica (IBGE, 2018). No estado de Rondônia, a média da densidade demográfica é de 7,39hab/Km<sup>2</sup>. Tal disparidade justifica-se pela quantidade de áreas de preservação ambiental permanente, reservas indígenas e reservas extrativistas existentes no município. Somadas, essas áreas de preservação ambiental representam aproximadamente 93% de todo o território do município com florestas nativas.

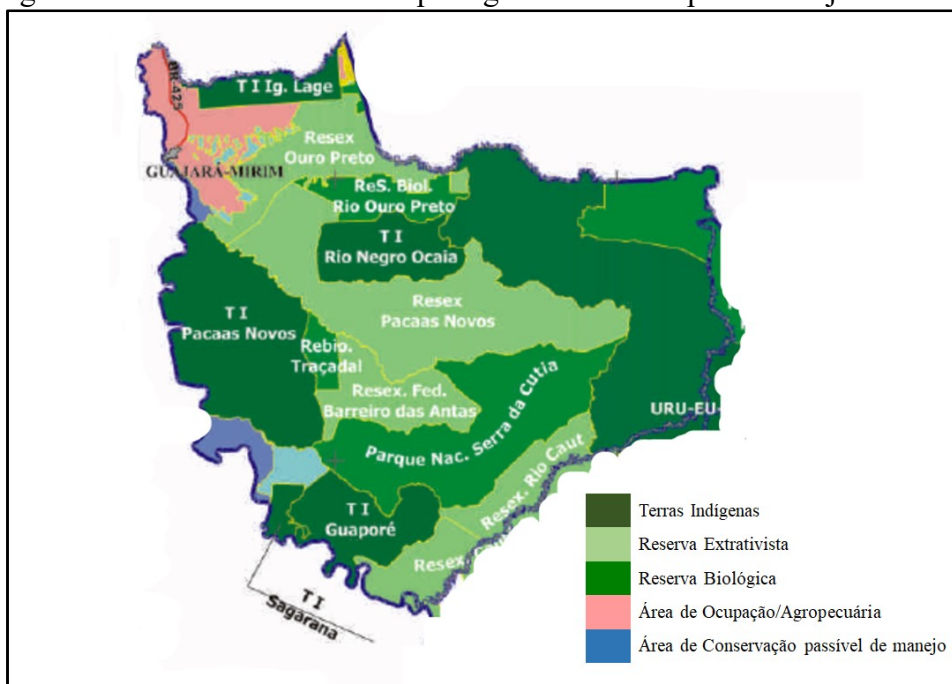
A construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM) trouxe a Guajará-Mirim pessoas de várias nações e regiões do Brasil. Encontravam-se na região habitantes de diversas

etnias indígenas. A EFMM era um dos dois pontos principais de suporte à ferrovia (Porto Velho sendo o início da construção e Guajará-Mirim por ser o destino final da ferrovia), com uma grande migração de estrangeiros (indianos, chineses, portugueses, ingleses, libaneses) e brasileiros (site do IBGE: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/guajara-mirim/historico>). Os ciclos econômicos e a história de Rondônia estão diretamente ligados à história de Guajará-Mirim, que contou com uma grande flutuação populacional no decorrer dos anos.

O município foi criado pela Lei Nº 991 de 12 de julho de 1928, pertencendo ainda ao Estado do Mato Grosso. Com a criação do Território Federal do Guaporé em 13 de setembro de 1943, através do decreto-lei nº 5.812, Guajará-Mirim passou a fazer parte da Divisão Político-Administrativa do novo território federal (IBGE).

O histórico de Guajará-Mirim, segundo a página da web do IBGE(<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/guajara-mirim/historico>) coloca a castanha e a borracha como principais produtos da região no começo do século XX, o que já não mais ocorre. Atualmente o PIB do município é formado pela agropecuária correspondendo a 5% (incluindo os produtos extrativistas), a indústria a 4,5%, o serviço a 72% e impostos sobre produtos líquidos de subsídios a 18,5% do PIB (IBGE, 2016). Posteriormente ao ciclo da borracha, houve o ciclo do ouro, que era retirado dos rios Madeira e Mamoré. Já na década de 1990, houve a criação da Área de Livre Comércio em Guajará-Mirim (decreto 843/93), que fez com que o município recebesse uma nova onda de moradores e visitantes, o que durou pouco tempo, tendo em vista a política cambial e de importação de produtos.

Figura 2: Delineamento de áreas protegidas no município de Guajará-Mirim.



Fonte: Adaptado de SEDAM/RO (2009).

A Figura 2 (página anterior) apresenta o Mosaico de Áreas Protegidas no município de Guajará-Mirim, conforme determina o Zoneamento Socioeconômico Ecológico do Estado de Rondônia definido pela lei complementar n.º 233, de 06 de junho de 2.000.

Do ponto de vista ambiental, o município destaca-se por abrigar dez Unidades de Conservação (UC), sendo um Parque Estadual, duas Reservas Biológicas Estaduais, duas Reserva Extrativistas Estaduais, três Reservas Extrativistas Federais e dois Parques Nacionais conforme tabela 1, sendo que apenas as Unidades de Conservação somadas correspondem a 12.733,7696Km<sup>2</sup>, o que representa 51,23% de todo território do município de Guajará-Mirim.

Tabela 1 – Unidades de Conservação em Guajará-Mirim

<b>NOME</b>	<b>CRIAÇÃO</b>	<b>ÁREA/ha.</b>	<b>%</b>
Parque Estadual de Guajará-Mirim	1990	5.174,00	0,21
REBIO Traçadal (Reserva Biológica Estadual)	1990	22.540,00	0,91
REBIO Rio Ouro Preto (Reserva Biológica Estadual)	1990	46.438,00	1,87
RESEX Rio Pacaás Novos (Reserva Extrativista Estadual)	1995	342.904,00	13,8
RESEX Cautário (Reserva Extrativista Estadual)	1995	70.116,35	2,82
RESEX Rio Ouro Preto	1990	204.583,00	8,23
RESEX Barreiro das Antas	2001	107.234,00	4,31
RESEX do Rio Cautário	2001	74.294,94	2,99
PARNA Serra da Cutia	2001	283.612,00	11,41
PARNA Pacaás Novos*	1979	116.480,67	4,69
Somatório das Unidades de Conservação		1.273.376,96	51,23
Guajará-Mirim	---	2.485.572,4	100
*Área sobreposta a Terra indígena Uru-Eu-Wau-Wau			

Fonte: dados da pesquisa retirados de <https://uc.socioambiental.org/pt-br> (2019)

Além das unidades de conservação, citadas anteriormente, dentro do município de Guajará-Mirim estão localizadas seis Terras Indígenas, as quais também são áreas de preservação ambiental, demonstrado na tabela 2, sendo que algumas terras indígenas estão localizadas em mais de um município. O somatório das unidades de conservação e das terras indígenas forma um grande mosaico de áreas protegidas dentro e no entorno do município de Guajará-Mirim. Esta é uma das regiões mais protegidas ambientalmente do estado de Rondônia e faz parte do Corredor Ecológico Guaporé/Itenez-Mamoré, junto com outras áreas bolivianas e brasileiras. Essas unidades de conservação representam aproximadamente 92% de todo território do município de Guajará-Mirim (CAVALCANTE, 2011, p.269).

Tabela 2 – Terras Indígenas em Guajará-Mirim

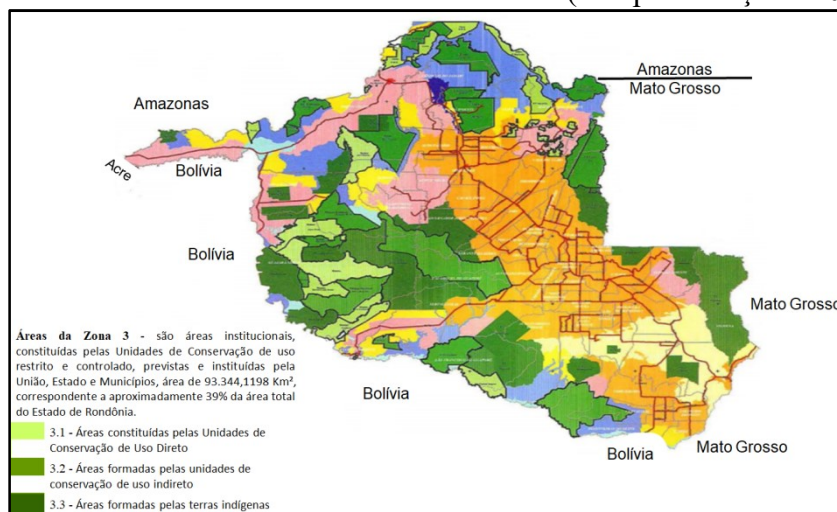
NOME	CRIAÇÃO	ÁREA/ha.
TI Igarapé Lage	1981	107.321,00
TI Pacaás Novas	1991	279.906,00
TI Sagarana	1996	18.120,00
TI Rio Guaporé	1996	115.788,00
TI Uru-Eu-Wau-Wau*	1991	1.867.120,00
TI Rio Negro Ocaia	1981	104.064,00
*Área parcialmente sobreposta ao PARNA Pacaás Novos		

Fonte: Dados da pesquisa, retirados de <https://terrasindigenas.org.br/en/terras-indigenas> (2019)

Os dados do Zoneamento Econômico Ecológico (ZEE/2009) do estado de Rondônia informam que todas as unidades são categorizadas na Zona 3 (Figura 3, na página seguinte), descrita como “áreas institucionais”, constituídas pelas áreas protegidas de uso restrito e controlado, previstas em lei e instituídas pela União, Estado e municípios. Essas áreas ajudam a segurar o avanço da fronteira agrícola em Rondônia, pois fazem fronteira com áreas classificadas pelo ZEE como Zona 1 “zonas de ocupação da terra para diferentes usos, principalmente agropecuários, com graus variáveis de ocupação e de vulnerabilidade ambiental”. No município de Guajará-Mirim, apenas a área nas proximidades da sede do município está classificada dentro da Zona 1 (CAVALCANTE, 2011, p.269).

Pela extensão protegida, entendemos que o município de Guajará-Mirim possui uma grande importância para o estado de Rondônia e para a Amazônia pela conservação da fauna e da flora, sendo boa parte do seu território responsável por segurar a expansão agrícola e pecuária que ocorreu e continua ocorrendo no estado de Rondônia e na Amazônia brasileira (CAVALCANTE, 2011, p.298).

Figura 3: Mapa da Zona 3 (tons de verde) – Áreas Protegidas pelo Zoneamento Sócio Econômico Ambiental do Estado de Rondônia (2ª Aproximação - 2009).



Fonte: Adaptado de SEDAM/RO, 2009 (Cartilha do Zoneamento Socioeconômico e Ecológico do Estado de Rondônia).

Essa contextualização se fez necessária para esclarecer os motivos que nos levaram a realizar essa pesquisa sobre a contribuição do cinema na prática pedagógica da Educação Ambiental, mas a motivação principal é a percepção empírica da rejeição por parte da população de Guajará-Mirim quanto as florestas e unidades de conservação. Sendo que a população entende que estas UC's, são prejudiciais ao desenvolvimento do município e atrapalham na geração de emprego e renda para a população.

Parece estranho que a população de uma cidade em plena Floresta Amazônica tenha repulsa à floresta, mas ocorre que a população urbana e rural são seduzidas pela visualização midiática do mundo da produção agropecuária e do consumo, transmitindo a ideia de que os estados desenvolvidos foram desmatados para a produção agrícola e industrial. Observamos empiricamente que isso ocorre não apenas na cidade de Guajará-Mirim, mas nos demais municípios do estado de Rondônia. Pelo fato de 92,7% de todo o território guajaramirense ser área de preservação (terras indígenas, reservas legais ou áreas de reserva extrativista) e sobrar pouco mais de 7% para a cidade e área rural destinada a agricultura ou pecuária (CAVALCANTE, 2011, p.305), muitos moradores determinam como a causa do fracasso econômico do município às florestas. Embora as mídias tenham chamado a atenção do público sobre os problemas ambientais, no ensino superior, especialmente nos cursos de licenciatura, percebemos uma carência na formação docente para a educação ambiental, de forma transversal. Diante desse contexto apresentado e as dificuldades em se definir uma metodologia para o ensino e conscientização ambiental, e na busca por novas propostas didáticas, temos o seguinte problema de pesquisa: qual o potencial pedagógico dos filmes “Wall-e” e “Lorax – em busca da Trúfula perdida” para o ensino da Educação Ambiental na formação de acadêmicos das licenciaturas?

Adotamos como objetivo geral dessa pesquisa: identificar o potencial pedagógico dos filmes para a educação ambiental, como proposta para a formação docente. Para tanto, a hipótese está relacionada com a percepção da população de Guajará-Mirim quanto à floresta e com a Educação Ambiental. Tendo, portanto, como hipótese: os desenhos animados são fontes de ensino tanto para as crianças quanto para adolescentes, jovens e adultos para se trabalhar a Educação Ambiental. Pretendemos, assim, contribuir com a didática para o ensino da Educação Ambiental na formação docente para atuar na educação básica e na educação superior, a fim de formar docentes conscientes do seu papel social e cultural pela preservação do meio ambiente e, conseqüentemente, contribuir de forma a preservar a existência saudável das futuras gerações.

Como objetivos específicos para atender ao problema e objetivo geral temos:

- Descrever a influência das mídias na cultura;
- Apresentar os pressupostos e legislações sobre Educação Ambiental;
- Analisar os Filmes propostos para levantar as pedagogias culturais para a Educação Ambiental na formação docente.

Dialogando com os Estudos Culturais e com perspectiva epistemológica no pós-estruturalismo, identificamos em dois filmes um potencial pedagógico na formação docente, para atuar no ensino da EA na Educação Básica e na Educação Superior. Dessa forma, pretendemos contribuir, sobretudo, para a conscientização de estudantes que vivem na região amazônica, tendo em vista, que essa população tem acesso as mídias nacionais (televisão, sites e redes sociais), bem como as mídias internacionais, dos quais sugerem que o desenvolvimento econômico está relacionado ao agronegócio que ignora a sustentabilidade ambiental e ecológica da Amazônia.

Em busca de material teórico, foi pesquisado nas páginas da web do Google Acadêmico, da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD, dos Periódicos da CAPES e do Banco de Teses e Dissertações da CAPES, realizadas no dia 19 de abril de 2019, sem filtrar por data. Realizadas as pesquisas pelos termos “Educação Ambiental”, “Cinema e Educação Ambiental”, “Filme Educação Ambiental”, “Educação Ambiental WALL-E” e “Educação Ambiental Lorax”. Separamos por livros, teses, dissertações e artigos científicos publicados em periódicos qualificados e anais de eventos científicos a partir do ano de 1999, ano em que foi promulgada a lei 9.795/99 que dispõe sobre a Política Nacional de Educação Ambiental.

Apesar do Google Acadêmico ser a plataforma de busca mais acessada entre as pesquisadas, não é a mais utilizada no meio acadêmico, mas é a com maior variedade de ocorrências. Destaca-se o Google Acadêmico como parte das funcionalidades da empresa multinacional americana Google, que presta serviços online e de softwares, esta tem como missão "organizar a informação mundial e torná-la universalmente acessível e útil" ([canaltech.com.br/google](http://canaltech.com.br/google)). Portanto essa é a plataforma mais fácil de ser utilizada e mais acessível. Foram encontrados os seguintes resultados no Google Acadêmico (quadro 2):

Quadro 2 – Quantidade de ocorrência por termos.

<b>Termo</b>	<b>Livros</b>	<b>Teses</b>	<b>Dissertações</b>	<b>Artigos</b>
Educação Ambiental	238	26	53	5032
Cinema e Educação Ambiental	0	1	1	0
Filme e Educação Ambiental	0	1	2	1
Wall-e	0	0	0	1
Lorax	0	0	1	1

Fonte: Google Acadêmico em 16/04/2019

Com objetivo de integrar e disseminar teses e dissertações defendidas em instituições brasileiras de ensino e pesquisa e mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia que é uma autarquia do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD também é uma plataforma gratuita de busca. Nesta plataforma que é o banco de teses e dissertações (quadro 3) encontramos os seguintes resultados:

Quadro3 – Quantidade de ocorrência por termos.

<b>Termo</b>	<b>Teses</b>	<b>Dissertações</b>
Educação Ambiental	475	1852
Cinema e Educação Ambiental	0	1
Filme e Educação Ambiental	0	0
Wall-e	0	0
Lorax	0	0

Fonte: BDTD em 16/04/2019

O Portal de Periódicos da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) é uma biblioteca digital que disponibiliza às instituições de ensino e pesquisa, as produções científicas do Brasil e do exterior. Criado para minimizar a defasagem de utilização das bibliotecas físicas, tem atendido ao setor acadêmico, produtivo e governamental. Nesta plataforma de periódicos (quadro 4) encontramos os seguintes resultados quantitativos:

Quadro 4 – Quantidade de ocorrência por termos.

<b>Termo</b>	<b>Livros</b>	<b>Teses</b>	<b>Artigos</b>
Educação Ambiental	160	2180	8602
Cinema e Educação Ambiental	0	0	0
Filme e Educação Ambiental	0	0	0
Wall-e	0	0	0
Lorax	0	0	0

Fonte: Periódicos da Capes em 16/04/2019



Já no Catálogo de teses e dissertações da Capes ligado ao Ministério da Educação, plataforma específica para teses de doutorado e dissertações de mestrado vinculados aos programas de pós-graduação brasileiros, encontraram-se os seguintes resultados:

Quadro 5 – Quantidade de ocorrência por termos.

<b>Termo</b>	<b>Teses</b>	<b>Dissertações</b>
Educação Ambiental	894	4489
Cinema e Educação Ambiental	0	2
Filme e Educação Ambiental	0	0
Wall-e	2	4
Lorax	0	1

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da Capes em 16/04/2019

É importante salientar que todas as plataformas pesquisadas são gratuitas e não requerem cadastro prévio de usuário. Os termos localizados são referentes a temas, títulos ou até mesmo partes do texto das obras. Mas o destaque fica para a evidência que estão pesquisando e publicando muito sobre Educação Ambiental, devido à relevância da temática tanto para a educação quanto para o meio ambiente. Faz-nos feliz este quantitativo de livros, teses, dissertações e artigos científicos que foram localizados e que alguns foram utilizados no arcabouço teórico desta pesquisa.

Baliscei (2018,) em sua tese de doutorado, analisa a masculinidade dos heróis, vilões e coadjuvantes dos filmes da Disney. O autor investiga como as pedagogias Disney ensinam a“ser homem”, estabelecendo um diálogo entre os Estudos Culturais, o Estudo da Cultura Visual e os Estudos das Masculinidades nos filmes analisados. Partindo dessa modelagem de análise, busquei a fonte de origem que é o método de Robert William Ott, que criou um método de análise das imagens para ensinar a olhar, observar os objetos e pensar criticamente os artefatos visuais, denominado *ImageWatching*.

Mas nos deparamos com uma dificuldade para análise, pois tanto Baliscei (2018, p. 77) com sua metodologia denominada PROVOQUE (Problematizando Visualidades e Questionando Estereótipos), quanto Ott (2011, p.124) com o *ImageWatching*, analisam apenas as imagens, mas em um filme ou desenho animado não pode ser analisado somente pela figura estática, pois existe o movimento e o som. Se os personagens falam ou uma música é tocada, algo é transmitido. Seria incompleto analisar apenas as imagens, e portanto, a nossa modelagem de análise do potencial pedagógico abrange, além da imagem, também o som.

Essa proposta metodológica para análise dos artefatos visuais nos inspira a pensar nos filmes de animação como artefato cultural para o ensino da Educação Ambiental. Os filmes,

*WALL-E e Lorax- em busca da trífula perdida* permitem uma reflexão e possibilita a conscientização sobre o problema da degradação ambiental no planeta. Na perspectiva dos estudos culturais propomos o ver além da história contada, mas explorar ao máximo as mensagens passadas pelas imagens e sons.

Com frequência, método e metodologia são confundidos, para Cohen, Manion e Morrison (2005, p. 44-45) métodos são as abordagens utilizadas para coletar dados para ser base para a interpretação, já metodologia descreve e analisa os métodos utilizados. Para essa pesquisa elaboramos o método PIAR Ambiental (Percebendo, Identificando, Agrupando e Relatando) que visa captar, analisar e classificar todas as mensagens passadas pelas imagens e sons, que dizem respeito ao meio ambiente e a relação do homem com este. Na figura 14 apresento o esquema visual de como funciona o PIAR Ambiental, pois este não é um método linear e sim um método que se retroalimenta e, portanto a percepção pode sofrer mudança de acordo com que o receptor do filme vai assistindo mais vezes o mesmo filme ou mais filmes com o olhar para o meio ambiente.

O método ora criado para análise das pedagogias culturais de filmes para a educação ambiental segue algumas modelagens e sequências para que tenha melhor resultado. Antes da exibição do filme, é necessário que os receptores estejam alinhados quanto à concepção de problemas ambientais, do conceito de degradação ambiental, desperdício de matéria, recuperação de áreas degradadas, preservação do meio ambiente e de conscientização ambiental e de consumo de bens e produtos. No quadro 8 apresentamos detalhadamente as etapas do método PIAR Ambiental.

A primeira etapa é da percepção (Percebendo), onde o receptor tem que estar atento visual e auditivamente, pois cada imagem e som pode lhe trazer uma percepção ambiental, não sendo, portanto a percepção de apenas imagens, mas o conjunto de imagem e som. A segunda etapa é a identificação (Identificando) dos pontos principais que o receptor percebeu na etapa anterior, em que o mesmo irá anotar e analisar o que lhe chamou atenção. Na terceira etapa (Agrupando), o receptor irá classificar os itens identificados em cinco categorias que são: degradação do meio ambiente, desperdício de material, recuperação de áreas degradadas, preservação do meio ambiente e conscientização ambiental e de consumo. E na quarta e última etapa (Relatando), o receptor irá relatar o que diagnosticou seguindo um roteiro hierárquico do menor (degradação) para o maior (conscientização).

Quadro 8 – Etapas do método PIAR Ambiental

CATEGORIA	AÇÕES	
PERCEBENDO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observando</li> <li>• Ouvindo</li> </ul>	
IDENTIFICANDO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Analisando</li> </ul>	
AGRUPANDO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Classificando</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conscientização</li> <li>Preservação</li> <li>Recuperação</li> <li>Desperdício</li> <li>Degradação</li> <li>Oprimido</li> <li>Opressor</li> <li>Manipulação pela Mídia</li> </ul>
RELATANDO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diagnosticar</li> </ul>	

Fonte: Elaboração do Autor, 2019.

O PIAR Ambiental, assim como o piado de um pintinho (cria da galinha) sozinho não será ouvido a distância, mas incomodará quem está por perto, pretende-se que assim seja, que incomodemos os que estão ao nosso redor, para que haja o despertar da consciência ambiental. Mas este piado de vários pintinhos será ouvido mais longe e incomodará muito mais, a ponto que seja movimentado a sociedade para que desperte que o meio ambiente é o local que vivemos e tiramos a nossa subsistência e vida.

Nesta parte da tese destrinchamos as mídias e o seu poder de persuasão das pessoas e consequentemente da cultura de um povo. A próxima seção que trata da educação ambiental, enquanto conteúdo curricular, faz-se necessária para que todos fiquem alinhados na importância desses para a formação de docentes, aliás, formação essa que é a o foco da linha de pesquisa a qual essa pesquisa faz parte que é a de Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores, em que consta que essa linha abrange investigações sobre os processos, desenvolvimento e formação de professores entre outras. Portanto, assim como fizemos com as mídias, detalharemos os princípios, a história e as normas da educação ambiental no Brasil.

A tese está dividida em Apresentação, Introdução, dois capítulos de referencial teórico, um capítulo de análise fílmica e as Conclusões, assim descritos.

No primeiro Capítulo, **Influência Midiática**, levo a reflexão que a mídia cinematográfica por vezes tem sido colocada como “vilã”, influenciadora da cultura do consumo, mas os filmes objetos do estudo nos trazem justamente a reflexão dos malefícios do neoliberalismo capitalista e poluidor do meio ambiente, apresentando com base nos estudos culturais a alternativa da produção consciente, equilibrada e harmônica com o meio ambiente;

No segundo Capítulo, **Educação Ambiental – marcos históricos e marco legal**, discuto as políticas educacionais, as lutas e as vitórias que estão alicerçadas nas políticas públicas internacionais e nacionais, recomendando que a Educação Ambiental tenha sua posição de destaque, seja pela necessidade humana de preservação ambiental ou pelas imposições e as sanções de outras nações sobre Brasil para que este preserve o meio ambiente, enquanto outras nações estão poluindo em nome da produção e do capital.

No terceiro Capítulo, **Arte e Meio Ambiente – união pertinente**, descrevo e analiso o potencial pedagógico dos Filmes *WALL-E* e *Lorax – em busca da tréfula perdida* com o intuito de se aprofundar nos filmes para problematizar o meio ambiente no momento atual e as perspectivas de futuro do planeta frente aos potenciais pedagógicos que os filmes apontam. Apesar de serem filmes de animação voltados para o entretenimento e não diretamente educativos, percebi que os problemas ambientais retratados nas narrativas cinematográficas e as consequências que poderiam levar a destruição do planeta Terra permitem uma reflexão sobre as ações humanas.

Nas Conclusões, reflito sobre a arte de educar ambientalmente, com base nos estudos culturais e as contribuições que os filmes trazem para o ensino de Educação Ambiental na formação docente, não apenas para as populações da Amazônia, mas também para as demais populações e culturas brasileiras.

## CAPÍTULO I – INFLUÊNCIA MIDIÁTICA

Nesta seção abordamos a influência das mídias, explanando sobre a ambiguidade desse aparato cultural, seja vista como vilã na formação da cultura contemporânea, ou como importante fonte de informação. Entendemos que, se bem trabalhada, com princípios éticos voltados para o bem comum, especialmente para o desenvolvimento socioambiental, poderá colaborar para a construção de um mundo mais justo socialmente e correto ambientalmente. Não é fácil, pois historicamente as mídias têm servido as grandes corporações e aos interesses do capital, mas a presente Tese vem para demonstrar que ainda podemos ter esperança em dias melhores. Teruya (2006, p.50) afirma que no mundo audiovisual, cada indivíduo busca e interage com as mensagens midiáticas que mais se identifica para adquirir novos conhecimentos. Com isso fica evidente que cada um tem sua forma de melhor aprender e, portanto, interage de forma diferente.

Mesmo não sendo o foco principal da pesquisa, faz-se necessário que demonstremos alguns exemplos de influência da mídia na cultura e modo de viver das pessoas. Quem não se lembra dos filmes de Faroeste ou “BangBang”? Nos anos 50 a 70 do século XX, estes filmes fizeram muito sucesso, pois praticamente monopolizaram suas exibições nas telas das salas de cinemas e também ao ar livre ou salões existentes na maioria das cidades brasileiras para retratar a vida dos americanos retratados como heróis durante a colonização da costa oeste dos Estados Unidos da América. Suas narrativas representavam os anos que precedem a Guerra Civil americana – 1861 – ao início do século XX. Não se tratava de mero entretenimento, pois os filmes ensinavam que os índios eram os vilões esugeriam para a plateia que todos deveriam ser mortos. Em momento algum mencionava que a terra era dos nativos indígenas e que, portanto, os “cowboys” representados como heróis ou mocinhos nesses filmes, na verdade, eram os invasores da terra.

Mas a ganância dos desbravadores interessava aos Estados Unidos da América e o genocídio deveria ser justificado, o cinema tornou-se uma indústria cultural produzindo uma subjetividade coloca o índio como vilão a ser combatido, ensinando gerações inteiras a brincar de matar índios. Dessa forma, aprendemos desde a nossa infância a desprezar e odiar os povos indígenas, mesmo sem ao menos ter convivido com povos indígenas, mas simplesmente pelo fato de nos filmes assim ser retratado.

Na figura 4 mostramos duas capas de filmes deste gênero cinematográfico em que nos apresenta os índios Apaches como vilões, sendo um com nome de “A revolta dos Apaches” e

o outro denominado “Fúria Apache”, remetendo o papel de vilão aos índios.

Figura 4: Capas de filmes de faroeste dos Estados Unidos da América.



Fonte: <http://faroestefilmes.com.br/filmes-publicados/a-revolta-dos-apaches-1951> e <https://www.cineclassic.com.br/Furia-Apache/prod-7515529/> em 11/03/2019

A grande influência desses filmes de faroeste nos Estados Unidos da América possibilitou ao ator Ronald Reagan ganhar a eleição para governador do estado da Califórnia em 1966, permanecendo até janeiro de 1975. Posteriormente, em 1980, foi eleito presidente dos Estados Unidos sendo reeleito em 1985, permanecendo até 20 de janeiro de 1989 (Figura 5).

Figura 5: Ronald Reagan na época como ator e posteriormente como Presidente dos Estados Unidos da América.



Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historia-america/ronald-reagan.htm> em 11/03/2019

Narrar o índio como vilão nas telas do cinema pode contribuir para desencadear um sentimento de ódio, favorecendo atos fascistas e crimes contra as minorias culturais.

Por exemplo, o crime ocorrido em Brasília-DF no ano de 1997, onde quatro jovens estudantes de classe média/alta jogaram álcool no corpo do índio Galdino (etnia Pataxó) e atearam fogo, ocasionando na morte do mesmo. Na época os jovens (criminosos) alegaram ser apenas uma brincadeira e que não tinham a intensão de matar. Não podemos afirmar que esse crime bárbaro tenha sido influenciado pelos filmes, mas ficamos com a sensação de que estamos vivendo dentro dos filmes, onde os índios eram vilões e deveriam ser caçados e mortos.

Com o objetivo de demonstrar na prática a influência que a cultura (cinema/filmes) tem no modo de pensar e viver das pessoas que citamos os filmes de faroeste, então, por que não utilizar essa influência que a mídia tem nas pessoas para que tenhamos pessoas comprometidas com o meio ambiente?

Muitos filmes e desenhos animados já foram produzidos tendo como pano de fundo ou tema principal as questões do meio ambiente e as relações do homem com os recursos naturais e impactos que esse causa. Posteriormente no quadro 6, 7 e 8e na figura 6 apresentamos alguns exemplos destes artefatos culturais que podem influenciar as pessoas a se preocupar com o meio ambiente e a natureza.

Mas o que me inquietava era: será que as mídias só trazem influências negativas do ponto de vista social e de consumo? Pois muitos trabalhos acadêmicos pesquisaram e avaliaram as mídias como algo que influencia na cultura e na vida das pessoas. Muitos estudos concluíram que a intenção das mídias é enquadrar a sociedade no “padrão” (HALL, 2004/ PIKANÇO, 2011 e TERUYA, 2020) imposto pelas organizações de produção de bens de consumo e pelo modelo capitalista consumista. O que importa é o consumo pelo consumo e para aumentar o lucro das corporações, exploração de minerais, tráfico de animais e outros. Não se incomodando com os impactos deste modelo ao meio ambiente.

Leff, em sua obra *Ecologia, Capital e Cultura*, nos remete a reflexão sobre a influência e importância da cultura para nossa convivência com a natureza e quão importante essa natureza será considerada pelas pessoas:

Ante o crescente e acelerado processo de degradação ambiental, assim como de seus efeitos nos desequilíbrios ecológicos e das bases de sustentabilidade ecológica do planeta, pouco a pouco se vem reconhecendo o papel imprescindível da cultura na sustentabilidade ecológica – das diversas culturas na coevolução da natureza e de seu entrelaçamento com a trama ecológica do planeta (LEFF, 2009, p. 272).

Não obstante, percebemos a possibilidade de os filmes colaborarem para a conscientização ambiental e do consumo consciente, conforme preconiza as BNCC (Educação Infantil e Ensino Fundamental – 2017 e Ensino Médio – 2018) recém editadas e promulgadas. Destacamos que dentre as competências a serem trabalhadas nas escolas está a consciência socioambiental e o consumo consciente e, portanto, é necessária formação docente para que tenham um conhecimento mais aprofundado destes temas. Os cursos de graduação em licenciaturas pouco abordam e trabalham essa temática ambiental e consumo consciente.

Alguns artefatos culturais são citados com frequência porque tratam dos problemas relativos ao meio ambiente e a preservação deste, nos quadros 6, 7 e 8 destacamos alguns artefatos culturais que são relacionados a essa temática. Para montar a lista de filmes voltados para o meio ambiente, nos apropriamos de 3 listas que foram elaboradas pela revista Exame (<https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/13-filmes-para-inspirar-seu-filho-a-cuidar-do-planeta/2016>), conforme apresentamos primeiramente no quadro 6.

Quadro 6 – 12 filmes para inspirar seu filho a cuidar do Planeta (Revista VIP – Exame)

<b>NOME</b>	<b>TIPO</b>	<b>ANO</b>	<b>Classificação</b>
1. Sammy: A Grande Fuga	Animação/Longa Metragem	2011	Livre
2. Lorax: em busca da trufula perdida	Animação/Longa Metragem	2012	Livre
3. WALL-E	Animação/Longa Metragem	2008	Livre
4. O Grande Milagre	Filme/Longa Metragem	2012	Livre
5. Procurando Nemo	Animação/Longa Metragem	2003	Livre
6. Rio	Animação/Longa Metragem	2011	Livre
7. Os sem floresta	Animação/Longa Metragem	2006	Livre
8. HappyFeet - O Pinguim	Animação/Longa Metragem	2006	Livre
9. Vida de Inseto	Animação/Longa Metragem	1998	Livre
10. O Rei Leão	Animação/Longa Metragem	1994/2019	Livre
11. Bambi	Animação/Longa Metragem	1942	Livre
12. A Marcha dos Pinguins	Documentário	2005	Livre

Fonte: <https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/13-filmes-para-inspirar-seu-filho-a-cuidar-do-planeta/> em 21 de abril de 2019.

Já no quadro 7 apresentamos os filmes indicados pelo site Florestal Brasil (<http://www.florestalbrasil.com/2016/02/10-filmes-sobre-o-meio-ambiente.html>, 2016), site



este dedicado exclusivamente a notícias e informações da área florestal no Brasil. Por ser um site especializado ao tema florestal, a visão é um pouco diferente – tendo em vista que a revista VIP tem cunho cultural e o site Florestal Brasil é de cunho ambiental, e consequentemente os filmes são outros.

Quadro 7 – 10 Filmes sobre o Meio Ambiente(Site Florestal Brasil)

<b>NOME</b>	<b>TIPO</b>	<b>ANO</b>	<b>Classificação</b>
Crude	Documentário	2009	Livre
WALL-E	Animação/Longa Metragem	2008	Livre
Xingu	Drama/Ação	2012	12 anos
Oceans	Documentário	2010	Livre
The dayaftertomorrow (O dia depois de amanhã)	Ficção Científica	2004	10 anos
Lixo extraordinário	Documentário	2011	10 anos
Avatar	Ficção Científica	2010	12 anos
A lei da água	Documentário / Brasil	2015	Livre
Saneamento Básico – o filme	Comédia / Brasil	2007	14 anos
The 11th Hour – A última hora	Drama / Documentário	2007	12 anos

Fonte: <http://www.florestalbrasil.com/2016/02/10-filmes-sobre-o-meio-ambiente.html> em 21 de abril de 2019.

Mas a temática ambiental não é restrita aos sites de negócios (Revista Exame) ou florestais (Florestal Brasil), o meio cultural também tem interesse na temática, citamos o site Cabine Cultural (<http://cabinecultural.com/2017/09/04/lista-de-filmes-cinema-e-meio-ambiente-o-filme-e-sua-relacao-com-as-questoes-ambientais/>, 2017) apresentou uma relação de filmes e matéria sobre a importância dos filmes que abordam as questões ambientais. O referido site dedica-se a publicar matérias e divulgar eventos culturais, mas a preocupação com o meio ambiente tem que ser de todos e não apenas dos ambientalistas.

Trazendo à tona somente longa metragens de animações feitas com fins comerciais (lucro para o estúdio), citamos alguns filmes (desenhos animados) por tratarem dos problemas relativos ao meio ambiente, não necessariamente por ação do homem. Na figura 6, apresentamos alguns deles: A Era do Gelo, Procurando Nemo, Bee movie: a história de uma abelha, Mogli – o menino lobo, Tarzan, Os sem floresta, além de Wall-E e Lorax, que selecionamos para ser o nosso foco de estudos.

Figura 6: Capas dos filmes que tem relação com Educação Ambiental, de acordo com o site cinema.com



Fonte: <https://www.ajudaria.com.br/amp/meio-ambiente/10-filmes-infantis-que-incentivam-cuidar-meio-ambiente/> em 21 de abril de 2019.

Os estudos culturais se caracterizam por dar voz aos excluídos e marginalizados pela cultura tradicional e elitista, Mattelart (2004, p.14) nos lembra que a “Escola de Birmingham explora as culturas jovens e operárias, os conteúdos e a recepção da mídia.” É justamente essa recepção da mídia que nos inquieta e interessa. Desta forma, optamos pela análise de dois filmes (animação) na busca do potencial pedagógico que estes artefatos culturais oferecem ao ensino da educação ambiental na formação docente, bem como na formação de crianças e adultos. Estes desenhos animados são acessíveis a todos os tipos de públicos, porque se utiliza da linguagem simples, mas parecem profícuos para serem analisados, pois nos remetem ao cotidiano de pessoas comuns que formam a grande massa da população brasileira.

Poderia ser questionado o por que de não realizar a análise de filmes com a temática ambiental clara (o que para esse pesquisador não foi se quer cogitado), mas a resposta é objetiva e simples, filmes ambientais em geral são documentários, e mesmo os que não são documentários, não são de alcance ao grande público nas salas de cinemas espalhadas em shoppings e cidades brasileiras, ficam restritos a mostras de cinema ambiental e quando muito

utilizados em espaços escolares, mas com forte rejeição por parte de jovens estudantes. A proposta dessa tese é justamente a de que os docentes em sua formação tenham acesso e uma ferramenta para levantar em filmes comerciais o potencial pedagógico para a educação ambiental.

Para Mattelart (2004, p.67), no CCCS (Centre for Contemporary Cultural Studies) os pesquisadores foram levados a considerar a diversidade de produtos culturais consumidos pelas classes populares, portanto não pretendemos buscar na intelectualidade erudita ambiental as propostas para a educação ambiental e sim no popular, no comercial (acessível a todos), e nos meios de difusão em massa, pois entendemos que a partir da cultura popular acessível que podemos alcançar maior número de receptores e persuadi-los da importância do meio ambiente e de sua preservação.

Em a centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo, Hall (1997), escreve que o tempo é uma revolução cultural, esta revolução é feita pela comunicação e informação. Mas quem comanda estas formas de comunicação? Os meios de comunicação são poderosos formadores de pessoas e das culturas e quanto mais desenvolvido e acessível for esta informação, maior o alcance, e conseqüentemente mais pessoas serão influenciadas.

Entendemos como sujeito todo aquele que de alguma forma sofre influência e é dependente do outro, mas também é aquele que ao olhar para si luta contra toda e qualquer forma de sujeição (FISCHER, 2002, p. 27). Pensando em como realizar o levantamento do potencial pedagógico dos filmes nos deparamos com este conceito de dispositivo pedagógico de Fischer em que os saberes, de alguma forma influenciam pessoas, direcionando-lhes como ser e estar na cultura em que vivem.

Hall já escreve que a cultura está no centro das atenções e, portanto, vem desempenhando papel importante na formação da sociedade, mesmo que tardia, mas vem acontecendo:

No séc. XX, vem ocorrendo uma - revolução cultural no sentido substantivo, empírico e material da palavra. Sem sombra de dúvida, o domínio constituído pelas atividades, instituições e práticas expandiu-se para além do conhecido. Ao mesmo tempo, a cultura tem assumido uma função de importância sem igual no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade moderna tardia, aos processos de desenvolvimento do meio ambiente global e à disposição de seus recursos econômicos e materiais (HALL, 1997, p.2).

O autor destaca que a cultura vem organizando a sociedade e do desenvolvimento do meio ambiente global, esta é a forma como a mídia tem colaborado e se tornado colaboradora da sociedade. Mesmo reconhecendo que são poucos os espaços midiáticos que trabalham pelo

bem comum da sociedade e do meio ambiente, não percamos as esperanças.

Mas Mattelart (2004, p.14) diz que as pesquisas dos estudos culturais se estenderam para os componentes culturais ligados ao “gênero”, à “etnicidade” e ao conjunto das práticas de consumo, a lógica desse consumo que buscamos desvendar e se possível possibilitar que seja um consumo com mais consciência e menos agressivo ao meio ambiente.

Inegavelmente teremos características dos países dominantes da mídia espalhada e sendo massificada em todas as nações, sejam elas ocidentais, orientais, desenvolvidas, em desenvolvimento e até nas subdesenvolvidas conforme nos diz Hall (1997, p.3):

Há, certamente, muitas consequências (*sic*) negativas - até agora sem solução - em termos das exportações culturais do ocidente tecnologicamente superdesenvolvido, enfraquecendo e minando as capacidades de nações mais antigas e de sociedades emergentes na definição de seus próprios modos de vida e do ritmo e direção de seu desenvolvimento.

As nações e suas culturas estão sendo bombardeadas pela mídia mundial, pois estamos vivendo a era do acesso veloz a informação, graças às facilidades criadas pela expansão da internet, bem como pelo aumento dos lares com televisão aberta, televisão a cabo, e especialmente pela massificação de utilização dos smartphones que estão 24x7 (24 horas por dia, nos 7 dias da semana) com seus usuários conectados à internet e canais da televisão, tanto abertos quanto canais fechados.

Podemos citar como exemplo deste bombardeio do capital, uma propaganda supostamente institucional da Rede Globo de Televisão a qual está tentando massificar que o Brasil não sobreviveria sem o agronegócio, não aparece nenhuma propaganda de marca de empresa ou instituição, apenas em seu texto temos a demonstração através de imagens e um texto lido que em tudo tem está o “agro” onde logo no início do vídeo aparece a frase “agro está em tudo” conforme figura 7.

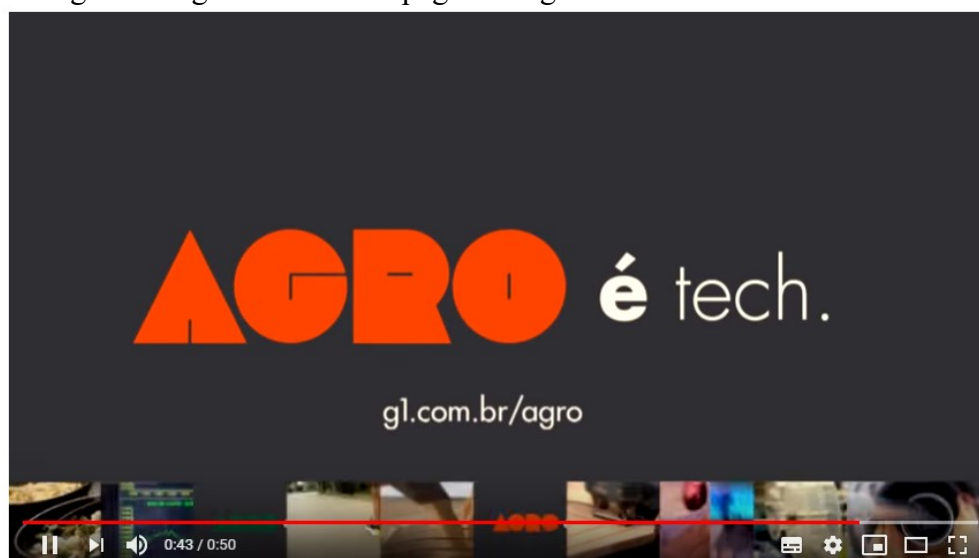
Figura 7: Agro está em tudo. – Propaganda Agro da Rede Globo de Televisão



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VENm5PbXhZ0> em 18 de abril de 2019.

E ao final após passarem várias imagens com diversos produtos que são produzidos no Brasil, que nós compramos e consumimos diariamente, vem as mensagens final, onde o “Agro” também passa a ser “tech” (tecnológico), nos trazendo a mensagem que é algo tecnologicamente bom (Figura 8).

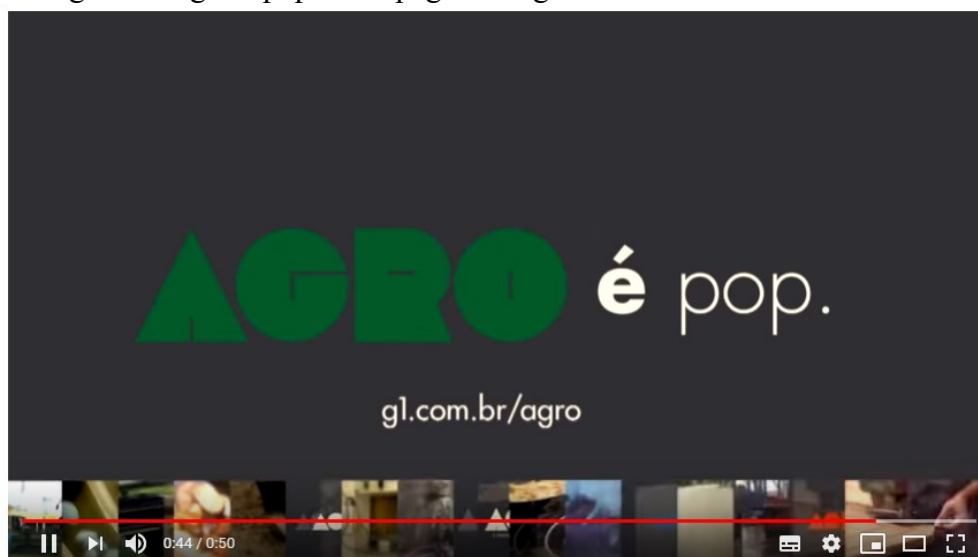
Figura 8: Agro é tech. – Propaganda Agro da Rede Globo de Televisão



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VENm5PbXhZ0> em 18 de abril de 2019.

Logo após o tech, a mensagem é o “Agro é pop”, ou seja, algo popular de acesso a todos, como se fosse algo de domínio e utilização por todos (Figura 9).

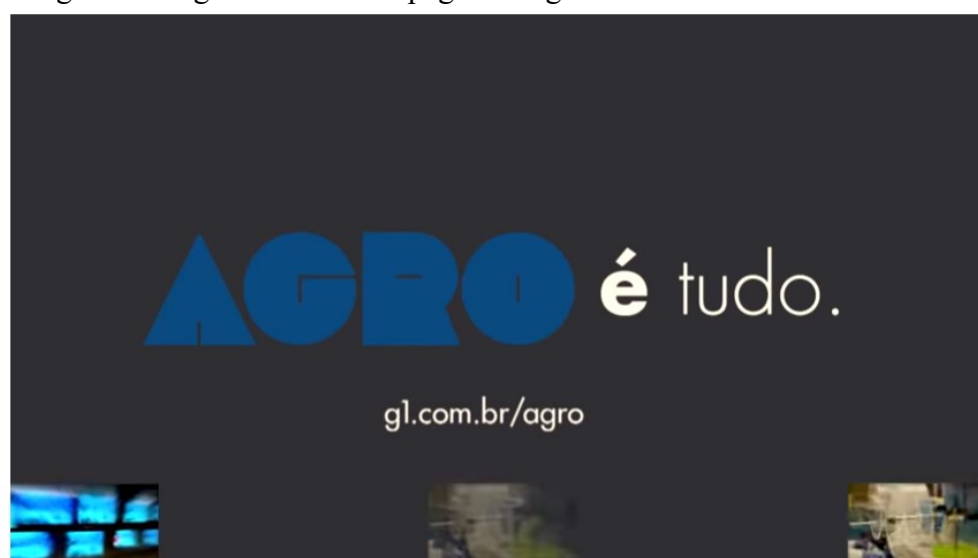
Figura 9: Agro é pop. – Propaganda Agro da Rede Globo de Televisão



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VENm5PbXhZ0> em 18 de abril de 2019.

Em seguida vem a frase que complementa o início da propaganda, pois o “Agro é tudo” (Figura 10). E antes que acabe o tempo disponível vem a frase “Agro a indústria-riqueza do Brasil” (Figura 11), para logo após encerrar com o logomarca da Rede Globo de Televisão, dando a impressão que é uma campanha da própria rede para ajudar o país.

Figura 10: Agro é tudo. – Propaganda Agro da Rede Globo de Televisão



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VENm5PbXhZ0> em 18 de abril de 2019.

Não estamos de forma alguma negando a importância comercial e econômica do agronegócio para o Brasil e para os brasileiros, mas chamando a atenção para a excessiva ênfase em destacar o agronegócio como algo tecnológico, “A” riqueza do Brasil. Será que são apenas flores a nossa produção agrícola? Para responder a esta questão seria necessária uma nova pesquisa com detalhamento de tudo o que é produzido pelo agronegócio e como é

produzido, mas nos atemos apenas ao comercial e a mensagem que esse tenta transmitir ao receptor.

Figura 11: Agro a indústria-riqueza do Brasil. – Propaganda Agro da Rede Globo de Televisão



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VENm5PbXhZ0> em 18 de abril de 2019.

Essa publicidade está inserida nos intervalos dos jornais televisivos, das novelas, e dos filmes. Quando aparece um fazendeiro como um rico e promissor empresário, emite uma mensagem que chama a atenção do público para supervalorização do agronegócio. Nós reconhecemos a grande importância da produção agrícola para o sustento da população brasileira e para a exportação dos produtos agropecuários. Mas o que questionamos é o ocultamento da degradação do meio ambiente decorrente do desmatamento, da utilização de agrotóxicos e dos problemas sociais que as ações de enriquecimento do empresário agrícola podem trazer para as populações tradicionais, como indígenas, ribeirinhos e quilombolas.

Hoggart (1970, p.378) diz que:

“Não se deve esquecer que as influências culturais têm uma ação muito lenta sobre a transformação das atitudes e que elas são frequentemente neutralizadas por forças mais antigas. A gente do povo não leva a vida pobre que uma leitura, mesmo aprofundada, de sua literatura levria a pensar.”

As mídias podem, sim, estar a favor do meio ambiente e trazer conteúdo que favoreçam a consciência socioambiental de uma sociedade, pois a mesma rede de televisão que trouxe a propaganda do “Agro é tudo”, fez uma reportagem em seu telejornal de maior audiência (exibido em 12 de agosto de 2019) em que o Instituto Chico Mendes denuncia a invasão e loteamento de terras indígenas com a devastação desta, para fins de utilização no agronegócio, de forma cruel e nociva ao meio ambiente (Figuras 12 e 13).

Figura 12 -Representante da FUNAI falando sobre as invasões de terras indígenas.



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/7838138/> em 15 de setembro de 2019.

Afigura 13 é uma pequena amostra do tamanho da devastação ambiental provocada por ruralistas, vinculados a uma associação rural. Não apenas a fauna e flora, mas uma população indígena (Uru-eu-wau-wau) corre sério risco de enfrentarem genocídio, pois, conforme determinação dos produtores rurais que ocupam a terra, os índios têm que sair.



Figura 13 - Foto aérea de terras indígenas já desmatada pelos invasores.



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/7838138/> em 15 de setembro de 2019.

Essas notícias que mostram as realidades das populações nativas da floresta, em meio às propagandas que camuflam a degradação ambiental, indicam a necessidade cada vez maior de estudos de mídia. Percebemos, assim, que os estudos de recepção e as pedagogias culturais oferecem contribuições teóricas para compreender as culturas contemporâneas, que autores como Jameson (2006) e Hall (1997) denominaram de virada cultural.

Foi nos anos 1960, com o trabalho de Lévi-Strauss e Roland Barthes na França, e de Raymond Williams e Richard Hoggart, no Reino Unido, que a “virada cultural” começou a ter um impacto maior na vida intelectual e acadêmica, e um novo campo interdisciplinar de estudo organizado em torno da cultura como o conceito central — os “estudos culturais” — começou a tomar forma, estimulado em parte pela fundação de um centro de pesquisas de pós-graduação, o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, na Universidade de Birmingham, em 1964. Houve aproximações seletivas com diversas linhas de teorização e análise, nas ciências humanas e sociais, para estabelecer-se a matriz intelectual a partir da qual os “estudos culturais” se desenvolveriam. Sem entrar em detalhes, para se obter uma ideia dos diferentes discursos teóricos em que os estudos culturais se apoiaram, seria necessário referir, *inter alia*, às tradições de análise textual (visual e verbal), à crítica literária, à história da arte e aos estudos de gênero, à história social,

bem como à lingüística e às teorias da linguagem, na área das humanidades. Nas ciências sociais, aos aspectos mais interacionistas e culturalistas da sociologia tradicional, aos estudos dos desvios e à antropologia; à teoria crítica (por exemplo, à semiótica francesa e aos teóricos pós-estruturalistas; Foucault; a “Escola de Frankfurt”; os autores e autoras feministas e à psicanálise); aos estudos do cinema, da mídia e das comunicações, aos estudos da cultura popular. (Hall, 1997 p. 11 e 12)

Dessa forma, Hall (1997) descreveu o momento histórico do surgimento dos “estudos culturais” em meados do século XX e as bases para essa nova ciência. Entendemos que nem tudo é cultura, que existem atividades que por vezes achamos ser cultura que na verdade são práticas econômicas que visam a produção e distribuição de bens, e a geração e distribuição de riquezas. Mas como então identificar o que é cultura e o que é prática econômica? Muitas vezes ficamos na dúvida sobre a real intensão por de trás das atividades culturais, pois pobres e ricos têm percepções diferentes do que vem a ser a uma distribuição de riqueza justa e cada um destes tem a sua própria vivência e realidade.

Sendo o cinema um artefato cultural, com mais de cem anos de existência e desenvolvimento, até o ano de 2002 eram consideradas por Duarte poucas as pesquisas em educação que tinham filmes como objeto de estudo.

O reconhecimento da importância social do cinema ainda não se reflete, de forma significativa, nas pesquisas que desenvolvemos na área da educação. A discreta publicação de artigos sobre o tema em nossos periódicos sugere que os pesquisadores dessa área ainda dão pouca atenção aos filmes como objeto de estudo (DUARTE, 2002, p. 97).

Com o cinema, chamado por muitos de a sétima arte, não é diferente das demais mídias, uma vez que também recebe influência de patrocinadores e produtores que tem ou podem ter interesses econômicos por detrás da arte. Sendo o cinema atualmente uma mídia globalizada e acessível a qualquer pessoa que esteja conectada a uma rede de internet para assistir ao filme online ou até mesmo baixá-lo para assistir mais tarde e ainda a massificação das salas de cinema em shopping centers, a sua utilização para fins comerciais, não apenas da venda de ingressos, passou a ser mais comum e frequente. Os filmes contam histórias, sejam elas verídicas ou de ficção, são textos que retratam uma sociedade com sua cultura que nos remete a um significado social

Eles contam histórias, e analisar tais textos criticamente é uma possibilidade de entender não só os processos em que foram gestadas, como também o modo como essas histórias produzem efeitos nas diferentes culturas em que circulam [...] (FABRIS, 2008, p. 120-121).

Essas histórias podem influenciar pessoas, positiva ou negativamente, mas mesmo os artefatos culturais (como o cinema) tendo a possibilidade de influenciar pessoas, aos poucos o

Estado vai deixando de regular a cultura, ação positiva para que não haja censura sobre a cultura, mas, isso tem seus pontos negativos, pois o mercado começa a se “autorregular”, mas até que ponto estão colocando limites nas influências das mídias e cultura? Hall (1997) nos leva a reflexão:

Existem pelo menos duas razões que vale a pena invocar no sentido de resistir a esta simplificação. Em primeiro lugar, os mercados não funcionam por si sós. Necessitam ser estruturados e policiados; apoiam-se em outras condições sociais e culturais (a confiança, os hábitos e convenções, a moral e considerações públicas mais amplas, a efetiva aplicação da lei, a inspeção e a responsabilização (accountability), o treinamento e a certificação do pessoal especializado, e assim por diante) que o próprio mercado não pode oferecer. (HALL, 1997, p. 16).

Hall ainda continua com o segundo argumento do cuidado com a “liberação” do controle do estado na cultura:

Em segundo lugar, o mercado se auto-regula. Ele aloca recursos, recompensa a eficiência e a inovação, pune a ineficiência e a falta de criatividade e, acima de tudo, como observamos antes neste texto, cria vencedores e perdedores. Estes são incentivos poderosos — e desestímulos — que induzem certas formas de conduta e desencorajam outras (isto é, regulando as condutas). (HALL, 1997, p.16).

Ao mesmo tempo Hall faz um questionamento:

Por que deveríamos nos preocupar com a forma como são regulados os meios de comunicação (rádio e TV) e suas instituições, com o que podemos ou não ver em nossas telas ou comprar nas prateleiras das livrarias; com a possibilidade ou não das culturas nacionais se protegerem contra a onda das redes globais de comunicação; e com a forma como a diversidade cultural deve ser negociada ou com os debates e as apreensões relacionadas à moralidade e aos padrões de conduta sexual? (HALL, 1997, p.17).

Mas o próprio autor responde com dois argumentos do porquê a regulação da cultura é necessária, onde a primeira é:

Primeiro, porque estas são algumas das áreas-chave de mudança e debate na sociedade contemporânea, para onde convergem as apreensões, onde os modos tradicionais de regulação parecem ter se fragmentado ou entrado em colapso; pontos de risco para os quais converge uma espécie de apreensão coletiva, de onde se eleva um brado coletivo para dizer que “algo tem de ser feito”. (HALL, 1997, p.17).

A preocupação de Hall para justificar a regulamentação da cultura por parte do Estado é de que a liberação total ao mercado em primeiro lugar é para que a sociedade perceba que existem regras, que princípios sociais e éticos tem que ser seguidos e para que não fique a

sensação de insegurança e de bagunça. A sociedade tem que perceber também na cultura que não se pode fazer o que bem entender, temos que respeitar as pessoas, respeitar regras e normas de conduta sociais e ambientais e neste ponto a cultura nos remete a clareza de que viver em sociedade é seguro.

Continua o mesmo autor:

A segunda razão pela qual é importante sabermos como a cultura é modelada, controlada e regulada é que a cultura, por sua vez, nos governa — “regula” nossas condutas, ações sociais e práticas e, assim, a maneira como agimos no âmbito das instituições e na sociedade mais ampla. (HALL, 1997, p.18).

Para Costa (2003), o cinema assume várias facetas, sendo este uma indústria, diversão, dramatização, espetáculo, divertimento, técnica e cultura, mas afinal o que é o cinema? Ainda o autor define cinema como:

...o cinema é aquilo que se decide que ele seja numa sociedade, num determinado período histórico, num certo estágio de seu desenvolvimento, numa determinada conjuntura político-cultural ou num determinado grupo social. ...compreender a complexidade do fenômeno que tem como resultado aquele festival de emoções que se chama filme (COSTA, 2003, p. 28-29).

Já neste segundo argumento de Hall é de quem tem a consciência de que a cultura nos governa (a vida imita a arte) e que nossas condutas e práticas são construídas e moldadas pela cultura e experiências de vida. Não somos totalmente independentes, vivemos em sociedade e esta tem a sua cultura.

Os filmes contam uma história por meio de imagens em movimento com técnicas de iluminação, som, filmagem, montagem e produção, que passa ainda pela escolha do elenco e montagem do roteiro. Sobre a análise e estudo de filmes, Fabris (2008, p.121) diz que “eles contam histórias, e analisar tais textos criticamente é uma possibilidade de entender não só os processos em que foram gestadas, como também o modo como essas histórias produzem efeitos nas diferentes culturas...”. Esse é o processo que buscamos, entender através do potencial pedagógico dos filmes quais as contribuições para o ensino da educação ambiental.

A utilização de filmes ou desenhos animados nas escolas, não apenas para trabalhar a educação ambiental, mas para as demais áreas do conhecimento também deveria ser uma prática usual e corriqueira. Mas para que isso se torne uma realidade diária nas escolas os professores em sua formação devem primeiramente ser formados para utilizar tais recursos como metodologia básica para o melhor aprendizado por parte dos alunos.

O título desta seção “A vida imita a arte” é uma afirmação de que mesmo que subconscientemente ou mesmo conscientemente as pessoas começam a reproduzir aquilo que

assistem em filmes ou demais formas de cultura, essa constatação é comprovada em diversos estudos e pesquisas, ou até mesmo em observação de nosso dia a dia, em que vemos pessoas usando roupas ou acessórios que aparecem em filmes. E por que não praticar os ensinamentos da educação ambiental para preservar e recuperar o meio ambiente? Se as escolas aproximassem os/as alunos/as do cinema, não apenas para serem espectadores, mas para serem analistas críticos dos filmes poderiam compreender melhor a intenção e a mensagem que os produtores do filme desejam inculcar em nossa cultura.

Ao longo dos anos com a intensificação da produção e consumo excessivo de bens muitos problemas ambientais têm sido gerados, mas uma das influências das mídias é justamente para nos levar a consumir cada vez mais produtos em cada vez menos tempo. Mas essa mesma mídia em jornais eletrônicos, revistas, telejornais, documentários, séries e filmes têm mostrado os efeitos negativos ao meio ambiente da industrialização das nações e consequentemente do consumo. Então as mídias que nos influenciam a consumir são as mesmas que nos mostram o quão nocivo tem sido esse consumo.

Neste ponto que deve ser inserido pedagogicamente as mídias, para que o receptor tenha condições de discernir e determinar um limite de consumo a ponto de sua vida não gerar impacto ambiental negativo. Podemos e devemos consumir, mas com limite e consciência socioambiental.

Barba (2011, p.18) lembra que com a evolução tecnológica houve um aumento da emissão de poluentes na atmosfera pelos meios de transporte cada vez mais acessíveis à população, bem como pelo aumento do consumo de bens lançado no mercado consumidor pelo setor industrial. Tudo isso levou à crise ambiental na passagem do século XX para o século XXI, pois se tornou um motivo de preocupação para as sociedades contemporâneas causando uma série de mudanças climáticas e alterações em nossos ecossistemas.

Ao analisar a complexidade do ensino ambiental Leff nos diz:

Aprender a apreender a complexidade ambiental implica uma revolução do pensamento, uma mudança de mentalidade, uma transformação do conhecimento e das práticas educativas para construir um novo saber e uma nova racionalidade que orientem a construção de um mundo de sustentabilidade, de equidade, de democracia. É um reconhecimento do mundo em que habitamos. (Leff, 2003, p.22).

Nessa passagem, entendemos que a prática da educação ambiental tem que passar por mudança de mentalidade. Isso implica também uma mudança das práticas educativas que levem a sustentabilidade entre o meio ambiente e o poder econômico da produção e do consumo. Para tanto a análise de filmes como proposta pedagógica na educação ambiental é

visando a utilização de artefatos culturais para a persuasão dos receptores visando a conscientização da importância do meio ambiente e de qual é o papel da humanidade nesse contexto.

## **CAPÍTULO II – EDUCAÇÃO AMBIENTAL – Marcos Históricos e Marco Legal**

Como já explanado na introdução e na seção anterior esta tese é fruto da linha de pesquisa Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores do Programa de Pós-graduação em educação da UEM, logo temos o dever de contribuir com a formação completa de professores, e aqui falamos de formação inicial e formação continuada. Nessa seção trataremos sobre a história da Educação Ambiental e os marcos legais vigentes atualmente (primeiro semestre do ano de 2021), conhecer a história, os caminhos trilhados e os desafios enfrentados é fundamental para que um docente compreenda o valor e a importância da EA para o processo de formação do cidadão e profissional.

O caminho trilhado pela EA não foi e nem está sendo fácil, pois envolve mudança de atitudes e mexe com os interesses das nações e “do capital” mundial, no Brasil não seria diferente, com muitos desafios a serem enfrentados, com culturas a serem modificadas, com ensinamentos a serem colocados em práticas. Buscando atender as políticas públicas internacionais para a EA etambém auxiliar na vivência em sala de aula que levaram o Brasil a construir uma legislação referente à EA, legislação essa que é resultado, e acima de tudo, da preocupação mundial de preservação do meio ambiente brasileiro, tendo em vista que este é a maior reserva natural de fauna e flora do planeta. Barba (2011, p.18) nos lembra que a crise ambiental é motivo de preocupação para as sociedades contemporâneas devido a mudanças climáticas e alteração em nossos ecossistemas os quais têm se agravado no século XXI e as pessoas não estão buscando soluções para esses problemas.

Dito isto, destacamos a seguir alguns eventos que se constituem como marcos históricos para a EA no Brasil e no mundo, estes foram retirados de autores como Adams (2005), Barba (2011) Dias (2004), Marcatto (2002), Oliveira (1997), Reigota (2004) e Tozoni-Reis (2004):

### **2.1 Educação Ambiental – uma história de lutas e um futuro de desafios**

Destaco a seguir um pouco dos marcos históricos que dão início ao que conhecemos como Educação Ambiental, tais datas e fatos foram retirados do sítio oficial do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente – PNUMA (<https://www.unep.org/pt-br/ciencia-dados>)

o qual tem muitos dados estatísticos e históricos sobre o meio ambiente e em Reigotta (2004).

Em 1951, foi publicado o “Estudo da Proteção da Natureza no Mundo”, organizado pela União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN), que havia sido criada em decorrência da “Conferência Internacional de Fontainebleau”, na França, em 1948, com apoio da UNESCO (a UICN transformou-se, em 1972, no Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente [PNUMA]).

Na “Conferência de Educação da Universidade de Keele” realizada em 1965, pela primeira vez, utilizou-se a expressão Educação Ambiental (Environmental Education). Recomendou-se nesta conferência que a Educação Ambiental deve ser parte essencial da educação de todos os cidadãos.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) realizou em 1968 estudo sobre Educação Ambiental, definindo-a como tema complexo e interdisciplinar, não limitada a uma disciplina específica no currículo escolar.

Em 1972, a “Conferência de Estocolmo”, após as idéias divulgadas pelo Clube de Roma (atualmente uma ONG), principalmente pelo relatório intitulado “Os limites do crescimento”<sup>2</sup>, levou ao debate e posteriormente a dois importantes marcos para o desenvolvimento de uma política mundial de proteção ambiental: a criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), com sede em Nairóbi - Quênia, e a recomendação de que se criasse o Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA), conhecida como “Recomendação 96”.

Para a EA o ano de 1974 foi marcado pelo “Seminário de Educação Ambiental” realizado em Jammi (Comissão Nacional Finlandesa para a UNESCO), foram fixados os Princípios de Educação Ambiental, considerando-a como a que permite atingir o escopo de proteção ambiental, e que não deve ser encarada com um ramo científico ou uma disciplina de estudos em separado, e sim como educação integral e permanente.

Em 1975, foi lançada a “Carta de Belgrado”, buscando-se uma estrutura global para a Educação Ambiental, a qual entendeu como absolutamente vital que os cidadãos de todo o mundo insistissem a favor de medidas que dessem suporte ao tipo de crescimento econômico que não traga repercussões prejudiciais às pessoas e que não diminuam de nenhuma maneira as condições de vida e de qualidade do meio ambiente, propondo uma nova ética global de

---

<sup>2</sup> Estudo realizado por cientistas do MIT (Instituto de Tecnologia de Massachussets) a pedido do Clube de Roma a fim de demonstrar as consequências da interação do homem e o meio ambiente, levando em consideração o crescimento populacional e do consumo mundial.



desenvolvimento, mediante, entre outros mecanismos, a reforma dos processos e sistemas educacionais. No mesmo ano, a UNESCO, em colaboração com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), criou o “Programa Internacional de Educação Ambiental” (PIEA), em atenção à Recomendação 96 da Conferência de Estocolmo de 1972.

Em 1977, na cidade de Tbilisi, na Geórgia, ocorreu o mais importante evento internacional em favor da Educação Ambiental até então já realizado. Foi a chamada “Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental”, organizada em parceria da UNESCO com o Programa de Meio Ambiente da ONU (PNUMA). Fortemente inspirada pela Carta de Belgrado, foi responsável pela elaboração de objetivos, definições, princípios, estratégias e ações orientadoras da Educação Ambiental que são adotados mundialmente até os dias atuais.

De 1979 a 1980, vários eventos regionais contribuíram para a discussão da importância e das políticas de Educação Ambiental:

- Encontro Regional de Educação Ambiental para América Latina, em San José, Costa Rica (1979);
- Seminário Regional Europeu sobre Educação Ambiental para Europa e América do Norte, onde se destacou a importância de intercâmbio de informações e experiências (1980);
- Seminário Regional sobre Educação Ambiental nos Estados Árabes, em Manama, Bahrein (1980); e
- Primeira Conferência Asiática sobre Educação Ambiental, Nova Delhi, Índia (1980).

Apenas em 1980, a UNESCO e o PNUMA iniciam juntos a estruturação do Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA), programa este criado em 1975, para a partir deste, desenvolver uma série de atividades em várias nações e que é a base para as ações mundiais sobre a EA.

Em 1987, ocorreu por parte da ONU, através da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (conhecida como Comissão Brundtland – que tinha como presidente a médica norueguesa Gro Harlem Brundtland<sup>3</sup>), divulgação do Relatório “Nosso Futuro Comum”, no qual pela primeira vez foi utilizada pelo público em geral a expressão

---

<sup>3</sup>Em 1983, o Secretário-Geral da ONU convidou a médica Gro Harlem Brundtland, mestre em saúde pública e ex-Primeira Ministra da Noruega, para estabelecer e presidir a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento.

“desenvolvimento sustentável”, pois até então era um termo utilizado apenas no meio científico. No mesmo ano, realizou-se o Congresso Internacional da UNESCO-PNUMA sobre Educação e Formação Ambiental em Moscou, que teve por objetivo avaliar os avanços obtidos em Educação Ambiental desde Tbilisi (1977), além de reafirmar os princípios de Educação Ambiental e assinalar a importância e necessidade da pesquisa e da formação em Educação Ambiental.

Depois do Congresso Internacional da UNESCO-PNUMA sobre Educação Ambiental, houveram os seguintes eventos internacionais para a Educação Ambiental:

- Declaração de Caracas sobre Gestão Ambiental na América, que denunciou a necessidade de mudança no modelo de desenvolvimento (1988);
- Primeiro Seminário sobre materiais para a Educação Ambiental, em Santiago, Chile (1989);
- Declaração de Haia (1989), preparatória da Eco-92, que demonstrou a importância da cooperação internacional nas questões ambientais. (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, 2012)

Em 1990, a “Conferência Mundial sobre Educação para Todos: Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem”, realizada em Jomtien, Tailândia (1990), aprovou a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, cujo texto chamou a atenção do mundo para o analfabetismo ambiental.

Em 1992, realizou-se, no Rio de Janeiro, a “Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento”, conhecida como Eco-92, na qual foi produzido o documento internacional “Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global”, este expressa com veemência o caráter crítico e emancipatório da Educação Ambiental, entendendo-a desta forma como instrumento de transformação social, política, comprometido com a mudança social, rompendo-se o modelo desenvolvimentista e inaugurando o paradigma de sociedades sustentáveis.

Em 1997, a Conferência Internacional sobre Meio Ambiente e Sociedade: Educação e Conscientização Pública para a Sustentabilidade foi realizado em Thessaloniki, Grécia, organizada pela UNESCO e pelo Governo da Grécia. A “Declaração de Thessaloniki” recomendou que, após dez anos, fosse realizada conferência internacional para verificação da implementação e progresso dos processos educacionais então sugeridos, o que ocorreu em

Ahmedabad, na Índia.

Após a ECO-92, merecem menção:

- Congresso Mundial para Educação e Comunicação sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, Toronto, Canadá (1992);
- I Congresso Ibero-americano de Educação Ambiental: uma estratégia para o futuro, Guadalajara, México (1992);
- Congresso Sul-americano continuidade Eco/92, Argentina (1993);
- Conferência dos Direitos Humanos, Viena, Áustria (1993);
- Conferência Mundial da População, Cairo, Egito (1994);
- Conferência para o Desenvolvimento Social, Copenhague, Dinamarca (1995);
- Conferência Mundial da Mulher, Pequim, China (1995);
- Conferência Mundial do Clima, Berlim, Alemanha (1995);
- Conferência Habitat II, Istambul, Turquia (1996);
- II Congresso Ibero-americano de Educação Ambiental: em busca das marcas de Tbilisi, Guadalajara, México (1997);
- II Congresso Ibero-americano de Educação Ambiental, Guadalajara, México (1997);
- Conferência sobre Educação Ambiental, em Nova Delhi (1997);
- III Congresso Ibero-americano de Educação Ambiental: povos e caminho para o desenvolvimento sustentável, Caracas, Venezuela (2000);
- IV Congresso Ibero-americano de Educação Ambiental: um mundo melhor é possível, Havana, Cuba (2003);
- V Congresso Ibero-americano de Educação Ambiental, Joinville, Brasil (2006).

O Brasil, com outros países da América Latina e do Caribe, assumiu compromissos com a implementação do Programa Latino-Americano e Caribenho de Educação Ambiental (PLACEA) e do Plano Andino-Amazônico de Comunicação e Educação Ambiental (PANACEA), no âmbito da Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014).

Em 2000, na Cúpula do Milênio, promovida pela ONU em sua sede, com a participação de 189 países, o Brasil comprometeu-se com os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), metas a serem colocadas em prática, mediante ações políticas, sociais,

pedagógicas para serem alcançadas até 2015. Um dos objetivos é o de melhorar a Qualidade de Vida e o Respeito ao Meio Ambiente, visando inserir os princípios do desenvolvimento sustentável nas políticas e nos programas nacionais e reverter a perda de recursos ambientais.

Em 2007, em Ahmedabad, na Índia, ocorreu a “IV Conferência Internacional sobre Educação Ambiental”, desenvolvendo-se a temática “Educação Ambiental para um Futuro Sustentável – Parceiros para a Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável”. Reforçou-se a identidade da Educação Ambiental como condição indispensável para a sustentabilidade, promovendo o cuidado com a comunidade de vida, a integridade dos ecossistemas, a justiça econômica, a equidade social e de gênero, o diálogo para a convivência e a paz.

De 2005 a 2014, por iniciativa da UNESCO, vive-se a Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável. Neste período, em 2012, destaca-se a publicação do Relatório do Painel de Alto Nível do Secretário-Geral das Nações Unidas sobre Sustentabilidade Global, denominado Planeta Resiliente – Um Futuro Digno de Escolha, no qual uma das áreas prioritárias de ação é promover a educação para o desenvolvimento sustentável, inclusive educação secundária e vocacional, e a capacitação para ajudar a assegurar que toda a sociedade possa contribuir com soluções para os desafios atuais e aproveitar as oportunidades. O documento apresenta uma parte dedicada à educação e à qualificação para o desenvolvimento sustentável, bem como outra de recomendações para capacitar as pessoas a fazerem escolhas sustentáveis.

Já em 2012, realizou-se no Rio de Janeiro, Brasil, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, conhecida como Rio+20, na qual reuniu líderes mundiais para discutir medidas que promovem o progresso aliado à preservação do meio ambiente nas próximas décadas. O evento marca os 20 (vinte) anos da realização da Eco-92, onde os dois principais temas em debate foram: economia verde e cooperação global. Economia verde é um modelo de crescimento econômico baseado na baixa emissão de carbono e no uso inteligente dos recursos naturais. Isso depende, por sua vez, de uma organização entre os países para garantir que os protocolos sejam seguidos por todos os governos. O principal desafio da Rio+20 era fazer com que países como Estados Unidos e China, as duas maiores economias do planeta (e os dois maiores poluidores do planeta), convirjam em seus interesses para assumir os compromissos estabelecidos pela cúpula.

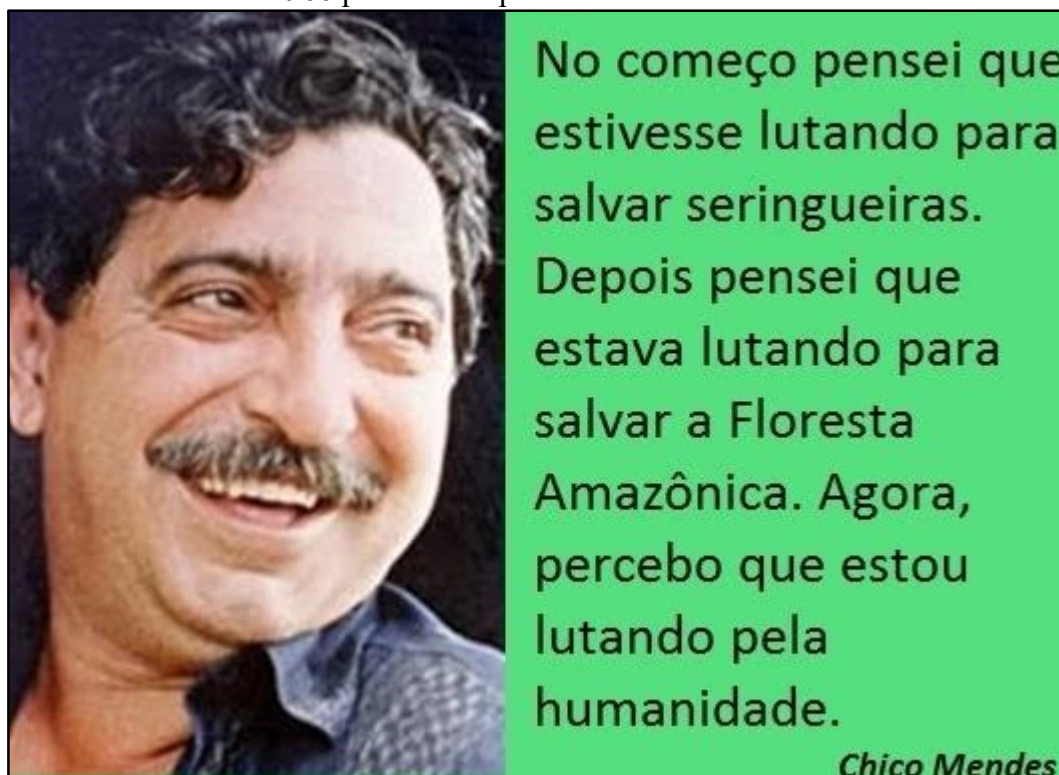
Essa série de eventos e estudos, que foram realizados a partir de 1951, demonstra a relevância das questões ambientais no mundo contemporâneo, no qual o Brasil tem se

colocado, em diversas situações, na vanguarda, como, por exemplo, em sua legislação e suas políticas públicas, embora a prática, muitas vezes, ainda se contraponha a elas.

Há de se destacar a importância, para o Brasil, da Eco-92, que frutificou a expressão da Carta da Terra – é uma declaração de princípios éticos fundamentais para a construção de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica -, três convenções aprovadas pelo Brasil: a da Diversidade Biológica, a de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca e a Convenção-Quadro sobre Mudança do Clima; a Declaração de Princípios sobre Florestas; a Declaração do Rio sobre Ambiente e Desenvolvimento; a Agenda 21, que foi incluída nas atividades e debates escolares.

Com base no histórico apresentado sobre a educação ambiental e debates sobre o meio ambiente percebemos que já se passaram várias conferências, já se realizaram vários estudos e relatórios e mesmo assim o cuidado com o meio ambiente está longe de ser o ideal que se preservar e garantir a continuidade da vida no planeta Terra. Com isso torna-se imprescindível a luta e cobrança da sociedade civil e dos organismos de movimentos sociais para que as nações demandem maior atenção e políticas públicas para a preservação do meio ambiente e para a EA como fonte de formação de cidadãos mais conscientes ambientalmente.

Figura 14: Chico Mendes, sindicalista e ativista ambiental assassinado em 22 de dezembro de 1988 por sua luta pela floresta amazônica



Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/chico-mendes.htm> em 12 de junho de 2019.

## 2.2 Movimentos Sociais e a Educação Ambiental

Muitos dos avanços na concepção e regulamentação da EA foram originados nos movimentos sociais os quais colaboraram para o marco legal e que continuam a influir na organização das políticas públicas para a Educação Ambiental. No período de 1968 a 1987, destaca-se a lutada Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN), Organização Não Governamental pioneira do movimento ambientalista brasileiro, esta fundada e liderada por José Lutzenberg teve atuação de 1971 até 1987, a AGAPAN atuou denunciando o uso indiscriminado de agrotóxicos nas lavouras do Rio Grande do Sul e no ambientalismo em geral (<https://www.agapan.org.br/>).

No âmbito governamental brasileiro, por pressões dos movimentos ambientalistas e, até de organizações internacionais, o Governo Federal criou, em 1973, a Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA), na qual passaram a ser tratadas questões ambientais de âmbito nacional. Na década de 70, as políticas governamentais visavam à expansão das fronteiras, tanto para o seu pretendido desenvolvimento, quanto por chamadas razões de segurança nacional.

Mas as políticas governamentais voltadas para a colonização da Amazônia tiveram consequências perversas de grilagens, invasões e processos de colonização, tornando essa região de conflitos entre índios, colonos, madeireiros, mineradores, empresários, posseiros e extrativistas. Nesse contexto de luta pela terra, Chico Mendes fundou e liderou, em 1977, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, cuja luta pelos seringueiros deu-lhe reconhecimento internacional. “Com o assassinato de Chico Mendes e com a pressão internacional sobre o Brasil devido ao desmatamento da Amazônia ocorre o boom da educação ambiental” (REIGOTA, 1994 p. 51).

Nos grandes centros urbanos crescia um ideário ambientalista menos naturalista, sendo marco importante o 1º Simpósio Nacional de Ecologia em Curitiba, realizado em 1978, no qual se criticou o desenvolvimentismo, apontando os problemas ambientais como sendo, também, socioculturais. Com o processo de redemocratização, em meados da década de 1980, ampliaram-se os movimentos sociais, bem como a criação de ONGs que vieram a ocupar espaços deixados pelos poderes públicos e a realizar parcerias com governos, empresas e

outras instituições nacionais e internacionais.

Nos diferentes encontros, como o Fórum Social Mundial, as Conferências Nacionais de Meio Ambiente e as Conferências Nacionais de Educação, tiveram sempre a participação de representantes de ONGs e de movimentos sociais engajados nas questões ambientais, reforçando e mantendo viva a relevância da Educação Ambiental como fator fundamental para a cidadania e para a perspectiva de criação de um mundo melhor.

A EA conseguirá salvar o meio ambiente de sua total destruição, estando esta bem no meio da dualidade entre o capital e o social, pois entre a disputa do capital versus o social temos que pensar na preservação do meio ambiente, tanto para continuarmos a ter o capital como para o social continuar existindo. Neste contexto que Barcelos (2012, p. 38) pensa na EA como contribuição para a edificação de um mundo social e ecologicamente mais justo. O autor diz ainda que as pessoas devem buscar espaços de convivência a partir da solidariedade, da cooperação, da tolerância e do amor, não só com os demais seres humanos, mas com todas as formas de vida do Planeta Terra.

Nesse contexto libertário é que se consumou, no plano legal, por pressão da sociedade, a conquista da abordagem dada à questão ambiental em nossa Constituição Federal, inclusive com a determinação para que o Poder Público promova a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino (inciso VI do §1º do artigo 225 do Capítulo VI, dedicado ao Meio Ambiente), como um dos fatores asseguradores do direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado. Após essa determinação da CF seguiu-se a edição da Lei nº 9.795/1999 que trata da Educação Ambiental (EA) e a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA).

### **2.3 Educação Ambiental – princípios e bases**

A “Carta da Terra” é um documento resultante de vários debates mundiais, em especial os ocorridos durante a ECO-92, ao final de um longo processo de debates e estudos, no dia 29 de junho de 2000 foi lançada na sede da UNESCO, tendo como princípios: 1. Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade; 2. Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor; 3. Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas; 4. Garantir as dádivas e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações.

Quanto a EA a Carta da Terra em seu item 14 indica que se deve “integrar na educação formal e aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessários para um modo de vida sustentável”, oferecendo a todos, especialmente crianças e jovens oportunidades educativas que possibilitem contribuir ativamente para o desenvolvimento sustentável. A Educação é um direito civil por ser garantida pela legislação brasileira como direito do indivíduo, independente de sua situação econômica, social e cultural.

ALDB (Lei de Diretrizes e Base da Educação nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996) em seu art. 1º afirma que a “educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Em seu art. 21 define os níveis escolares, que se subdividem em Educação Básica e Educação Superior. A Educação Básica é formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Portanto a EA deve permear desde a educação infantil até o ensino superior, acompanhando todas as fases e níveis.

No Brasil temos ainda a Lei 9795/99 que trata da EA que é a principal norteadora para essa temática nas escolas e universidades, sem esquecer-se das recém lançadas BNCC's da educação infantil e ensino fundamental e do ensino médio. Estes são, portanto os principais balizadores da EA no Brasil os quais iremos detalhar a seguir quais as contribuições e aplicações destes para a educação brasileira quanto a EA.

Morales (2012, p. 107) define que a EA tem em seu início e base a crise socioambiental a qual estamos inseridos, que nos leva a questionamentos racionais e repletos de jogos de interesse. O principal jogo existente está entre o capital e o social, mas o ambiental vem se inserindo como de relevância, frente aos problemas de sustentabilidade não apenas do ponto de vista econômico, mas agora se busca também a sustentabilidade socioambiental, não podendo separar o meio ambiente do social.

Mas o princípio filosófico é que a EA deve alterar a educação como a conhecemos, destaco que não se trata de ensinar conteúdos sobre ecologia, mas sim como bem nos apresenta Reigota (1997, p. 79), trata-se de uma educação que busca a participação dos cidadãos nas discussões e decisões sobre o meio ambiente, bem como do uso racional dos recursos naturais.



## 2.4 Conceitos de Educação Ambiental

A Educação Ambiental (EA) deve estar presente em todos os níveis da educação nacional no sentido de promover um complemento essencial na formação de uma nova consciência humana e de seus deveres e responsabilidades socioambientais.

Botelho (1998, p. 46) diz que o termo Educação Ambiental ou environmental education, foi lançado em 1965, na Inglaterra, numa Conferência de Educação que aconteceu na Universidade de Keele, mas já existia a expressão “estudos ambientais” no vocabulário dos professores da Grã-Bretanha. Em 1968, em Leicester – Grã-Bretanha, foi recomendado a fundação da Sociedade para a Educação Ambiental. A Educação Ambiental foi definida como um programa de educação que deveria objetivar a formação de cidadãos sob cujos conhecimentos acerca do ambiente biofísico e problemas associados, pudessem alertá-los e habilitá-los a resolver.

Segundo Dias (1994, p.8) a Educação Ambiental representa um processo no qual deveria ocorrer num progressivo de um senso de preocupação com o Meio Ambiente baseado em um completo e sensível entendimento das relações do ser humano com o Meio Ambiente.

Para Reigota (1994, p. 41) a Educação Ambiental deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza.

Tristão (2004, p.160), diz que a Educação deve ser a base da educação para a cidadania fortalecendo a cultura do planeta, pode-se dizer, converteu-se na raiz rizomática da educação para a sustentabilidade.

Na visão de Mousinho (2003, p. 88), a Educação Ambiental é um processo em que se busca despertar a preocupação individual e coletiva para a questão ambiental, garantindo o acesso à informação em linguagem adequada, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e estimulando o enfrentamento das questões ambientais e sociais. Desenvolve-se num contexto de complexidade, procurando trabalhar não apenas a mudança cultural, mas também a transformação social, assumindo a crise ambiental como uma questão ética e política.

Para Tozzoni-Reis (2001, p. 14) Educação Ambiental é uma dimensão da educação, é atividade intencional da prática social, que imprime ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, com o objetivo de

potencializar essa atividade humana, tornando-a mais plena de prática social e de ética ambiental.

Na Agenda 21, em seu capítulo 36, é possível verificar a definição de Educação Ambiental, a qual é entendida como "o processo que busca desenvolver uma população que seja consciente e preocupada com o meio ambiente e com os problemas que lhe são associados. Uma população tenha conhecimentos, habilidades, atitudes, motivações e compromissos para trabalhar individual e coletivamente na busca de soluções para os problemas existentes e para a prevenção dos novos". (BRASIL, 1992).

De acordo com a LEI 9.795/99, de 27.04.199, que dispõe sobre a educação ambiental institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências, em seu artigo 1º define que: "Entende-se por Educação Ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade".

O Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou a resolução nº 2, de 15 de Junho de 2012, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, que em seu Art. 2º define que a Educação Ambiental é uma dimensão da educação, é atividade intencional da prática social, que deve imprimir ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, visando potencializar essa atividade humana com a finalidade de torná-la plena de prática social e de ética ambiental.

Portanto determinamos que a Educação Ambiental (EA) é a incorporação do conhecimento da sustentabilidade, baseada no equilíbrio entre cinco pilares, os quais são o Meio Ambiente, a Humanidade, Sociedade, Economia e Política. Ao alcançarmos esta sustentabilidade será o momento de possibilidade de perpetuação da raça humana no Planeta Terra.

## **2.5 Legislação e Educação Ambiental**

Após a 1ª Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, realizada pela Unesco em 1977, em Tbilisi as nações iniciaram o processo de construção do que se

denominava EA, nesta conferência foram apresentadas e destacamos entre suas recomendações que:

Recomendação n.º 01: A educação ambiental é o resultado de uma orientação e articulação de diversas disciplinas e experiências educativas que facilitam a percepção integrada do meio ambiente, tornando possível uma ação mais racional e capaz de responder às necessidades sociais. (...) Para a realização de tais funções, a educação ambiental deveria suscitar uma vinculação mais estreita entre os processos educativos e a realidade, estruturando suas atividades em torno dos problemas concretos que se impõem à comunidade; focar a análise de tais problemas, através de uma perspectiva interdisciplinar e globalizadora, que permita uma compreensão adequada dos problemas ambientais; (...).

Recomendação n.º 02: Princípios básicos aplicar em enfoque interdisciplinar, aproveitando o conteúdo específico de cada disciplina, de modo que se adquira uma perspectiva global e equilibrada; (...).

No Brasil, seguindo as diretrizes do Programa Internacional de Educação (PIEA) de 1975 e da Conferência de Tbilisi, o poder público procurou incluir a Educação Ambiental como um instrumento da política educacional em conformidade com as orientações internacionais, isto é, como um componente interdisciplinar.

Uma das primeiras leis que cita a educação ambiental é a Lei Federal Nº 6938, de 1981, que institui a Política Nacional do Meio Ambiente. A lei aponta a necessidade de que a Educação Ambiental seja oferecida em todos os níveis de ensino.

De acordo com a Constituição Federal do Brasil, promulgada no ano de 1988, estabelece, em seu artigo 225, que:

Art. 225 Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações;

§ 1º - Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao Poder Público:

VI - Promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente.

Em abril de 1981, foi promulgada a Lei 6.902, que estabeleceu novos tipos de área de preservação ambiental, entre as quais as estações Ecológicas destinadas à realização de pesquisas e à Educação Ambiental. Quatro meses depois, em agosto de 1981, promulgou-se a primeira lei que coloca a Educação Ambiental como um instrumento para

ajudar a solucionar os problemas ambientais. É a mais importante lei ambiental do Brasil, que institui a “Política Nacional do Meio Ambiental” (BRASIL, 1991).

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei Nº 9394, de dezembro de 1996, existe poucas menções à Educação Ambiental. A referência é feita no artigo 32, inciso II, segundo o qual se exige, para o Ensino Fundamental, a “compreensão ambiental natural e social do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade”; e no artigo 36, § 1º, segundo o qual os currículos do ensino fundamental e médio “devem abranger, obrigatoriamente, (...) o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil”.

Na LDB o artigo 26 trata das partes diversificadas que devem ter nos currículos, atendendo as características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (redação dada pela lei 12.976/2013) e em seu parágrafo 7º diz que “A integralização curricular **poderá** incluir (grifo nosso), a critério dos sistemas de ensino, projetos e pesquisas envolvendo os temas transversais de que trata o caput. (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017).

Onde se percebe com a nova redação dada a este parágrafo, claro retrocesso, tendo em vista que pela Lei 12.608/2012 a redação para esse parágrafo era “Os currículos do ensino fundamental e médio **devem** incluir os princípios da proteção e defesa civil e a **educação ambiental** de forma integrada aos conteúdos obrigatórios.” (grifos nosso). Anteriormente era dever das escolas e pela 13.415/2017 as escolas podem, ou seja, acaba com a obrigatoriedade de ser trabalhada a EA no âmbito da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Com a promulgação e publicação da Lei 9.795, de 27/4/1999 (Anexo A), que dispõe sobre a educação ambiental institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), a EA é apresentada como um componente fundamental da educação buscando a construção de valores, conhecimentos, habilidades para a preservação do meio ambiente, para garantir a qualidade de vida e a sustentabilidade, em seu art. 2º diz que “a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”. (BRASIL, 1999)

A PNEA traz princípios, objetivos e finalidades da EA destacando a incorporação da especialização de educadores em todos os níveis de ensino (BRASIL, 1999). A EA passa a ser vista e entendida como um processo e não como um fim em si mesmo. A mesma lei

estabelece que a EA deva ser desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal, mas não como disciplina específica incluída nos currículos escolares (BERNARDES; PRIETO, 2010 p. 6).

A Lei 9795/99 em seu artigo primeiro define que a EA são os processos pelos quais o indivíduo e a sociedade constroem valores sociais, habilidades, conhecimentos, atitudes e competências que propiciem a preservação do meio ambiente e a correta e sustentável utilização dos recursos naturais. No artigo segundo define que a EA é componente essencial para a educação nacional e que deve estar articulada em todos os níveis e modalidades do processo educativo, seja formal ou informal.

A referida lei em seu artigo quarto define quais são os princípios básicos da EA no Brasil:

Art. 4º São princípios da educação ambiental:

- I – o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;
- II – a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o sócio-econômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;
- III – o pluralismo de idéias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;
- IV – a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais;
- V – a garantia de continuidade e permanência do processo educativo;
- VI – a permanente avaliação crítica do processo educativo;
- VII – a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais;
- VIII – o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural.

No artigo citado acima fica evidente alguns pontos que merece destaque e reflexão que são a busca pela sustentabilidade entre o meio ambiente, o homem, a cultura e o sócio-econômico, onde deve haver equilíbrio entre esses pontos, sendo alcançado este teremos um Brasil sustentável e longínquo.

Em seu Art. 10. Prevê que a educação ambiental será desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal e para tanto ainda no artigo 10º e seus parágrafos definem que:

§1º. A educação ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino.

§2º. Nos cursos de pós-graduação, extensão e nas áreas voltadas ao aspecto metodológico da educação ambiental, quando se fizer necessário, é facultada a criação de disciplina específica.

§3º. Nos cursos de formação e especialização técnico-profissional, em todos os níveis, deve ser incorporado conteúdo que trate da ética ambiental das atividades profissionais a serem desenvolvidas.

E em seu Art. 11º define que a dimensão ambiental deve constar dos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas.

Parágrafo único. Os professores em atividade devem receber formação complementar em suas áreas de atuação, com o propósito de atender adequadamente ao cumprimento dos princípios e objetivos da Política Nacional de Educação Ambiental. (BRASIL, 1999)

Uma incógnita da lei é relativa a sua implementação, em especial no que diz respeito a previsão de recursos disponíveis para a efetivação do disposto e a cobrança das responsabilidades atribuídas (incluindo aqui o funcionamento do Órgão Gestor previsto na lei). O fato de que o então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso em ter vetado precisamente o Art. 18 que estipulava: “devem ser destinados a ações em educação ambiental, pelo menos vinte por cento dos recursos arrecadados em função da aplicação de multas decorrentes do descumprimento da legislação ambiental”. Diante do contexto a Educação Ambiental encontra-se sem real efetivação no Brasil, apenas regulamentada por lei (OLIVEIRA, 2010 p. 38).

Decorrente da lei que estabelece a política nacional, foi criado no âmbito do Ministério do Meio Ambiente e do Ministério da Educação (estes trabalhando em conjunto), o Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA), que reafirma como suas primeiras diretrizes, a transversalidade e a interdisciplinaridade.

O ProNEA, na mais recente versão, de 2018, sinaliza o caminho que a EA deve trilhar, onde em suas diretrizes define que a EA deve ser: transversal, transdisciplinar e complexa; descentralizada e articulada espacial e institucional, com base na perspectiva territorial; buscando a sustentabilidade socioambiental; respeitando a democracia, mobilização e participação social; buscando o aperfeiçoamento e fortalecimento dos Sistemas de Educação (formal, não formal e informal), Meio Ambiente e outros que tenham interface com a educação ambiental; bem como planejar e atuação integrada entre os diversos atores no território.

Já os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e as resoluções do Conselho Nacional de Educação (CNE) reconhecem a Educação Ambiental como uma temática a ser inserida no currículo de modo diferenciado, não se configurando como uma nova disciplina, mas sim como um tema transversal.

No âmbito estadual a Constituição do Estado de Rondônia promulgada em 28 de

setembro de 1989, em seu Art. 219 determina que é dever do Poder Público, através de organismos próprios e colaboração da comunidade:

VIII - promover a educação ambiental com implantação em toda a rede estadual, a começar pela pré-escola e ensino fundamental, alcançando todos os níveis, de forma interdisciplinar, e proporcionar à comunidade a informação das questões ambientais orientadas por um atendimento cultural lógico das relações entre a natureza e a sociedade;

Pouco para um estado que está localizado na Amazônia brasileira e que tem como sua principal base econômica o agronegócio, onde constantemente existem conflitos, se não de fato, mas também de ordem moral e ética quanto até que limite podemos abrir mão do meio ambiente em favor do econômico? Deveria haver mais respostas para as questões e litígios no meio ambiente.

No município de Guajará-Mirim temos a Lei Orgânica municipal, que promulgada em 28 de Março de 1990, traz em sua seção V que dispõe sobre o Meio Ambiente diz que:

Art. 172. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e a comunidade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao Município:

III – promover a educação ambiental na rede de ensino e a conscientização da comunidade para a preservação do meio ambiente;

Ainda no âmbito municipal temos o Código Municipal de Meio Ambiente de Guajará-Mirim, de 17 de fevereiro de 2006, em seu Capítulo XIII que dispõe a Educação Ambiental, onde o mesmo ressalta que:

Art. 122. Educação Ambiental desencadeará no processo educativo, em caráter formal e não-formal, incentivo à participação individual e coletiva da comunidade para preservação e equilíbrio do meio ambiente fortalecendo o exercício da cidadania visando:

I - o desenvolvimento de consciência crítica da população sobre poluição e degradação ambiental em relação aos seus aspectos biológicos, físicos, químicos, sociais, políticos, econômicos e culturais;

II - o desenvolvimento de habilidades e instrumentos tecnológicos, pesquisas e acordos de cooperação técnica com instituições governamentais, não governamentais, universidades e empresas na busca de conhecimentos necessários à solução de problemas ambientais;

III - o desenvolvimento de valores sociais e de atitudes que levem à participação das pessoas e da comunidade para conservação e preservação do meio ambiente, sob o enfoque de uso do bem comum, essencial a qualidade de vida saudável e sua sustentabilidade.

Art. 123. A Educação Ambiental será incluída no currículo escolar de modo transversal nas diversas disciplinas, integrado ao projeto pedagógico de cada

escola da rede municipal de ensino.

Art. 124. As Secretarias Municipais de Meio Ambiente e de Educação deverão elaborar programas de Educação Ambiental para serem executados em todos os níveis de ensino da rede municipal, respeitando as especificidades de cada escola.

Art. 125. O programa de Educação Ambiental deverá promover cursos de capacitação continuada de professores do ensino fundamental e médio, visando desenvolver a temática ambiental do currículo escolar da rede municipal de ensino.

Parágrafo único. O curso de capacitação continuada, previsto no “caput” contemplará todos os educadores envolvidos com a questão ambientais.

Art. 126. A Educação Ambiental será promovida junto à comunidade pelos meios de comunicação de massa e através das atividades dos órgãos e entidades do Município.

Art. 127. A Secretaria Municipal de Meio Ambiente desenvolverá campanhas educativas alertando a comunidade sobre a problemática sócio-ambiental global e local.

Art. 128. A Prefeitura Municipal desenvolverá programas de formação e capacitação continuada de seus servidores envolvidos em atividades de planejamento, manejo de recursos ambientais e controle ambiental e sanitário.

Como observamos, os instrumentos legais e os programas governamentais reforçam o caráter de interdisciplinaridade atribuído à Educação Ambiental, que deve perpassar os conteúdos de todas as demais disciplinas, desde a educação infantil até a pós-graduação, “contudo, todos esses princípios, normas e diretrizes não têm sido suficientes para suplantar o debate sobre a criação de uma disciplina específica de Educação Ambiental na educação básica ou superior” (BERNARDES; PRIETRO, 2010 p. 44).

## **2.6 Educação Ambiental – marco legal nacional**

A Educação Ambiental, pelos conteúdos e conhecimentos sobre meio ambiente, é interdisciplinar e o modo como deve ser ministrada é através da transversalidade, perpassando por todas as disciplinas curriculares. De acordo com as orientações da Resolução do CNE nº2, de 15 de junho de 2012. Ambas – transversalidade e interdisciplinaridade – se fundamentam na crítica de uma concepção de conhecimento que toma a realidade como um conjunto de dados estáveis, sujeitos a um ato de conhecer isento e distanciado. Ambas apontam a complexidade e a necessidade de se considerar à teia de relações entre os seus diferentes e



contraditórios aspectos. Mas diferem uma da outra, uma vez que a interdisciplinaridade refere-se a uma abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento, enquanto a transversalidade diz respeito principalmente à dimensão da didática.

Os temas transversais apresentam-se como um conjunto de conteúdos educativos e eixos condutores da atividade escolar que, não estando ligados a nenhuma matéria particular, pode-se considerar comum a todas. Com a transversalidade, busca-se um novo diálogo permanente em sala de aula e fora dela, onde professores, estudantes e comunidade criam um ambiente de educação conjunta. Tendo como objetivo atingir uma percepção mais humana em relação ao meio ambiente e qualidade de vida através dos processos educativos, a transversalidade passa a ser fundamental.

Nenhuma área (Geografia, Química, Biologia, Ciências) consegue, isoladamente, tratar todas as questões ambientais. A comunidade escolar tem de inserir a temática ambiental no projeto político pedagógico da instituição e definir os projetos e ações que pretende realizar.

De acordo com a BNCC da educação infantil e ensino fundamental define que cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como as escolas inserir a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora devendo ser consideradas a realidade e cultura local e regional. Tratar a questão ambiental, portanto, abrange toda a complexidade da ação humana: se quanto às disciplinas do conhecimento ela é um tema transversal, interdisciplinar, nos setores de atuação da esfera pública ela só se consolida numa atuação do sistema como um todo, sendo afetada e afetando todos os setores: educação, saúde, saneamento, transportes, obras, alimentação, agricultura, dentre outros temas.

O Programa Nacional de Educação Ambiental reafirma como suas primeiras diretrizes, a transversalidade e a interdisciplinaridade. Também as resoluções do Conselho Nacional de Educação (CNE) reconhecem a Educação Ambiental como uma temática a ser inserida no currículo de modo diferenciado, não se configurando como uma nova disciplina, mas sim como um tema transversal.

Conforme os autores que defendem a disciplinarização da Educação Ambiental, argumentam que a transversalidade não funciona na prática, nem há garantias de que ela seja praticada nas escolas e instituições de ensino, e que sua inclusão como disciplina, poderá produzir resultados mais efetivos por ganhar “espaço” na grade curricular e com isso

visibilidade e materiais didáticos específicos. Além do que, boa parte dos professores não tem didática, conhecimento, ou interesse, para problematizar, junto com sua disciplina específica, as questões ambientais.

Bernardes e Pietro (2010), ainda afirmam que, apesar das críticas quanto à dificuldade de implantação da Educação Ambiental de forma interdisciplinar e transversal nas escolas, é preciso o reconhecimento que a questão ambiental não é, nem pode ser um conhecimento em si, independente das áreas afins. Além disso, a Educação Ambiental como disciplina, certamente implicaria em imposição de conteúdos e preocupação com provas e notas, o que afronta a idéia da Educação Ambiental como forma de educar para conscientização sobre as questões ambientais.

De acordo com Oliveira (2007), a transversalidade da questão ambiental é justificada pelo fato de que seus conteúdos, de caráter tanto conceituais como procedimentais e também atitudinais, não estão configurados como áreas ou disciplinas, podendo ser abordados a partir de uma multiplicidade de áreas. Estão ligados ao conhecimento adquirido por meio da experiência, com repercussão direta na vida cotidiana e envolvem fundamentalmente procedimentos e atitudes, cuja assimilação deve ser observada em longo prazo.

Conforme determina a Lei n.º 9.795/1999, a Educação Ambiental no Brasil deve ser necessariamente, uma prática interdisciplinar, no ensino formal e não formal, não podendo deixar de interagir com as outras disciplinas, nem ser colocada à margem delas, tampouco isolar-se. Portanto é necessário reforçar a inserção da Educação Ambiental no projeto político pedagógico de cada estabelecimento de ensino, de forma multi, trans e interdisciplinar, onde os professores de todas as disciplinas discutam e, mesmo com as dificuldades, encontrem caminhos para desenvolver um trabalho conjunto para romper com a visão fragmentada do conhecimento.

## **2.7 Educação Ambiental nos currículos ao longo da história**

Mais adiante retomaremos a discussão sobre as resoluções do Conselho Nacional de Educação que tratam da EA, bem como as comparações entre os PCN's e as recém editadas BNCC's. Em dezembro do ano de 2017 foi homologada pelo então presidente Michel Temer a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) da Educação Infantil e Ensino Fundamental que

define as aprendizagens essenciais, e que passa a guiar os currículos de todas as escolas, seja ela pública ou privada. E em dezembro de 2018 foi homologada a parte do ensino médio da BNCC, com isso da educação infantil, passando pelo ensino fundamental e até o ensino médio existe uma base comum para escolas públicas e privadas seguirem como norte em seus projetos, currículos e em suas ações.

A Educação Ambiental está incluída na série de Temas Transversais dos PCN's, no volume de “Meio Ambiente”. No ensino fundamental, os conteúdos estão divididos em três grandes blocos. O primeiro bloco “Os Ciclos da Natureza” apresenta uma educação sobre o meio ambiente e a natureza, de forma que o estudante compreenda que os movimentos e transformações da natureza estão sempre ligados à vida no planeta. Já no bloco “Sociedade e Meio Ambiente”, os conteúdos visam propiciar uma educação para o meio ambiente, enfocando a diversidade cultural e ambiental, o ambiente regional, as relações sociais com a paisagem, as diferenças entre ambientes preservados e degradados, a responsabilidade quanto à qualidade ambiental e as possibilidades de ação. O terceiro bloco de conteúdos, “Manejo e Conservação Ambiental”, aborda as interferências humanas sobre o ambiente, suas consequências, e as alternativas para harmonizar a ação humana e seus impactos ambientais.

Importante destacar que os parâmetros nacionais, tanto para o ensino fundamental, quanto para o ensino médio, é referência para elaboração dos projetos pedagógicos de cada instituição escolar, que gozam de relativa autonomia para definir a forma de incorporar tais diretrizes.

As instituições de ensino superior, em outra frente, são responsáveis pela formação de profissionais, pesquisadores, técnicos e professores, e em áreas do conhecimento mais específicas. Por isso, a educação que enfatiza o estudo da questão ambiental e estimula a pesquisa e a extensão para resolução de problemas, sejam locais ou mundiais, é imprescindível para a devida graduação em nível superior. Nesse sentido, todos os cursos devem incorporar a temática ambiental na formação universitária, incentivando o diálogo entre as diversas áreas do saber, estimulando os docentes e os discentes a conhecerem e pesquisarem a realidade do meio ambiente onde vivem. (BERNARDES; PRIETO, 2010 p. 52).

Por conta disso, diversos cursos de graduações, técnicos, aperfeiçoamento e especialização têm surgido para formação de especialistas ambientais, como gestores, educadores, auditores, consultores, reforçando a inter-relação com outras áreas.

Na Universidade Federal de Rondônia, o curso de Geografia, nas modalidades de bacharelado e licenciatura, incluiu uma disciplina específica de Educação Ambiental em sua grade curricular, obrigatória para todos os estudantes, com carga horária de atividades teóricas e práticas e que tem como objetivo apresentar o histórico, os conceitos e fundamentos de Educação Ambiental, contextualizando-a nos desafios sociais, econômicos e ambientais de hoje, além de discutir metodologias, práticas e dinâmicas e ainda capacitar os estudantes para elaboração de projetos. O curso de Pedagogia no Campus de Guajará-Mirim, na modalidade de licenciatura, também inclui uma disciplina específica de Educação Ambiental em sua grade curricular, mas como disciplina optativa, e que tem como objetivo a implantação da Educação Ambiental no Brasil; A Educação ambiental na escola; A Política Nacional da Educação Ambiental; A importância da educação ambiental no ensino formal; Biodiversidade; Homem e natureza; Consumo sustentável; Visão crítica sobre os atuais padrões de consumo; Efeito estufa e consequências; Projetos educativos e educação ambiental. Organização do trabalho pedagógico em salas multisseriadas.

Portanto, há uma necessidade de se inserir EA na formação dos docentes, de forma que esta venha colaborar no desempenho de suas práticas pedagógicas mediante suas necessidades metodológicas.

Destacamos ainda a resolução nº 2, de 15 de Junho de 2012 (Anexo B), que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental define que:

Art. 3º A Educação Ambiental visa à construção de conhecimentos, ao desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores sociais, ao cuidado com a comunidade de vida, a justiça e a equidade socioambiental, e a proteção do meio ambiente natural e construído.

Art. 4º A Educação Ambiental é construída com responsabilidade cidadã, na reciprocidade das relações dos seres humanos entre si e com a natureza.

Art. 5º A Educação Ambiental não é atividade neutra, pois envolve valores, interesses, visões de mundo e, desse modo, deve assumir na prática educativa, de forma articulada e interdependente, as suas dimensões política e pedagógica.

Art. 6º A Educação Ambiental deve adotar uma abordagem que considere a interface entre a natureza, a sócio cultura, a produção, o trabalho, o consumo, superando a visão despolitizada, acrítica, ingênua e naturalista ainda muito presente na prática pedagógica das instituições de ensino.

A seguir desdobraremos alguns pontos que merecem destaque na resolução nº 2, de 15 de Junho de 2012, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, comparando com a resolução nº 2, de 1º de julho de 2015, que Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos

delicenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Logo ambas as resoluções trata de um ponto em comum que é a formação do docente/licenciado para a educação infantil e as séries iniciais do ensino fundamental, para tanto elaboramos o quadro 1 que compara o que as resoluções dizem sobre a formação docente.

Quadro 8 – Comparativo entre as Resoluções que trata da formação docente no âmbito da Educação Ambiental

Res./CNE/CP nº 2/2012	Res./CNE/CP nº 2/2015
<p>Art. 19. Os órgãos normativos e executivos dos sistemas de ensino devem articular-se entre si e com as universidades e demais instituições formadoras de profissionais da educação, para que os cursos e programas de formação inicial e continuada de professores, gestores, coordenadores, especialistas e outros profissionais que atuam na Educação Básica e na Superior capacitem para o desenvolvimento didático-pedagógico da dimensão da Educação Ambiental na sua atuação escolar e acadêmica.</p>	<p>Art. 1º Ficam instituídas, por meio da presente Resolução, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada em Nível Superior de Profissionais do Magistério para a Educação Básica, definindo princípios, fundamentos, dinâmica formativa e procedimentos a serem observados nas políticas, na gestão e nos programas e cursos de formação, bem como no planejamento, nos processos de avaliação e de regulação das instituições de educação que as ofertam.</p>
<p>§ 1º Os cursos de licenciatura, que qualificam para a docência na Educação Básica, e os cursos e programas de pós-graduação, qualificadores para a docência na Educação Superior, devem incluir formação com essa dimensão, com foco na metodologia integrada e interdisciplinar.</p>	<p>§ 1º Nos termos do § 1º do artigo 62 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), as instituições formadoras em articulação com os sistemas de ensino, em regime de colaboração, deverão promover, de maneira articulada, a formação inicial e continuada dos profissionais do magistério para viabilizar o atendimento às suas especificidades nas diferentes etapas e modalidades de educação básica, observando as normas específicas definidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE).</p>
<p>§ 2º Os sistemas de ensino, em colaboração com outras instituições, devem instituir políticas permanentes que incentivem e dêem condições concretas de formação continuada, para que se efetivem os princípios e se atinjam os objetivos da Educação Ambiental.</p>	<p>§ 3º Os centros de formação de estados e municípios, bem como as instituições educativas de educação básica que desenvolverem atividades de formação continuada dos profissionais do magistério, devem concebê-la atendendo às políticas públicas de educação, às Diretrizes Curriculares Nacionais, ao padrão de qualidade e ao Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), expressando uma organicidade entre o seu Plano Institucional, o Projeto Político Pedagógico (PPP) e o Projeto Pedagógico de Formação Continuada (PPFC) através de uma política institucional articulada à educação básica, suas políticas e diretrizes.</p>

Como observa-se no quadro 1, a resolução 2 de 2015 do CNE/CP regulamenta e normatiza a política de formação de docentes para a educação infantil e ensino fundamental nos cursos de licenciatura. Bem como estabelece parâmetros para a formação continuada de pessoal docente das escolas e sistemas educacionais. Tendo em vista que é estabelecido em lei e resoluções que a formação do “novo” licenciado já tenha a EA como conteúdo, poderia ser entendido que o desafio está então na formação continuada dos profissionais já existentes e com formação anterior a Lei 9795/99. Mas não é o que se observa olhando para os currículos de alguns cursos de pedagogia e licenciaturas, pois ainda há currículos que não contemplam a EA como conteúdo, nem de forma transversal e interdisciplinar e muito menos na forma de disciplina específica.

Ainda de acordo com a resolução 2/2015 destacamos que:

Art.3º A formação inicial e a formação continuada destinam-se, respectivamente, à preparação e ao desenvolvimento de profissionais para funções de magistério na educação básica em suas etapas – educação infantil, ensino fundamental, ensino médio – e modalidades – educação de jovens e adultos, educação especial, educação profissional e técnica de nível médio, educação escolar indígena, educação do campo, educação escolar quilombola e educação a distância – a partir de compreensão ampla e contextualizada de educação e educação escolar, visando assegurar a produção e difusão de conhecimentos de determinada área e a participação na elaboração e implementação do projeto político-pedagógico da instituição, na perspectiva de garantir, com qualidade, os direitos e objetivos de aprendizagem e o seu desenvolvimento, a gestão democrática e a avaliação institucional.

Evidenciada, portanto que mesmo após a formação do profissional docente o mesmo deve receber de forma continuada a formação de temas que visem garantir com qualidade os direitos e objetivos de aprendizagem e o seu desenvolvimento, bem como a gestão democrática e a avaliação institucional.

Ainda na referida resolução temos dois artigos e incisos que tratam da formação continuada, tendo em vista que há profissionais formados e atuando que não receberam a mesma formação dos atuais currículos, bem como na busca de proporcionar a estes a oportunidade de reflexão e repensar a sua carreira e prática docente. O artigo 16 da referida resolução define que:

Art.16. A formação continuada compreende dimensões coletivas, organizacionais e profissionais, bem como o repensar do processo pedagógico, dos saberes e valores, e envolve atividades de extensão, grupos de estudos, reuniões pedagógicas, cursos, programas e ações para além da formação mínima exigida ao exercício do magistério na educação básica, tendo como principal finalidade a reflexão sobre a prática educacional e a

busca de aperfeiçoamento técnico, pedagógico, ético e político do profissional docente.

Parágrafo único. A formação continuada decorre de uma concepção de desenvolvimento profissional dos profissionais do magistério que leva em conta:

I - os sistemas e as redes de ensino, o projeto pedagógico das instituições de educação básica, bem como os problemas e os desafios da escola e do contexto onde ela está inserida;

II - a necessidade de acompanhar a inovação e o desenvolvimento associados ao conhecimento, à ciência e à tecnologia;

III - o respeito ao protagonismo do professor e a um espaço-tempo que lhe permita refletir criticamente e aperfeiçoar sua prática;

IV - o diálogo e a parceria com atores e instituições competentes, capazes de contribuir para alavancar novos patamares de qualidade ao complexo trabalho de gestão da sala de aula e da instituição educativa.

Já o artigo 17 trata da oferta dos cursos de formação continuada, afirmando que:

Art. 17. A formação continuada, na forma do artigo 16, deve se dar pela oferta de atividades formativas e cursos de atualização, extensão, aperfeiçoamento, especialização, mestrado e doutorado que agreguem novos saberes e práticas, articulados às políticas e gestões da educação, à área de atuação do profissional e às instituições de educação básica, em suas diferentes etapas e modalidades da educação.

§ 1º Em consonância com a legislação, a formação continuada envolve:

I - atividades formativas organizadas pelos sistemas, redes e instituições de educação básica incluindo desenvolvimento de projetos, inovações pedagógicas, entre outros;

II - atividades ou cursos de atualização, com carga horária mínima de 20 (vinte) horas e máxima de 80 (oitenta) horas, por atividades formativas diversas, direcionadas à melhoria do exercício do docente;

III - atividades ou cursos de extensão, oferecida por atividades formativas diversas, em consonância com o projeto de extensão aprovado pela instituição de educação superior formadora;

IV - cursos de aperfeiçoamento, com carga horária mínima de 180 (cento e oitenta) horas, por atividades formativas diversas, em consonância com o projeto pedagógico da instituição de educação superior;

V - cursos de especialização lato sensu por atividades formativas diversas, em consonância com o projeto pedagógico da instituição de educação superior e de acordo com as normas e resoluções do CNE;

VI - cursos de mestrado acadêmico ou profissional, por atividades formativas diversas, de acordo com o projeto pedagógico do curso ou programa da instituição de educação superior, respeitadas as normas e resoluções do CNE e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes;

VII - curso de doutorado, por atividades formativas diversas, de acordo com o projeto pedagógico do curso/programa da instituição de educação superior, respeitadas as normas e resoluções do CNE e da Capes.

§ 2º A instituição formadora, em efetiva articulação com o planejamento estratégico do Fórum Estadual Permanente de Apoio à Formação Docente e com os sistemas e redes de ensino e com as instituições de educação básica, definirá no seu projeto institucional as formas de desenvolvimento da formação continuada dos profissionais do magistério da educação básica, articulando-as às políticas de valorização a serem efetivadas pelos sistemas

de ensino.

Logo destacamos que tanto a formação inicial, como as formações de segunda licenciatura, bem como as formações em licenciaturas especiais para bacharéis e por fim a formação continuada deve constar a EA como componente curricular e de conhecimento, tanto em forma disciplinar como de forma transversal e interdisciplinar.

No que se refere aos currículos especificamente, até a homologação das BNCC's em 2017 e 2018, tínhamos os PCN's, os quais faremos uma análise de forma comparativa entre o que definia as PCN's e o que define as BNCC's com relação a educação ambiental na educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

Quadro 9 – Comparativo entre as PCN's e as BNCC's sobre a Educação Ambiental na Educação Infantil e Ensino Fundamental.

<b>PCN's Ensino Fundamental (antigo)</b>	<b>BNCC's Educação Infantil e Ensino Fundamental (atual)</b>
<p>A vida cresceu e se desenvolveu na Terra como uma trama, uma grande rede de seres interligados, interdependentes. Essa rede entrelaça de modo intenso e envolve conjuntos de seres vivos e elementos físicos. Para cada ser vivo que habita o planeta existe um espaço ao seu redor com todos os outros elementos e seres vivos que com ele interagem, por meio de relações de troca de energia: esse conjunto de elementos, seres e relações constitui o seu meio ambiente. Explicado dessa forma, pode parecer que, ao se tratar de meio ambiente, se está falando somente de aspectos físicos e biológicos. Ao contrário, o ser humano faz parte do meio ambiente e as relações que são estabelecidas — relações sociais, econômicas e culturais — também fazem parte desse meio e, portanto, são objetos da área ambiental. Ao longo da história, o homem transformou-se pela modificação do meio ambiente, criou cultura, estabeleceu relações econômicas, modos de comunicação com a natureza e com os outros. Mas é</p>	<p>Por fim, cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. Entre esses temas, destacam-se: direitos da criança e do adolescente (Lei nº 8.069/1990), educação para o trânsito (Lei nº 9.503/1997), <b>educação ambiental (Lei nº 9.795/1999, Parecer CNE/CP nº 14/2012 e Resolução CNE/CP nº 2/2012)</b>, educação alimentar e nutricional (Lei nº 11.947/2009), processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso (Lei nº 10.741/2003), educação em direitos humanos (Decreto nº 7.037/2009, Parecer CNE/CP nº 8/2012 e Resolução CNE/CP nº 1/2012), educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena (Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, Parecer CNE/CP nº 3/2004 e Resolução CNE/CP nº 1/2004), bem como saúde, vida familiar e social, educação para o consumo, educação financeira e fiscal, trabalho, ciência e tecnologia e diversidade cultural (Parecer CNE/CEB nº 11/2010 e</p>



preciso refletir sobre como devem ser essas relações socioeconômicas e ambientais, para se tomar decisões adequadas a cada passo, na direção das metas desejadas por todos: o crescimento cultural, a qualidade de vida e o equilíbrio ambiental.	Resolução CNE/CEB nº 7/2010). Na BNCC, essas temáticas são contempladas em habilidades dos componentes curriculares, cabendo aos sistemas de ensino e escolas, de acordo com suas especificidades, tratá-las de forma contextualizada. (Grifo nosso)
---	--

Fonte: Autor da pesquisa, 2019.

Percebe-se que a BNCC da Educação Infantil e do Ensino Fundamental deixa a Educação Ambiental no mesmo “pacote” que outros temas transversais, se de certa forma fica mais evidente pela nomenclatura Educação Ambiental que não era tratada no PCN do Ensino Fundamental, por outro lado a EA fica com menor evidência dentro da Base Curricular. Mas para amenizar o prejuízo são citadas a Lei 9795/99 e as resoluções do CNE que normatizam a EA.

Quadro 10 – Comparativo entre as PCN’s e as BNCC’s sobre a Educação Ambiental no Ensino Médio.

PCN’s Ensino Médio (antigo)	BNCC’s Ensino Médio (atual)
A Base Nacional Comum também traz em si a dimensão de preparação para o trabalho. Esta dimensão tem que apontar para que aquele mesmo algoritmo seja um instrumento para a solução de um problema concreto, que pode dar conta da etapa de planejamento, gestão ou produção de um bem. E, indicando e relacionando os diversos contextos e práticas sociais, além do trabalho, <b>requer, por exemplo, que a Biologia dê os fundamentos para a análise do impacto ambiental</b> , de uma solução tecnológica ou para a prevenção de uma doença profissional. Enfim, aponta que não há solução tecnológica sem uma base científica e que, por outro lado, soluções tecnológicas podem propiciar a produção de um novo conhecimento científico. (Grifo nosso)	Quanto as <b>COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA</b> : Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender idéias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
Na vida pessoal, <b>há um contexto importante</b> o suficiente para merecer considerações específicas, <b>que é o do meio ambiente</b> , corpo e saúde. <b>Condutas ambientalistas responsáveis subentendem um protagonismo forte no presente, no meio ambiente imediato da escola, da vizinhança, do lugar onde se</b>	Por fim, cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma

<p><b>vive.</b> Para desenvolvê-las é importante que os conhecimentos das Ciências, da Matemática e das Linguagens sejam relevantes na compreensão das questões ambientais mais próximas e estimulem a ação para resolvê-las. (Grifo nosso)</p>	<p>transversal e integradora. Entre esses temas, destacam-se: direitos da criança e do adolescente (Lei nº 8.069/1990), educação para o trânsito (Lei nº 9.503/1997), <b>educação ambiental</b> (Lei nº 9.795/1999, Parecer CNE/CP nº 14/2012 e Resolução CNE/CP nº 2/2012)... (Grifo nosso)</p>
	<p>Recomenda também a criação de Clubes Escolares: Clubes: agrupamentos de estudantes livremente associados que partilham de gostos e opiniões comuns (leitura, <b>conservação ambiental</b>, desportivo, cineclube, fã-clube, fandom etc.).</p>
	<p>COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS PARA O ENSINO MÉDIO</p> <p><b>Utilizar diferentes linguagens</b> (artísticas, corporais e verbais) <b>para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável</b>, em âmbito local, regional e global.</p>

Fonte: Autor da pesquisa, 2019.

Com relação a BNCC do Ensino Médio em todas as áreas de conhecimento são elencadas tanto nas habilidades como nas competências que os conteúdos devem proporcionar a consciência socioambiental e o consumo responsável. Sendo estes os pontos chave da educação ambiental de acordo com a Lei 9795/99 em seu artigo primeiro diz que "entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem como o uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade."

Como observamos em diversas leis, resoluções e até mesmo na CF brasileira o componente cultural deve ser levado em consideração para o ensino da EA tanto no âmbito da

educação básica como na educação superior e pós-graduação. Para tanto e buscando entender melhor como funciona a influência da cultura local no ensino e aprendizado da EA é que na seção seguinte abordaremos a análise dos filmes (animações) ora objetos de estudo com base na teoria dos Estudos Culturais proposto por Hall (2000, 2003 e 2004). Sempre lembrando que trata-se de um estudo com olhar do morador da região amazônica, que ama e busca a preservação da floresta e da sustentabilidade ambiental e socioeconômica.

Figura 15 – Religiosa Irmã Dorothy Stang, assassinada em 12 de fevereiro de 2005 por conta de sua luta pelos movimentos sociais e ambientais.



Fonte: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/irma-dorothy-uma-vitima-da-sangrenta-disputa-de-terras-no-brasil.phtml> em 12 de setembro de 2019.

Como destacado nessa seção, a Educação Ambiental tem uma longa história em que gradativamente onde foram sendo construídas as bases conceituais e legais, não sem lutas, mas com muita garra por parte dos atores, onde governos, organismos internacionais e legisladores foram aos poucos incorporando em suas políticas e propostas a EA como prioridade tanto para a formação de docentes como no ensino básico para que tenhamos cidadãos e cidadãs com consciência ambiental, social e econômica equilibrada para que a degradação do meio ambiente pare ou pelo menos diminua.

Na próxima seção faremos a união entre os conhecimentos sobre a influência da mídia e os conceitos e legislações da Educação Ambiental para que possamos analisar os filmes propostos para a formação docente, tendo ainda como base os estudos de Hall, Leff, Mattelart, bem como em pesquisas brasileiras destacando Baliscei, Duarte, Fischer e Teruya, bem como

em sítios especializados em críticas de cinema.

### CAPÍTULO III – CINEMA E MEIO AMBIENTE – união pertinente

Por que eu escrevo? Por que tenho que, Porque  
minha voz em todas suas dialéticas foi silenciada por  
muito tempo.

LJacobSam-La Rose<sup>4</sup>

Antes de passar para a análise dos filmes é necessário a abordagem do conceito de “lugar de fala” onde tomo a escrita de Ribeiro (2017) que mesmo tratando do ponto de vista de lugar de fala da mulher negra, posso<sup>5</sup> aqui encontrar a semelhança, pois quando um morador da região amazônica fala sobre a floresta e meio ambiente, esse tem experiências distintas dos moradores da região Sul por exemplo.

Ao ter como objetivo a diversidade de experiências, há a consequente quebra de uma visão universal. Uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai experimentar gênero de uma outra forma. (RIBEIRO, 2017 p.33)

Mas não falo apenas nas experiências, mas sim das condições sociais a qual tenho acesso para que possa ser ouvido, seria a conquista de um lugar social para ser ouvido num debate estrutural. Como afirma Collins (1997).

Embora minha experiência individual com o racismo institucional seja única, os tipos de oportunidades e constrangimentos que me atravessam diariamente serão semelhantes com os que afro-americanos confrontam-se como um grupo. Argumentar que os negros, como grupo, irão se transformar ou desaparecer baseada na minha participação soa narcisista, egocêntrico e arquetipicamente pós-moderno. Em contraste, a teoria do ponto de vista feminista enfatiza menos as experiências individuais dentro de grupos socialmente construídos do que as condições sociais que constituem estes grupos. (COLLINS, 1997, p. 9.)

Aqui deixo o ponto de partida da análise dos filmes, tendo em vista que estarei analisando e falando sobre os filmes propostos com o olhar do morador da região amazônica, destaco aqui não se tratar de um morador de uma cidade com recursos como Manaus (capital

---

<sup>4</sup> No original: “Why do I write? ‘Cause I haveto ‘Cause my voice, in all its dialects hasbeensilent too long”. SAM-LA ROSE, Jacob. Poesia. In: KILOMBA, Grada. Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism. Münster: Unrast Verlag, 2012. p. 12. Disponível em: [https://schwarzemilch.files.wordpress.com/2012/05/kilomba-grada\\_2010\\_plantation-memories.pdf](https://schwarzemilch.files.wordpress.com/2012/05/kilomba-grada_2010_plantation-memories.pdf). Acesso em: 25 maio. 2020.

<sup>5</sup> Retomo aqui na análise dos dados a abordagem na primeira pessoa do singular para que fique evidenciado o meu lugar de fala enquanto morador da região Amazônica que vive os benefícios e mazelas locais.

do Amazonas) ou mesmo de Porto Velho (capital do estado de Rondônia), mas é um morador do município de Guajará-Mirim, cidade esta com aproximadamente 47 mil habitantes, com aproximadamente 92% de sua área sendo preversada em Reservas Ambientais, Reservas Extrativistas e Reservas Indígenas.

Não se trata de defender o desmatamento da Amazônia e muito menos minimizar a importância da preservação do meio ambiente para todos e em especial para as futuras gerações, mas precisamos analisar e demonstrar que o morador de Guajará-Mirim tem pago um alto preço econômico e social para que aconteça a preservação da floresta e conseqüentemente do meio ambiente como um todo. Chegando ao ponto da população em conversas informais e nas redes sociais ser debatido sobre o meio ambiente, pois muitos já tratam com desprezo a floresta e o meio ambiente, tamanho é o estado de abandono por parte dos governantes federais e estadual.

Passemos aos filmes, são dois filmes de animação comerciais americanas, mesmo um deles sendo baseado em um livro francês da década de 70 do século XX, podemos caracterizá-los como filmes comercialmente viáveis e que tinha como meta principal a bilheteria e o lucro, e não tinha como foco principal a conscientização ambiental como muitos filmes que estão no circuito de festivais e mostras ambientais. Esse era um dos pressupostos para a escolha dos filmes a serem analisados, eu não buscava filmes puramente ambientais, tinham que ser desenhos animados que foram exibidos em cinemas comerciais e que tiveram um bilheteria e renda expressiva nos seus anos de lançamento.

Faremos neste capítulo a descrição e análise dos filmes WALL-E e LORAX-em busca da trífula perdida, com o objetivo de levantar o potencial pedagógico deste para o ensino da educação ambiental, tanto na formação docente inicial, formação continuada e formação do indivíduo buscando atender e sensibilizar crianças, adolescentes, jovens e adultos. Seguindo os pressupostos da lei 9795/99 (Programa Nacional de Educação Ambiental) e das BNCC's em que definem a EA como conteúdo transversal e multi disciplinar, apontaremos os pontos de potencial para esta ser ensinada de forma agradável e de forma didática criativa.

A análise se deu primeiramente com a ficha técnica dos filmes que foram disponibilizados pelos estúdios e produtoras, após passo para a crítica especializada em cinema, e por fim me atenho na análise propriamente dita, onde busquei apontar os ensinamentos entendidos na visão do morador da Amazônia, sendo necessário que fosse trazido algumas imagens retiradas dos filmes para demonstrar visualmente a análise. Parti então primeiro para o filme *WALL-E* e posteriormente para o filme *LORAX – em busca da trífula perdida*, a escolha de qual analisar primeiro se deu pela ordem cronológica de lançamento dos filmes.

### 3.1 WALL-E

#### 3.1.1 Ficha técnica

Figura 16: Capa do Filme WALL-E



Fonte: (<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-123734/>) em 04 de agosto de 2019.

**Título do filme:** WALL-E (Original)

**Estúdio:** Walt Disney Pictures e Pixar Animation Studios

**Ano de Produção:** 2008

**Estreia no Brasil:** 27 de junho de 2008 (Brasil).

**Duração:** 98 minutos

**Classificação:** Livre (para todos os públicos).

**Gênero:** Animação, aventura, ficção científica e romance.

**País de origem:** Estados Unidos da América.

**Sinopse:** Após entulhar a Terra de lixo e poluir a atmosfera com gases tóxicos, a humanidade deixou o planeta e passou a viver em uma gigantesca nave. O plano era que o retiro durasse alguns poucos anos, com robôs sendo deixados para limpar o planeta. Wall-E é o último destes robôs, que se mantém em funcionamento graças ao auto-conserto de suas peças. Sua vida consiste em compactar o lixo existente no planeta, que forma torres maiores que arranha-céus, e colecionar objetos curiosos que encontra ao realizar seu trabalho. Até que um dia surge repentinamente uma nave, que traz um novo e moderno robô: Eva. A princípio curioso, Wall-E logo se apaixona pela recém-chegada.

### 3.1.2 Toda arte tem crítica – filme WALL-E

Para o filme Wall-E foram selecionadas as críticas dos seguintes sites: Portal Cinema (site de Portugal), Cine Ad Diction, CineClick, Omelete e Contraditorium, sendo que a crítica de Cine Ad Diction foi feita em comemoração aos 10 anos de lançamento do filme, as demais foram feitas na época do lançamento do filme no de 2008. A seguir destaco alguns trechos destas críticas.

No site Portal Cinema ([www.portal-cinema.com](http://www.portal-cinema.com)) tem a crítica de João Pinto onde nos revela que “aPixar volta a surpreender o mundo pela positiva ao apresentar “Wall-E”, uma futurista comédia romântica que rompeu todas as barreiras ao apresentar uma fantástica história romântica que não contém os tradicionais diálogos entre as personagens principais.” Percebemos que para o crítico o enredo está centrado no romance entre Wall-E e EVA, mas com destaque aos personagens que quase não pronunciam palavras, sendo apenas alguns poucos sons.

Continuando a crítica é citado que:

“O mais curioso é que esta obra conseguiu isto tudo sem conter um único diálogo normal e corrente entre as personagens principais, já que estas comunicam entre si através de sons computadorizados e gestos que, apesar de serem simples e básicos, não deixam de reforçar a ideia de que o amor vence todas as barreiras, até as da linguagem.” (PINTO, 2008– [sitio portal-cinema.com](http://sitio.portal-cinema.com))

Fica evidente que na história o amor supera qualquer obstáculo, mas ainda continua na



centralidade do romance e nada de meio ambiente, mas no decorrer da crítica o autor nos alerta sobre a temática, ““Wall-E” passatambém uma mensagem importante sobre a poluição, criando um cenário preocupante mas exagerado, sobre o que pode acontecer á Terra se não tivermos mais cuidado com o nosso planeta.”

Enfim a temática do meio ambiente aparece na crítica, mas o autor se limita a descrever como exagerado e que pode acontecer, claro que ainda não chegamos ao ponto de sermos obrigados a sair do Planeta Terra, mas a poluição relatada no filme não é exagerada e nem distante como pressupõe o autor da crítica. Essa poluição é real e atual em algumas partes de nosso planeta.

Por fim o autor encerra sua crítica com mais destaque para o fato do filme não conter diálogos:

““Wall-E” é mais uma aposta ganha pela Pixar, que volta a confirmar a sua posição de destaque no mundo da animação. Estamos perante um excelente filme que é perfeito para todas as idades, sem exceção, e que certamente irá surpreender os mais cépticos que não acreditam que seja possível criar um bom filme sem diálogos linguísticos entre os protagonistas.” (PINTO, 2008 – sitio portal-cinema.com)

Nesta primeira crítica pouco se citou sobre a temática meio ambiente, a não ser um breve destaque dizendo que é uma situação exagerada e distante, essa falta de percepção talvez se dê pela ausência de conhecimento específico sobre o meio ambiente e a forma desordenada de consumo por parte significativa da população mundial.

Dando continuidade, passaremos a crítica contida no site CineClick sem autor definido publicada em 27 de junho de 2008 (dia do lançamento do filme), já inicia impactante do ponto de vista da qualidade e surpresa com que o filme causa no espectador: “A Pixar conseguiu de novo. Com seu padrão de excelência tanto visual quanto narrativo, o estúdio de animação lança seu novo longa-metragem, Wall-E, prometendo diversão num filme inteligente esensível. E, o mais incrível: sem diálogos.”

Mas a crítica faz menção às características do planeta terra num tempo 800 anos a frente para que o leitor se situe no tempo/espaço:

A história é ambientada daqui a 800 anos, quando a Terra está completamente inabitável. Enquanto os humanos são levados a viver na órbita do planeta dentro da nave Axiom, robôs como Wall-E (sigla para Waste Allocation Load Lifter Earth-Class, ou traduzindo "Elevador de Detritos Classe Terra") no planeta a fim de limpar a sujeira dos humanos e tornar o planeta habitável novamente. (CINECLICK, 2008)

A crítica ainda cita os cenários em que se passa o filme, “a criação estética dos

cenários do longa-metragem é feita de extremos: de um lado, temos a Terra empoeirada e inabitável; de outro, uma nave que abriga seres humanos de forma a dar a eles todos os confortos possíveis e imaginados.”

Mas já no último parágrafo da crítica nos chama atenção pelo autor da questão ambiental, social e tecnológica, sendo estes os nossos objetos de estudo:

Com uma mensagem ecológica - muito em voga nos dias de hoje -, Wall-E também critica a crescente apatia dos seres humanos, que, automatizando sua vida em busca de uma aparente praticidade, tornam-se cada vez mais apáticos em suas atitudes. Desta forma, existe uma inversão de valores no filme: os robôs têm sentimentos, enquanto os humanos só fazem perdê-los. Mas esse é o tipo de análise que o público adulto pode ter; aos menores - originalmente, público alvo das animações -, Wall-E oferece personagens carismáticos, cores e divertidas aventuras. (CINECLICK, 2008).

Nesta crítica identifiquei a preocupação da análise e entendimento por parte de adultos, mesmo sendo um filme feito para o público infantil, Wall-E tem também um ensinamento para os adultos que assistiram e que refletiram sobre nossas condutas e práticas do cotidiano.

De autoria de Érico Borgo para o site Omelete (sítio omelete.com.br) esta crítica tem início com a seguinte frase: “E a Pixar conseguiu outra vez...”. Esta crítica foi publicada no dia 26 de junho de 2008 (data da pré-estréia), mas teve uma atualização em 21 de setembro de 2014.

Para Borgo a Pixar merece destaque: “Desde Walt Disney não havia no ocidente produtores tão empenhados em levar o mundo da animação a um novo patamar de qualidade técnica e narrativa. Aliás, muito mais narrativa que técnica.” Mais uma vez a narrativa é considerada a melhor parte do filme.

Desta vez o crítico iniciou pela primeira cena, sem o compromisso de parecer piegas de começar pelo começo, mas pela qualidade da primeira cena:

“Começa memorável já na primeira cena, uma tocante panorâmica pelo planeta Terra completamente tomado por torres de lixo. Lá embaixo, rastros na poeira, sem qualquer trilha sonora, um robzinho segue sua programação: Limpar a bagunça dos humanos. Surge então, sem qualquer alarde, o título do filme.” (BORGO, 2008 – sítio omelete.com.br).

Já impactado por essa cena e com a complexidade e profundidade que o tema ambiental merece neste filme, Borgo continua “A cena é tão impactante que chega a dar arrepios...”. Como não prestar atenção na questão ambiental após essa narrativa.

Mas em seu penúltimo capítulo da crítica é que vem a maior contribuição ambiental do filme no ponto de vista do autor desta:

“Os criadores encontram espaço ainda para encaixar questões ambientais e humanitárias sem soarem panfletários - e ainda assim obtendo algo tão impactante quando os documentários-denúncia que nos assustam nas telonas na TV. Mas diferente desses filmes, Wall-E é otimista. Afinal, há algo reconfortante em saber que o robzinho é definido pelas sutilezas materiais descartadas de uma raça incapaz de entender seu lugar ou viver em conjunto. Ao nos colecionar, Wall-E extrai o melhor de nós.” (BORG, 2008 – em omelete.com.br).

Mas como se diz, para fechar com chave de ouro, em sua última frase o autor da crítica destaca que “Parece que a Pixar tem mesmo fé na humanidade. E não é que também tenhamos fé no mundo sabendo que temos a Pixar?” Parece que a Pixar com Wall-E consegue resgatar do fundo de nós mesmos os princípios humanos que existe (ou pelo menos deveria) em nós.

Do site Contraditorium vem a crítica assinada por Angelo Cardoso, datado de 3 de julho de 2008, o título desta é “Wall-E – Apenas maravilhoso”. Apesar de concordar com o autor e ficar com vontade de encerrar os comentários a essa crítica apenas com elogios, tem mais informações interessantes sobre o filme, mas nem uma palavra se quer sobre meio ambiente e a mensagem ambiental que Wall-E traz.

A última crítica que analisaremos do filme Wall-E é do site Cine Ad Diction (cineaddiction.com) assinada por Cristiana Martins em 28 de setembro de 2018, sim isso mesmo, não errei a data, a crítica foi escrita mais de 10 anos depois do lançamento do filme nos cinemas. Já inicia assim: “Dez anos após a estreia de Wall-E, o filme de animação dirigido por Andrew Stanton continua nos corações de muitas pessoas, não só de crianças (que depois de uma década pararam de ser), mas de um enorme público adulto.”

Mesmo passado tanto tempo o filme continua sendo atual, ao passo que na crítica é citada a distopia existente:

“Uma distopia pode ser descrita como uma sociedade fictícia e indesejável de si mesma. Para esse tipo de histórias encontramos muitos títulos de ficção científica, como Blade Runner e outros títulos que se desenvolvem como uma ucrônia. Há também muitos outros para jovens, como The Hunger Games ou Maze Runner. Qual é a característica em comum? Que a sociedade como a conhecemos sucumbem ao peso da guerra, exploração de recursos naturais, poluição ou desastres ambientais e outros terríveis fins para a humanidade. (MARTINS, 2018 – sítio cineaddiction.com).

Mas sem deixar de lado os atributos de roteiro do filme, mas sim confirmando que a intensão era ir além do romance entre dois robôs, Martins (2018) cita ainda:

“O filme também fala sobre paciência e sacrifício, bem como sobre ecologia e o modo de vida sedentário em que a junk food e a televisão têm idiotizado os seres humanos. É uma crítica brutal e construtiva do sistema. O filme

procura as razões para o que aconteceu, e não retrata apenas sobre o quão mau o mundo é. Todo o argumento é bom para revelar algumas lições morais importantes: cuidar do meio ambiente. Reciclar e não poluir. Mas se não sabemos como cuidar de nós mesmos, como vamos cuidar do meio ambiente?”

Já findando a crítica a autora ainda nos leva a uma reflexão sobre o potencial que o filme tem para ensinar as futuras gerações: “As crianças vão gostar e rir, porque o humor é um dos seus pontos fortes, **mas as pessoas mais velhas, para além de rir, vão-se emocionar e aprender**, tudo em partes iguais. Ser capaz de ver mais além é a razão pela qual este tipo de filme é apreciado.” (Grifo nosso).

Tendo WALL-E sido lançado no ano de 2008 e como proposta de análise também o alcance que o filme teve, buscamos analisar o resultado das dez maiores bilheteiras do ano, a fim de obter um ranking, pois quanto maior a bilheteria, mais pessoas assistiram determinado filme. Faz-se necessário destacar que não busquei apenas em animações, mas em filmes de todos os gêneros e indicações de idades, tendo em vista que pesquisamos o potencial pedagógico para a educação ambiental na formação docente (adulto).

No ano de 2008 tivemos os seguintes lançamentos e bilheteiras, até a décima maior bilheteria, conforme demonstrado no quadro 10:

Quadro 11 – Bilheteria mundial no ano de 2008 (em dólares)

	<b>Filme</b>	<b>Distribuidora</b>	<b>Bilheteria Mundial em US\$</b>
1º	Batman – o Cavaleiro das Trevas	Warner Bros	1.004.558.444
2º	Indiana Jones e o Reino da Caveira de Cristal	Paramount Pictures	786.636.033
3º	<b>*Kung Fu Panda</b>	DreamWorks Animation / Paramount Pictures	631.744.560
4º	Hancock	Columbia Pictures	624.386.746
5º	Mamma Mia!	Universal Pictures	609.841.637
6º	<b>*Madagascar 2 – A grande escapada</b>	DreamWorks Animation / Paramount Pictures	603.900.354
7º	007 – Quantum of Solace	Metro Goldwin Mayer / Columbia Pictures	586.090.727
8º	Homem de Ferro	Walt Disney Pictures / Marvel Studios	585,174.222

9º	<b>*Wall-E</b>	<b>Walt Disney Pictures / Pixar</b>	<b>521.311.860</b>
10º	As Crônicas de Nárnia – Príncipe Caspian	Walt Disney Pictures / Buena Vista	419.665.568
<b>* São filmes de animação.</b>			

Fonte: Box Office Mojo (<https://www.boxofficemojo.com/year/2008/>) em 08 de agosto de 2019.

Informação a parte das críticas, também destaco a bilheteria do filme e a comparação deste com os demais filmes lançados no mesmo ano, claro que não necessariamente um filme que é sucesso de bilheteria é um bom filme, mas se pensarmos que um bom filme os espectadores podem assistir mais de uma vez, e até mesmo indicar para familiares e amigos. Destaco que essa possa ser um bom indicativo de qualidade.

Wall-E ficou entre as 10 maiores bilheterias do ano de 2008 com uma excelente nona posição, mesmo ficando atrás de outras animações que foram Kung Fu Panda e Madagascar 2 – A grande escapada.

Com essas críticas e análises das bilheterias do ano de 2008, iniciarei a minha análise do filme WALL-E com base no meu lugar de fala.

### 3.1.3 WALL-E (pergunto: será o nosso futuro?)

Era uma vez um planeta devastado e sem habitantes... Ficou piegas, mas cabe muito bem no contexto que abordo nessa sessão, pois o nosso planeta não é mais o mesmo de outrora, claro que ainda habitamos a Terra, mas até quando?

O filme tem início com a câmera vindo do espaço e se aproximando do planeta Terra até que chega a uma paisagem encoberta de névoa, aparentemente de uma cidade com montanhas, indústrias e cheia de prédios de todos os tamanhos, mas conforme a vai se aproximando se desnuda a triste realidade, onde achava que eram prédios, são na verdade montes de lixo, mas também não se vê pessoas nesta cidade, pois as ruas estão desertas e com lixo por todos os lados (Figura 17). Lixo este que um robzinho (WALL-E) vai juntando e compactando (Figura 18) e empilhando até que forma a triste paisagem sem vida.

Figura 17 – Cidade abandonada e com lixo por toda a parte.



Fonte: Filme WALL-E aos 2'23".

Apenas um pequeno robô compactando entulhos, é algo que imaginamos que poderá demorar muito tempo, tendo em vista a demanda de lixo ainda espalhado pelas ruas e que estão aparentes na figura 17.

Figura 18 – WALL-E compactando lixo.



Fonte: Filme WALL-E aos 2'32".

Até aqui ainda não tinha percebido a semelhança entre o filme (um tanto quanto apoláptico) com a realidade que está sendo consolidada na sociedade do século XXI, mas com um olhar mais atento percebi que o lixo compactado por WALL-E é basicamente latinhas de alumínio e embalagens plásticas e de papelão (Figura 18). Se o espectador observar o próprio lixo diário irá se deparar com os mesmos materiais descartados e que estão sendo mostrados no filme. Iniciei aqui, portanto as descobertas de potenciais pedagógicos para o ensino da EA, conforme quadro 8 exposto no capítulo anterior a BNCC prevê que deve ser trabalhado em sala de aula o consumo consciente e consequente redução de resíduos. Pois o aumento do

consumo de embalagens descartáveis é evidente em todas as regiões do Brasil e em praticamente todos os países do mundo. Mesmo em plena floresta amazônica encontramos lixo que poderia ser evitado o descarte e principalmente o descarte incorreto.

Segue a cena com WALL-E andando pela cidade abandonada e com muito lixo, conforme vai passando pelas ruas aparecem diversos pontos comerciais abandonados, mas em comum em todos tem uma marca “BNL”, até que uma propaganda aparece com poucos minutos do filme, onde uma foto do robô WALL-E (é uma série de robôs projetados no passado a fim de limpar a terra do lixo deixado pelos seres humanos) onde aparece a frase “Working to dig you out!” (Figura 19) em uma tradução literal seria algo como “trabalhando para te desenterrar” ou seja é um robô criado com o objetivo de trabalhar para tirar o lixo e “desenterrar” os seres humanos. Mas e os seres humanos onde estão? Com essa pergunta fiquei procurando vida ao meio do lixo e degradação. No decorrer das cenas destaco os diversos robôs WALL-E abandonados (quebrados) pelas ruas e calçadas. Mas o WALL-E (personagem principal do filme) tem um amigo (uma barata) que o acompanha por onde quer que vá.

Figura 19: Propaganda divulgando o WALL-E



Fonte: Filme WALL-E aos 4'08”.

Mas o que se segue são imagens da cidade abandonada e com muito lixo espalhado, até que inicia uma publicidade em alguns telões de LED onde a mensagem diz: “tem muito lixo no pedaço? Tem muito espaço no Espaço? Espaçonaves BNL partindo a toda hora, nós limpamos a bagunça enquanto você estiver fora.” Essa narrativa apresenta o contexto em que está localizada a história, a sociedade destruiu o planeta com tanto lixo que foram obrigados a deixar a Terra em espaçonaves que servirão de abrigo fora da Terra, enquanto o planeta será limpo pelos robôs WALL-E.

Continuando o filme com o WALL-E indo para o seu abrigo, tendo em vista que chegara ao fim seu dia de trabalho e já estava escurecendo e ele é movido a energia solar, chegando em seu abrigo, começa organizando os objetos que encontrou e guardou durante o dia, até que ele vê em um televisor uma cena de um filme onde namorados andam de mãos dadas e dançam, isso lhe chama a atenção.

No dia seguinte o WALL-E durante seu trabalho de juntar, compactar e empilhar o lixo encontra uma muda de uma planta dentro de uma geladeira velha entre os entulhos e lixo (Figura 20), logo pode evidenciar mais um potencial pedagógico para o ensino da EA, as plantas independente do local sempre tendem a resistir, renascer e crescer. Isso dá esperança para que áreas degradadas sejam recuperadas e novamente a vida volte a florescer, pois já aconteceu em vários locais do planeta esse resgate pela própria natureza, independente de ação humana. Aqui destaco mais uma percepção minha, enquanto moradores do planeta Terra nos acostumamos a achar que a natureza sempre irá se regenerar, independente do tamanho da degradação que o homem provoque, mas para a nossa tristeza, a natureza tem sim capacidade de se regenerar, mas não infinitamente, pois chega um ponto de degradação que não há mais a possibilidade de vida.

Figura 20: Momento em que WALL-E encontra uma muda de planta



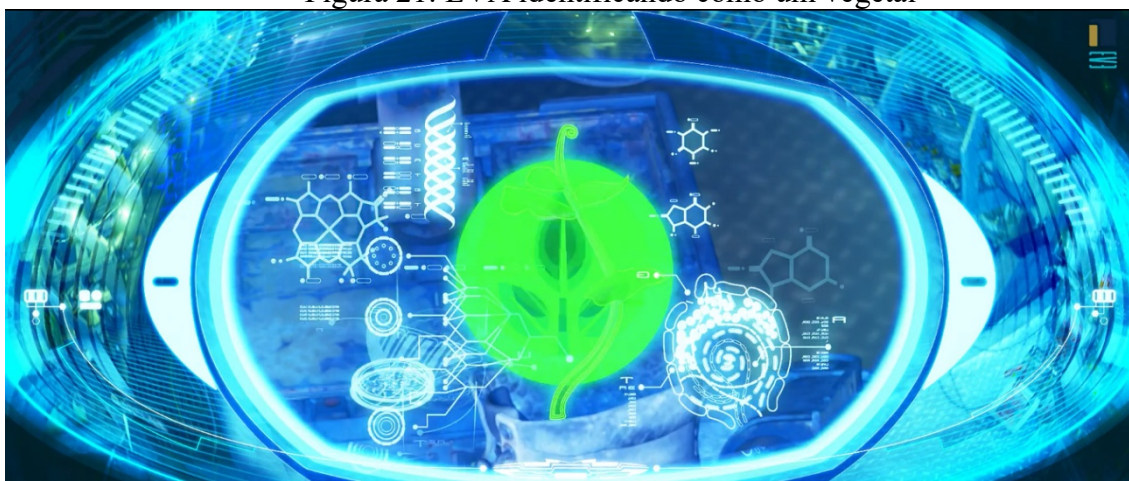
Fonte: Filme WALL-E aos 11'47".

Voltemos ao filme, após WALL-E coletar essa muda com um punhado de terra a leva para o seu abrigo, mas pelo caminho ele percebe uma luz vermelha que o acompanha, surge uma nave e de dentro desta surge mais um robô, mas este é flutuante e branco. Logo lhe chama a atenção este novo “habitante” da terra que sai voando por todos os lados e o WALL-E tentando acompanhar. Este novo robô, bem mais evoluído que nosso personagem principal, voa, tem sensores mais apurados e armas, vai por toda parte analisando e escaneando o que encontra pelo caminho, procurando algo.



Até que Wall-E e EVA (esse é o nome da robózinha, que significa Examinadora de Vegetação Alienígena, em inglês é EVE) têm o primeiro contato visual entre eles, o se vê a seguir é um diálogo (sem palavras) onde ambos explicam suas diretrizes um para o outro (funções no Planeta Terra) e EVA informa que é sigiloso, segue ela procurando algo e o WALL-E a seguindo por todos os lados. Até que uma tempestade de areia se aproxima, antes que sofram com essa tempestade ele a leva para seu abrigo e começa a mostrar-lhe tudo o que já conseguiu juntar. Até que WALL-E mostra para EVA a plantinha que havia achado no dia anterior, ela escaneia a planta como faz com tudo e identifica algo que parece ser o seu objetivo (Figura 21), mas desta vez algo estranho acontece, ela captura a planta para seu interior e fica imóvel emitindo um sinal.

Figura 21: EVA identificando como um vegetal



Fonte: Filme WALL-E aos 28' 36".

Então retorna ao planeta Terra uma nave que veio deixar a EVA, mas desta vez a leva para seu interior, WALL-E a segue e se agarra na nave que segue pelo espaço até chegarem na AXIOM (uma nave maior que está servindo de refúgio para a parte da população da Terra).

Dentro desta nave maior EVA é levada para outro local e WALL-E tenta acompanhá-la, até que se depara com vários humanos flutuando em cadeiras e muito obesos, sem que façam qualquer movimento que não seja com a boca para falar e as mãos para apertarem botões e a mídia que aparece e é ouvida dentro da espaçonave diz “BNL, tudo que você precisa está aqui” (Figura 22), voltamos a ver e ouvir o nome da corporação BNL que lá no início do filme aparecia com a solução para a poluição. Aqui destaco outro ponto que merece ser analisado como potencial pedagógico, perceba que essa propaganda é como a peça publicitária que citamos no capítulo I sobre o agronegócio, pois o “Agro é tudo” e no filme, “tudo que você precisa encontra aqui”, não por acaso acontece a utilização da palavra “tudo”, pois dá a sensação de saciedade de nossas necessidades.

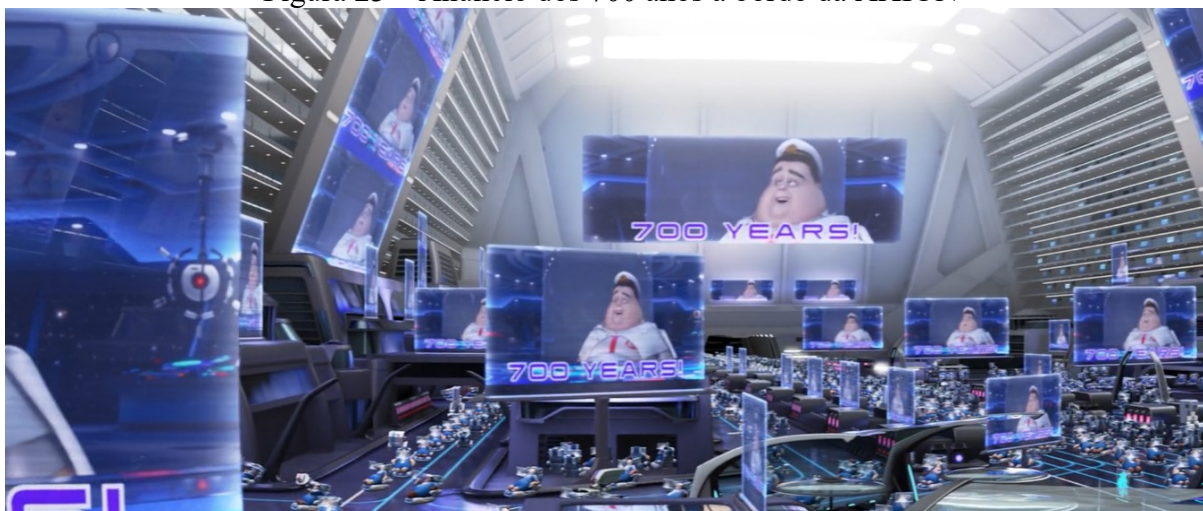
Figura 22 – Propagandas no interior da espaçonave



Fonte: Filme WALL-E aos 40' 23".

EVA chega até a cabine de comando onde é inspecionada pelo robô que é o piloto automático da AXION e o mesmo identifica que tem um corpo com vida no interior da EVA. Aqui aparece enfim o primeiro personagem humano do filme que é o comandante da espaçonave é alertado que a Sonda EVA retornou do Planeta Terra com resultado positivo para vida, isso tudo com os olhares atentos de WALL-E (que está escondido). Destaco que no dia da chegada de EVA a nave, comemora-se o aniversário de 700 anos que estão fora da terra, mas no início do filme a propaganda era que eles iriam fazer uma viagem de 5 anos para a limpeza do Planeta Terra. Porém a sensação de conforto e comodidade é tão grande passando de gerações a gerações dentro da AXION que ninguém questiona o por que da humanidade estar a 700 anos fora da Terra (Figura 23), sendo que o planejado era de bem menos tempo. O docente atento aos potenciais pedagógicos do filme para o ensino da EA pode explorar esta apatia da população, uma vez que o debate e o ensino traçando um paralelo com a nossa realidade cultural atual, pois muitas vezes acontecem questões de racismo, preconceito de todas as formas e os/as alunos/as não são estimulados a debaterem esses problemas por pura falta de provocação. Mas pela BNCC em vigor um dos pontos a serem trabalhados é a consciência sócioambiental e a ética, conforme abordado no capítulo II, mais especificamente nos quadros 8 e 9.

Figura 23 – Anúncio dos 700 anos a bordo da AXION



Fonte: Filme WALL-E aos 46' 14".

Quando o comandante da nave é informado pelo piloto automático (denominado de AUTO) que a sonda 1 (EVA) retornou do Planeta Terra com resultado positivo (sim havia sido encontrado uma espécie de vegetal na Terra) e que está na hora de voltar para “casa” (o planeta Terra), então o comandante pede para EVA abrir, e não tem nada em seu interior. O que se segue no filme é a EVA e WALL-E sendo levados para a oficina, mas ao se despedir do comandante o WALL-E deixa fragmentos de terra na mão dele (Figura 24). Como o comandante não sabia o que era aquilo, coloca para ser analisado pelo computador da AXION e o mesmo lhe informa que é terra e o comandante começa a fazer muitas perguntas sobre aquele material.

Figura 24 – Terra deixada por WALL-E na mão do comandante

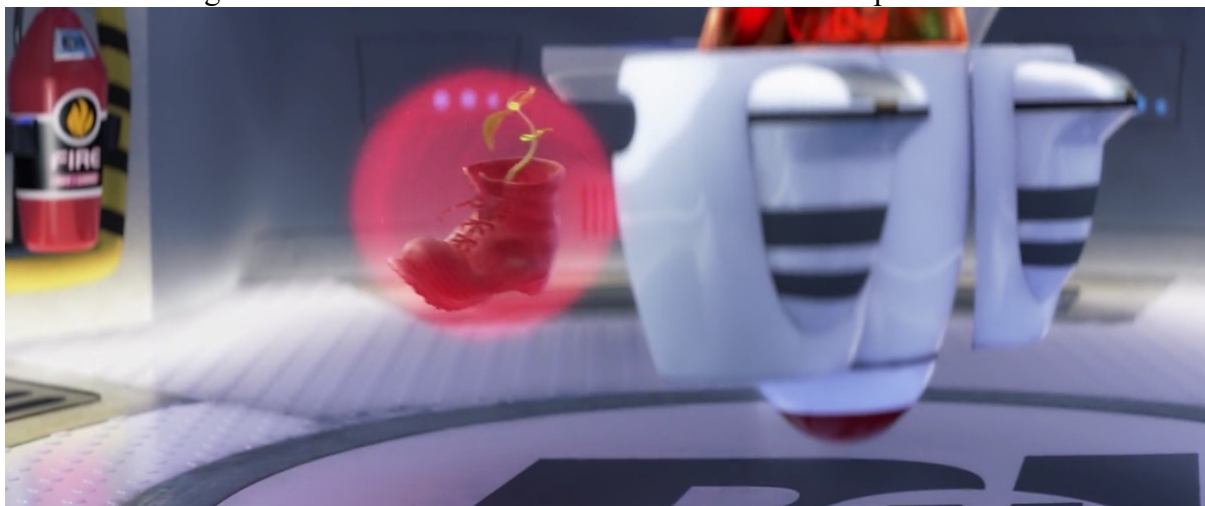


Fonte: Filme WALL-E aos 51' 05".

Entrando mais uma vez no olhar pedagógico, em cidades mais urbanizadas, muitas crianças não conhecem mais o que é a natureza em sua forma inicial, a fauna e a flora e muitos só sabem através de vídeos em seus smartphones ou smartv's. Pode parecer exagero, mas não é. Ou alguns só conheçam a natureza feita e controlada pelo homem em condomínios cada vez mais elitizados e restritos.

Mas voltando ao filme, na oficina uma grande confusão acontece e todos os robôs que estão para serem consertados escapam e causam o maior tumulto no interior da AXION, e EVA juntamente com WALL-E retornam para a cabine de comando para saber o que havia acontecido com a planta.

Figura 25 – Planta é deixada no módulo de retorno ao planeta Terra



Fonte: Filme WALL-E aos 57'26".

Mas o que aconteceu foi que o próprio computador gestor (piloto automático denominado AUTO) da nave AXION subtraiu a planta de dentro da EVA e iria mandar de volta à Terra (Figura 25) para que não fosse completado o plano inicial que era dos humanos voltarem para o Planeta Terra ao sinal de vida vegetal.

Mas WALL-E e EVA com a ajuda do comandante da nave irão travar um longa batalha contra o AUTO para que a planta possa ser colocada no compartimento que desencadeará nas ações para o retorno da espaçonave ao Planeta Terra, que finalmente chegara o momento. A máquina já sabia que caso houvesse vida no planeta Terra, seria possível a volta e com isso não seria mais necessária a AXION e portanto a grande corporação que explora os seres humanos (capitalismo e consumo exagerado) iria perder dinheiro e portanto mesmo após 700 anos morando no espaço a programação da máquina é manipular a realidade para que as pessoas sempre fiquem dependentes da BNL (corporação dominante). Aqui faço outro comentário pedagógico que podemos extrair do filme, essa

exploração muito se assemelha com a realidade atual em que somos dependentes de celulares, tablets, notebooks e demais máquinas e computadores criados pelas corporações, e essas cada vez mais nos obrigam a trocar o bem com tempo cada vez menor.

Ao perceber que a planta havia sido descartada no espaço juntamente com WALL-E que havia ido buscar a plantinha, EVA segue atrás pelo espaço em busca deles, WALL-E consegue recuperar a plantinha e mostra para EVA, onde segue uma linda dança entre os dois comemorando. Até que EVA consegue devolver a plantinha para o comandante (Figura 26) da AXION e este já sonhava com o retorno a Terra, pois estava maravilhado com o que ele havia aprendido sobre o planeta que 700 anos atrás fora abandonado pelos seres humanos pela ganância e poluição.

Figura 26 – Planta é devolvida para o Comandante da AXION



Fonte: Filme WALL-E aos 1h03'53".

Mas o comandante solicita para ver imagens de como a Terra está e vê as imagens que EVA gravou enquanto esteve no planeta devastado, ele se entristece com o que vê, o comandante percebe que tem que cuidar da plantinha (ele rega e cuida) e logo em seguida solicita que AUTO (computador central da espaçonave) vá até a cabine de comando.

Neste momento inicia uma disputa entre o comandante e o AUTO pela posse da plantinha (Figura 27 na próxima página), e ambos a querem, mas por motivos diferentes e antagônicos, o comandante quer que a planta volte a crescer e se espalhar pelo planeta Terra, já AUTO quer que os seres humanos continuem na espaçonave, tendo em vista ter sido programado para fazer com que os humanos não retornem à Terra. O dono da BNL há muitos anos atrás fez uma mensagem informando que a Terra não pode mais ser habitada e portanto é recomendável que todos permaneçam no espaço, tendo em vista que na Terra os níveis de toxidade estão insuportáveis.

Passados 20 anos do século XXI, a cultura dos interesses corporativos prevalecerem frente aos interesses da sociedade e do meio ambiente é evidente, a utilização de agrotóxicos nocivos a saúde humana são liberados, florestas são derrubadas e incendiadas em nome do agronegócio, crateras são abertas na terra em nome da mineração e grandes lagos são feitos em nome da geração de energia elétrica, isso para citar apenas alguns interesses econômicos que têm sido mais importantes que o homem e o meio ambiente.

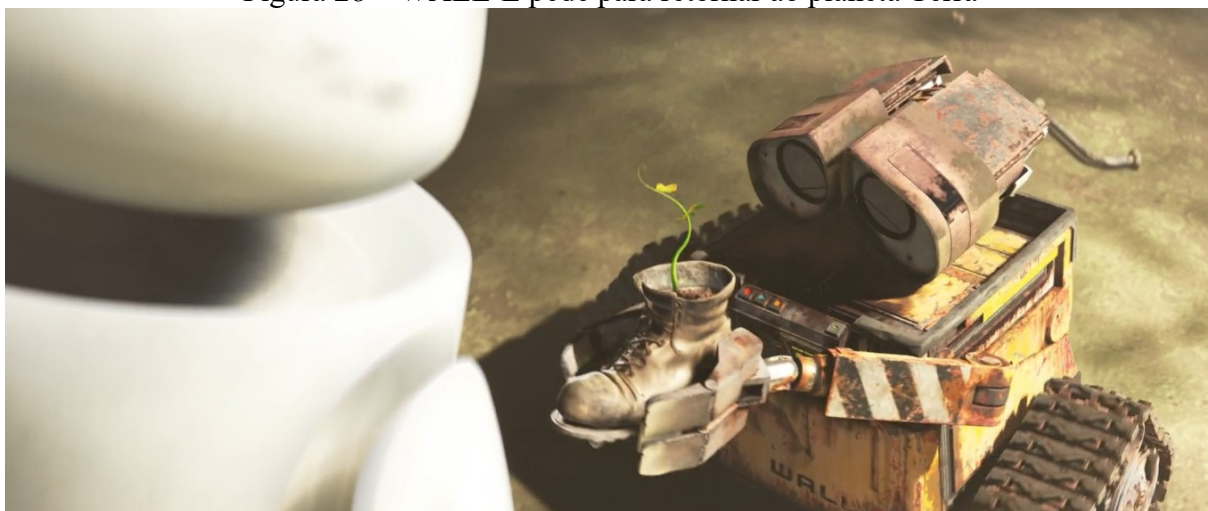
Figura 27 – Comandante e AUTO disputam a plantinha



Fonte: Filme WALL-E aos 1h10'15".

Seguindo, WALL-E consegue recuperar a plantinha, mas este é jogado no lixo pelo AUTO, juntamente com EVA, quando chegam ao lixo da espaçonave EVA volta a funcionar e vê que WALL-E está prestes a ser lançado ao espaço juntamente com o lixo. Aqui um paradigma interessante a ser analisado, o que fazer com o lixo? Mesmo após 700 anos morando fora do planeta Terra o lixo continua a ser um problema para os seres humanos (falta de consumo consciente). Mas WALL-E está com defeito devido a luta com AUTO, EVA procura por uma solução para consertar ele, até que num último esforço WALL-E consegue pedir para EVA levar a plantinha até a base da AXION a fim de direcionar a espaçonave para retornar ao planeta Terra (Figura 28).

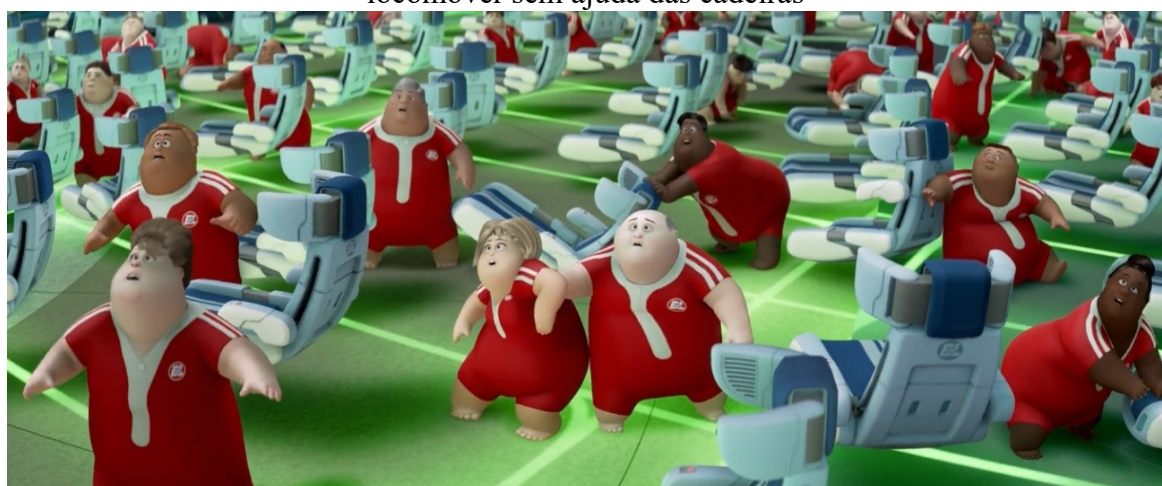
Figura 28 – WALL-E pede para retornar ao planeta Terra



Fonte: Filme WALL-E aos 1h15'39".

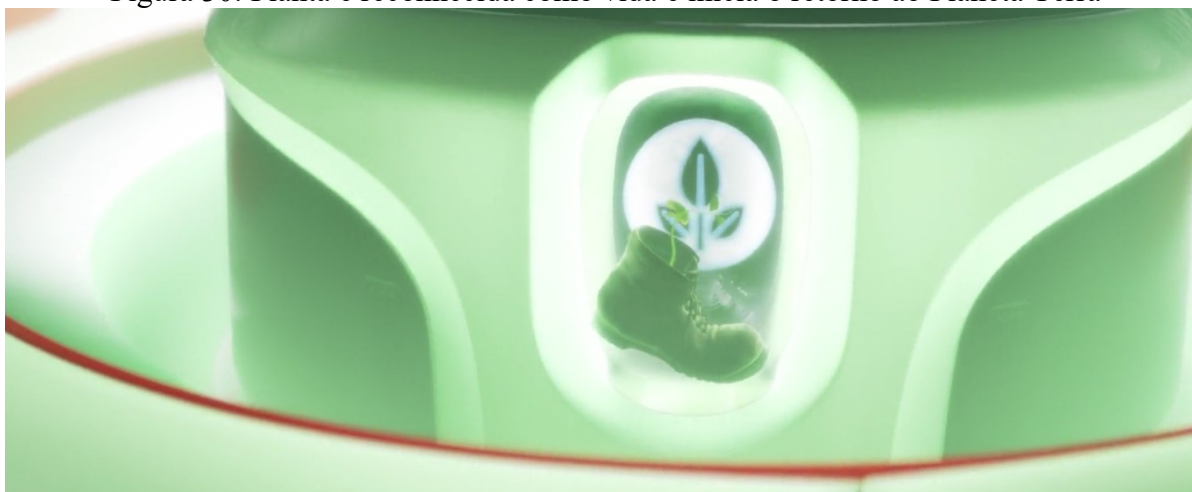
Durante essa batalha entre o que podemos chamar de o “bem contra o mau” (o bem representado por EVA e WALL-E e o mau representado pelo computador central da AXION) os seres humanos são preparados para retornar a Terra e aos poucos começam a perceber que eles podem fazer movimentos e andar sem ajuda de máquinas (Figura 29), mas Wall-E fica gravemente danificado e a planta é colocado no leitor (Figura 30) que comandará o retorno automático para o Planeta Terra.

Figura 29: Momento em que os seres humanos perceberam que poderiam ficar em pé e se locomover sem ajuda das cadeiras



Fonte: Filme WALL-E aos 1h23'36".

Figura 30: Planta é reconhecida como vida e inicia o retorno ao Planeta Terra



Fonte: Filme WALL-E aos 1h23'33".

Ao chegarem no planeta Terra os seres humanos começam a sair e ver o algo que eles não conheciam, que é terra (Figura 31) e EVA corre com WALL-E para seu abrigo, a fim de encontrar as peças necessárias para reparar ele (Figura 32), quando EVA consegue trocar todas as peças (entre elas um slot de memória), WALL-E não tem mais lembranças de EVA e do amor entre eles. Mas aos poucos WALL-E vai recuperando sua memória.

Figura 31: Chegada da AXION na Terra e os seres humanos descendo



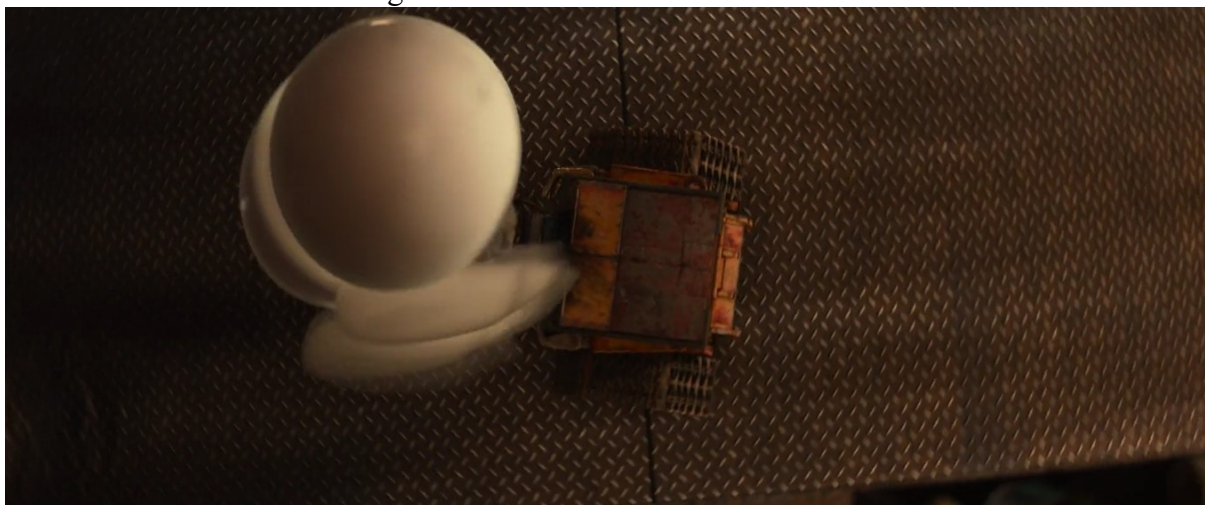
Fonte: Filme WALL-E aos 1h25'24".

Ao EVA consertar WALL-E com as peças que ele mesmo havia recolhido durante anos e guardado para fazer sua própria manutenção, percebemos que temos um potencial pedagógico para o ensino da preservação da espécie, pois WALL-E nada mais fez do que proporcionar condições de permanência de sua “vida”, podemos ainda analisar a reutilização e reciclagem de materiais que podem além de diminuir a poluição, também ajudará na



preservação da espécie.

Figura 32: EVA consertando WALL-E



Fonte: Filme WALL-E aos 1h26'18".

Os seres humanos desembarcam da AXIOM e o comandante planta a mudinha em terra firme, com alguns bebês regando esta planta com a fala do comandante dizendo que eles podem plantar tudo na terra (Figura 33).

Figura 33: Comandante e algumas crianças plantam a mudinha



Fonte: Filme WALL-E aos 1h29'41".

O filme vai chegando ao fim com cenas de Wall-E e EVA vivendo sua história de amor, a terra novamente sendo coberta por plantas (Figura 32), e assim como começou com um imagem em aproximação do Planeta Terra, vai encerrando com a cena de afastamento do Planeta.

Figura 34: O planeta Terra sendo reflorestado a partir da muda que o WALL-E achou.



Fonte: Filme WALL-E aos 1h29'59".

E assim Wall-E, EVA e os seres humanos viveram felizes para sempre...

Não resisti a encerrar com o velho e já muito utilizado “felizes para sempre”.

### 3.2 LORAX – em busca da trúfula perdida

Figura 35: Capa do Filme Lorax – em busca da trúfula perdida.



Fonte: Google Imagens – em <https://capasecovers.wordpress.com/2012/03/31/o-lorax-em-busca-da-trufula-perdida/> em 09 de agosto de 2019.

#### 3.2.1 Ficha técnica

**Título Original:** The Lorax.

**Estúdio:** Universal Pictures / Illumination Entertainment

**Ano de Produção:** 2012.

**Estréia:** 30 de março (Brasil).

**Duração:** 86 minutos.

**Classificação:** Livre – para todos os públicos.

**Gênero:** Animação, comédia e família.

**País de Origem:** Estados Unidos da América (o filme) e França (livro original de 1971).

**Sinopse:** Um rapaz de 12 anos procura uma árvore que lhe permitira ganhar a simpatia da garota dos seus sonhos. Para encontrá-la, percorre o território do Lorax, uma criatura lendária,

mal-humorada e charmosa que luta para preservar o seu mundo e as criaturas que o habitam.

### 3.2.2 Toda arte tem crítica – Lorax-em busca da trúfula perdida

Para o filme Lorax-em busca da trúfula perdida, iniciaremos a análise das críticas também pelo site Portal do Cinema ([www.portal-cinema.com](http://www.portal-cinema.com) como já dito nos comentários das críticas ao filme Wall-E, este é um site de Portugal) com crítica feita por João Pinto em 30 de março de 2012, já em seu início já nos aponta para os problemas ambientais do planeta:

“uma bela e animada adaptação cinematográfica do homónimo clássicoliterário do Dr. Seuss que, sem ser um grande clássico ou até um dos melhores filmes de animação dos últimos anos, consegue entreter todos os espectadores de todas as idades com as suas adoráveis personagens e a **sua cativante história que nos passa uma mensagem ecológica muito importante sobre a desflorestação global.** (Grifo nosso)” (PINTO, 2012).

Seguindo, o autor da crítica já nos dá um panorama geral do que é o enredo do filme:

“Em “The Lorax” acompanhamos as peripécias de Ted Wiggins (ZacEfron), um idealista rapaz de doze anos que tenta encontrar uma árvore para oferecer à menina dos seus sonhos e ganhar assim o seu afeto eterno. O problema é que as árvores desapareceram há muitos anos da sua cidade, e para encontrar um dos últimos exemplares terá que descobrir a história do Lorax, uma irritante, mas sábia criatura que luta para proteger o meio ambiente das constantes ameaças dos humanos.” (PINTO, 2012).

Logo no início desta crítica já fica claro para o leitor e aficionado por cinema e desenhos que a temática principal é o meio ambiente, mas tendo como pano de fundo o amor de Ted por Oprei. Mas não menos importante aparecem as relações sociais e os desvios de conduta dos seres humanos, como a ganância, exploração demasiada do meio ambiente e a deslealdade nos negócios, que via de regra são a causa inicial dos problemas ambientais. Destacamos o seguinte trecho da crítica:

“O adorável Lorax só intervém na história de Once-Ler e acaba por não ter um papel tão central e cómico como seria de esperar, mas destaca-se como o embaixador da natureza e conselheiro do ambicioso Once-Ler, que infelizmente preferiu dar ouvidos aos seus interesses monetários em vez de seguir os preciosos conselhos desta sábia mas rabugenta criatura laranja, um verdadeiro amigo e aliado que, mesmo após todas as coisas más que viu, não desistiu dos humanos e acredita que estes vão-se aperceber, mais cedo ou mais tarde, da importância que o meio ambiente tem para as suas vidas. É esta fantástica mensagem que está no centro do filme e que nos leva a repetir sobre os maus tratos que diariamente infligimos a algo que é indispensável para a nossa existência. Eu acredito que todos os espectadores de todas as idades podem aprender muito com as mensagens ambientais de “The Lorax”, um filme infantil com avisos muito sérios que nos fazem pensar sobre o que temos feito ultimamente para diminuir a poluição e os seus efeitos na natureza.” (PINTO, 2012).

Para encerrar Pinto (2012) destaca que: “As profundas mensagens ecológicas desta obra familiar são muitíssimo interessantes e assumem-se claramente como o seu maior atrativo, já que têm potencial para agradar e fazer pensar todos os espectadores de todas as faixas etárias que o virem.”

Escrita por Warlley Bonano para o site Cine Alerta ([www.cinealerta.com.br](http://www.cinealerta.com.br)) em 30 de março de 2012, dá um banho de água fria logo no início, “Após assistir fiquei com a sensação de que faltava algo naquilo que tinha acabado de ver, apesar da boa intenção em fazer uma animação bonita, colorida e que diverte quem assiste. O filme consegue não ser chato ao passar a mensagem sobre preservar a natureza. Mas o achei bem infantil.” Decepcionante, mas ao mesmo tempo desafiador essa crítica quando cita que não ficou chato a mensagem de preservação do meio ambiente.

E continua fazendo um comentário comparativo “Apesar de trabalharem de formas diferentes sempre que uma animação usa o “tema” sustentabilidade e proteção da natureza é impossível não se lembrar de Wall-E.” Mas claro era de se esperar que alguém fizesse essa comparação, pois eu (enquanto docente) também a faço cada vez que vou utilizar o filme O Lorax – em busca da trífula perdida em sala de aula.

Outro destaque que o autor da crítica nos remete é com relação a simplicidade do enredo e o claro destaque ao meio ambiente: “Uma coisa legal a ser dita é que a questão de sustentabilidade e proteção a natureza é mostrada de forma que faz até mesmo as crianças entenderem sua mensagem, apesar de ser de forma mais rasado que um adulto irá interpretar.”

O site Omelete ([www.omelete.com.br](http://www.omelete.com.br)) nos trouxe a crítica de Marcelo Forlani feita em 29 de março de 2012 (crítica atualizada em 29 de junho de 2018). Esta nos remete logo de cara ao livro homônimo o qual o filme foi baseado, mas destaca que a história apesar de ser da década de 70, ainda é um tema atual.

Vale aqui destacar a percepção do crítico em descrever qual é o principal da trama:

“Apesar do título do filme, o personagem principal da nova animação não é o Lorax. Aliás, dá até para dizer que também não são o Ted, muito menos o Umavez-ildo. O principal da trama é mesmo a mensagem, que fala sobre a vontade de se dar bem e as consequências que esta ambição pode ter na vida de uma pessoa e no mundo em que ela vive. Mais um alerta voltado às crianças sobre os riscos que o progresso traz à natureza e ao próprio futuro.” (FORLANI, 2012).

Forlani (2012) faz questão de encerrar destacando a importância do autor do livro original (Dr. Seuss): “Enquanto os livros de Dr. Seuss não caem nas graças dos brasileiros, pelo menos temos a chance de ver suas histórias em ótimas animações que fazem jus às suas

criações e belas parábolas.”

O site espanhol Fotogramas ([www.fotogramas.es](http://www.fotogramas.es)) nos brinda com a crítica de Jordi Costa (de 21 de março de 2012) em que o mesmo nos apresenta Dr. Seuss e sua obra: “El Dr. Seuss compuso su relato en forma de debate ideológico para todos los públicos: El Lorax se erigia en abogado defensor Del medio ambiente frente al pragmatismo y La obsesión por La cuenta de resultados de su antagonista, el Once-ler.” Destacamos que o meio ambiente é mesmo o principal objetivo da obra, mas não se esquecendo de fazer duras críticas ao modelo economicista neo-liberal de produção de bens.

O blog Cine Sem Critério ([www.cinesincriterio.blogspot.com](http://www.cinesincriterio.blogspot.com)) com crítica datada de 3 de abril de 2012 fez poucos comentários sobre o filme, onde destaca-se apenas: “Desconocemos la fábula original y por tanto no entraremos a juzgarni a valorar su adaptación. Como toda fábula ha de presentar moraleja, y aquílatenemos: mensaje pro-ambiental y anti-avariciacon claro afán educativo.” Mesmo sendo crítico duro contra o filme, vale o destaque da mensagem ambiental e de sua preservação. Apresentaremos o quadro 12 com as maiores bilheterias do ano de 2012.

Quadro 12 – Bilheteria mundial no ano de 2012 (em dólares)

	Filme	Distribuidora	Bilheteria Mundial em US\$
1º	Os Vingadores	Marvel Studios / Paramount Studios / Walt Disney Pictures	1.519.557.910
2º	007 – Operação Skyfall	Metro Goldwin Mayer / Columbia Pictures	1.108.561.013
3º	Batman – O cavaleiro das trevas ressurgue	Warner Bros	1.084.939.099
4º	O Hobbit – Uma jornada inesperada	Warner Bros / New Line Cinema / Metro Goldwin Mayer	1.021.103.568
5º	<b>*A Era do Gelo 4</b>	<b>20th Century Fox / Blue Sky Studios</b>	<b>877.244.782</b>
6º	A Saga Crepúsculo Amanhecer – Parte 2	SummitEnterteinment	829.746.820
7º	O Espetacular Homem Aranha	Columbia Pictures	757.930.663
8º	<b>*Madagascar 3 – Os procurados</b>	<b>DreamWorks Animation e Paramount Pictures</b>	<b>746.921.274</b>
9º	Jogos Vorazes	Lionsgate	694.394.724
10º	MIB – Homens de Preto 3	Columbia Pictures	624.026.776
11º	<b>*Lorax – Em Busca da Trúfala Perdida</b>	<b>Universal Pictures e IlluminationEntertainment</b>	<b>348.840.316</b>
	<b>* São filmes de animação.</b>		

Fonte: Box Office Mojo ([https://www.boxofficemojo.com/year/2012/?ref\\_=bo\\_yl\\_table\\_10](https://www.boxofficemojo.com/year/2012/?ref_=bo_yl_table_10)) em 08 de agosto de 2019.

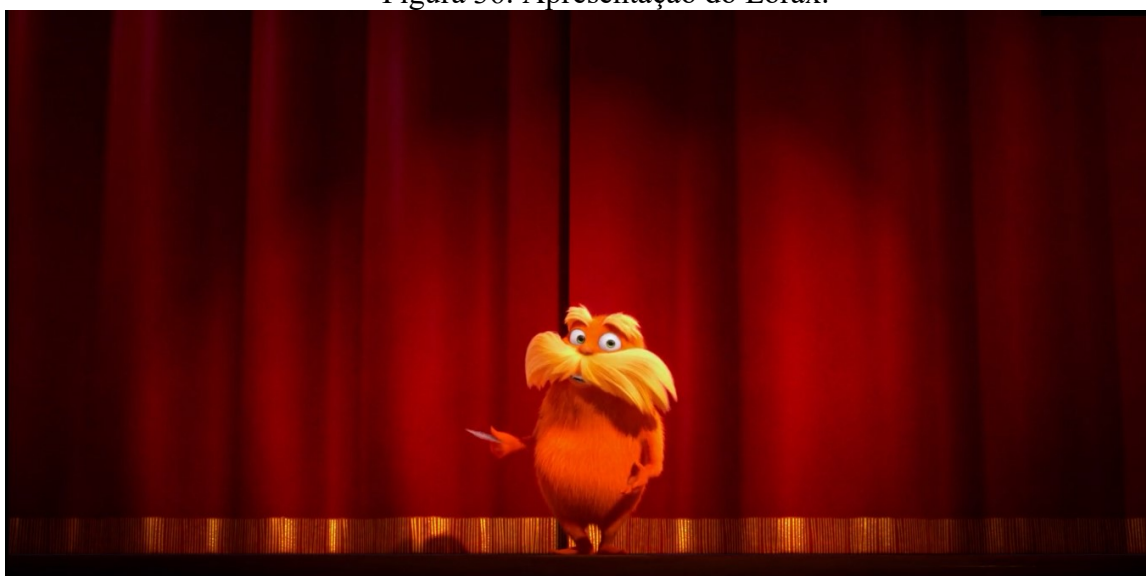
Além das críticas a Lorax terem sido duras, a bilheteria total no ano de 2012 também deixou a desejar, apesar de ser um filme de animação e de custos baixos, mesmo assim o resultado final não foi satisfatório, talvez por ser de um estúdio pouco conhecido na época (Illumination Entertainment) e também por ter pouco investimento em divulgação. Mas a estreia foi um sucesso.

### 3.2.3 Lorax e a Trúfula que devemos achar

Uma cidade onde as árvores são de plástico... Isso mesmo, na cidade que se passa a maior parte da história as árvores e plantas são de plástico, algumas infláveis e outras com jogo de luzes coloridas, parece estranho, mas no decorrer do filme fica claro que não é impossível de em breve isso ser uma realidade em nossas vidas, aliás, em grau menor já é visto nas residências, plantas de plástico e até os pinheirinhos de natal de plástico e outros materiais.

Mesmo sendo uma história adaptada de um livro francês do ano de 1971 (ou seja, de meados do século XX ainda), é uma narrativa bem atual que nos faz refletir sobre os problemas ambientais e como surgem esses problemas. Iniciando o filme já fui apresentado ao personagem principal que é o Lorax, uma criaturinha alaranjada com um vasto bigode amarelo (Figura 36 na página seguinte) e que é o guardião das árvores. Lorax está fazendo uma narrativa de uma história acontecida que ele mesmo garante que é verídica. Então vamos à história.

Figura 36: Apresentação do Lorax.



Fonte: Filme LORAX aos 1'11".

Logo o Lorax chama a história e inicia-se (Figura 37) a narrativa com uma linda e alegre música, aliás, a análise desta música já daria um estudo maravilhoso sobre EA. Mas voltando, a música nos leva a um passeio pela cidade de Thneedville, segundo a narrativa, “uma cidade feita de plástico e onde natureza não há”, pessoas aparentemente saudáveis e alegres, esses são os moradores de Thneedville, mas logo no início já percebi um problema, as pessoas tem que comprar o seu ar para respirar. O ar é vendido por uma única pessoa que é o senhor O’Hare, sendo que este domina toda a cidade, pois sem oxigênio não podemos viver.

Figura 37: Abertura do Filme Lorax.



Fonte: Filme LORAX aos 1'42”.

Ainda na música de abertura destaco um trecho da música que diz que o verde foram os moradores que fizeram “ao gosto do freguês” e apresenta uma árvore em que um funcionário da prefeitura coloca várias pilhas e a árvore acende as folhas com um verde reluzente (Figura 38).



Figura 38: Árvore artificial ligada à pilhas.



Fonte: Filme LORAX aos 2'29".

Mas o amor está no ar e Ted (um dos personagens principais), um menino que é apaixonado por Audrey e faz de tudo para conquistá-la, com algumas tentativas bem criativas. Mas em uma dessas tentativas, Audrey leva Ted para ver uma pintura que fez no quintal de sua residência, são Trúfulas (árvores que já não existem mais), mas ela diz que se alguém lhe desse uma dessas árvores, ela casava com essa pessoa na hora (Figura 39). E assim começamos a busca pela Trúfula perdida, claro que o objetivo principal do personagem Ted não era salvar o meio ambiente ou as Trúfulas. Atualmente posso supor que nem todos que fazem campanha pelo meio ambiente têm por objetivo principal a defesa e preservação do meio ambiente, mas em alguns casos querem apenas ter sua imagem vinculada a responsabilidade social e ambiental que trás retorno positivo para as empresas e personalidades.

Figura 39: Audrey e Ted vendo a pintura das Trúfulas.



Fonte: Filme LORAX aos 5'44".

Agora Ted inicia uma busca pelas Trúfulas, chegando em casa sua avó lhe conta em segredo que o senhor Umavezildo sabe como conseguir uma semente de Trúfula, então Ted inicia a busca fora da cidade (a cidade é toda cercada por um muro muito alto) para encontrar o senhor Umavezildo para que lhe conte onde encontrar uma árvore de verdade. Quando Ted chega do lado de fora dos muros da cidade a cena que ele vê é entristecedora com um céu cinza de fumaça e uma floresta com as árvores cortadas (Figura 40).

Figura 40: Visão da cidade por fora dos muros.



Fonte: Filme LORAX aos 12'43".

Quando Ted encontra o Umavezildo este informa que é o responsável pelo desaparecimento das árvores, por causa de sua criação (o sneed), mas isso foi há muito tempo atrás. Onde Umavezildo mora é um local com a paisagem feia, toda destruída e sem nenhum tipo de vegetação e com o ar poluído e o céu cinza de fumaça (Figura 41) mas isso é do lado de fora dos muros da cidade, onde a população não tem acesso.

Figura 41: Momento em que Ted encontra o Umavezildo.



Fonte: Filme LORAX aos 15'47".

Quando Ted conta que gostaria de saber sobre as árvores, Umavezildo estranha e diz que “não sabia que alguém ainda se importava com as árvores”. Se bem que no século XXI não está muito diferente, pois poucos se importam com as árvores a ponto de plantá-las e cultivá-las em seus quintais e calçadas, pois infelizmente muitos acham que as árvores sujam as cidades. Mas mesmo assim ele começa a contar como era no passado ele ainda jovem, com muitos sonhos e desacreditado pela sua própria família (Figura 42), mas ele não desistiu, continuou seu caminho, até que encontrou um paraíso cheio de Trúfulas, e lá encontra inspiração para desenvolver seu produto (sneed) revolucionário que lhe daria riquezas e poder.

Figura 42: Umavezildo saindo de casa em busca dos seus sonhos.



Fonte: Filme LORAX aos 17'33".

Umavezildo continua contando sua história e narrando que quando ele corta uma árvore de Trúfula surge uma criatura (o Lorax, sim aquele do início do filme) para defender a floresta (Figura 43). Mas quem são os defensores das florestas agora no século XXI? A resposta deveria ser todos nós, mas o que percebo é muito discurso e pouca prática em favor das florestas e do meio ambiente.

Figura 43: Lorax surge.



Fonte: Filme LORAX aos 23'24".

Lorax então organiza uma espécie de cerimônia fúnebre para a árvore que foi cortada com a ajuda dos animais da floresta, mas de longe o Lorax observa uma pessoa (Umavez-ildo) tirando as folhagens da árvore cortada e resolve ir até ele para tirar satisfação (Figura 44), e o enredo se desenrola em um divertido diálogo onde o Umavez-ildo tenta comprar o silêncio do Lorax, mas não é aceito o suborno.

Figura 44: Aparecimento do Lorax para defender a floresta do corte das árvores.



Fonte: Filme LORAX aos 24'38".

Quando ia contar o que tinha acontecido naquela primeira noite, o Umavez-ildo manda Ted voltar no outro dia para continuar a história. Mas Ted não desiste e no dia seguinte com ajuda de sua avó ele novamente tenta sair da cidade para ir se encontrar com o Umavez-ildo para saber mais sobre as árvores de Trúfula, mas chegando perto do muro é recepcionado por O'Hare (esse é um personagem importante que é do presente que é o responsável pela venda de ar para toda a cidade) que o ameaça para que este não saia mais da cidade (Figura 45, página seguinte). O'Hare deixa claro que as árvores são uma ameaça ao seu negócio de vender ar puro para as pessoas. Ainda não compramos ar puro, por enquanto, mas já pagamos caro para ter água tratada em nossas casas e comércios e também compramos oxigênio para os hospitais e em caso de pessoas com necessidades especiais. Portanto a nossa realidade não está tão diferente e distante dessa história, que lembro, foi escrita no ano de 1971.

Figura 43: Sr. O'Hare ameaçando Ted.



Fonte: Filme LORAX aos 30'56".

A história vai sendo contada nesta troca entre o passado e o presente, sendo que o passado são as memórias do Umavez-ildo e o presente é a busca de Ted pela Trúfula perdida para que esse conquiste sua amada Audrey. Mas continuemos a história. Ted mesmo com as ameaças do senhor O'Hare, retorna para conversar com o Umavez-ildo, nesta parte da história ocorre o embate entre o Lorax defendendo as árvores e Umavez-ildo, mas entre uma aventura e outra, Umavez-ildo não derrubar árvores (Figura 46), mas assim como acontece com os acordos climáticos entre as nações, essa promessa não foi cumprida.

Figura 46: Umavez-ildo promete não cortar mais árvores.



Fonte: Filme LORAX aos 39'32".

Umavezildo vai para a cidade a fim de vender seu Sneed, mas não conseguiu vender nenhum. Desiste de sua criação (Sneed) e o joga fora, mas algo surpreendente acontece e uma multidão vai atrás dele para comprar mais Sneeds ( Figura 47).

Figura 47: Multidão querendo o seu próprio Sneed.



Fonte: Filme LORAX aos 45'15”.

Mas retornamos ao presente com Ted voltando a cidade, onde Audrey descobre que o senhor O'Hare mandou destruir a pintura das árvores que ela havia feito, e Ted quando pretende retornar com o Umavez-ildo descobre que o portão que ele utilizava para sair da cidade foi lacrado a mando do senhor O'Hare. Mas Ted não desiste e consegue sair para continuar a conversa e descobrir onde tem uma árvore, e segue-se a história contada por Umavezildo. E logo no início do diálogo ele diz, “mas daí para frente tudo iria piorar”, com essa frase ele começa a contar uma fase do passado que a sua família vem para ajudá-lo na produção dos Sneeds que haviam sido encomendados e para os que ainda seriam vendidos com um sucesso total.

Conforme a família de Zildinho (apelido do Umavez-ildo dado por sua mãe) vai trabalhando sem derrubar as Trúfulas eles vão cansando, até que a mãe dele solicita que derrubem as árvores para que possam produzir mais e mais rápido. Lorax alerta para a promessa de Umavezildo de não cortar as árvores e diz que isso é ruim, logo Umavez-ildo fica pensativo e cria uma música que resume tudo o que ele pensa onde o refrão é “será que eu sou tão ruim, eu só faço o que é bom para mim”, durante a música aparecem árvores sendo derrubadas, muitos sneed sendo produzidos, o ar e os rios sendo poluídos e muito dinheiro

entrando na conta de Umavezildo. Ia tudo bem, até que ao final da música Lorax reaparece e tem sua última conversa com Umavez-ildo, quando aparece a última Trúfula sendo derrubada e o Lorax diz “essa foi a última, isso vai te deter”. Trazendo para o mundo real, quantos negócios já foram arruinados pela falta de matéria prima, pela ganância e falta de respeito ao meio ambiente? Infelizmente o que relata o filme é a realidade cruel de grande parte das corporações industriais e comerciais, em somente se preocupar com os seus lucros.

Figura 48: A última trúfula foi cortada.



Fonte: Filme LORAX aos 58'21”.

Triste constatação que ele passa para Ted, momento em que aparece pela primeira vez O'Hare com um outro trabalhador que estão limpando a sujeira da cidade, o ar já está poluído e eles estão tossindo, quando o outro trabalhador diz “alguém ganhou muito dinheiro com esse sneed, qual será a próxima invenção milionária?” Momento em que O'Hare (ainda um pobre servidor da limpeza) olha para o alto com olhar de esperança em ser o próximo milionário. E portanto acabando a matéria prima para a produção dos Sneeds e destruindo a natureza, logo em seguida a família do Umavez-ildo vai embora o abandonando e o chamando de fracassado. Lorax vai embora e deixa Umavez-ildo só e refletindo no mal que causou a ele e ao meio ambiente.

Não vejo nada diferente nos dias atuais, em pleno ano de 2021 indústrias e empresas causam grandes prejuízos ambientais e irem embora deixando como legado o desmatamento, a poluição do ar e dos rios, sendo que muitas chegam a falência sem ter mais a matéria prima. Em pouco tempo teremos o colapso mundial por falta de petróleo, as empresas que estão



percebendo o risco já estão mudando para fontes de energia renováveis como os veículos elétricos e a geração de energia eólica e solar. Mas as empresas que persistirem em manter a exploração do petróleo somente, fatalmente irão fracassar.

Voltando ao presente Ted lê a frase “a menos que” deixada por Lorax no local que foi derrubada a primeira Trúfula por Umavezildo. Ele diz a Ted, “pois a menos que você se importe de montão, nada vai melhorar, não vai não”, só aí que ele entrega a Ted a última semente da árvore de Trúfula (Figura 49). Ele faz um pedido para que essa semente seja plantada bem no meio da cidade para que as pessoas mudem e se importem com as árvores.

Figura 49: A última semente de Trúfula



Fonte: Filme LORAX aos 1h02'18”.

Muitas vezes as pessoas acham que o fato de plantar uma árvore, de separar o lixo de casa, de reduzir o consumo de embalagens plásticas e outras ações individuais não levarão a nada, pois afinal sou apenas eu que estou fazendo, mas se cada um fizer um pouco conseguimos mudar a realidade e também podemos servir de exemplo para outras pessoas. A preservação do meio ambiente passa pela ação de cada um e com ações governamentais e responsabilidade empresarial, juntos conseguiremos modificar o planeta do fim que parece quase certo.

Mas, no filme o senhor O'Hare não deixará com que Ted cumpra sua tarefa de plantar a semente, assim que chega a sua casa, Ted é surpreendido, pois o O'Hare já está lá e o ameaça querendo a semente de Trúfula, mas a Vovó do Ted já pegou a semente que agora brotou e passa a ter vida (Figura 50).

Figura 50: A semente brotou.



Fonte: Filme LORAX aos 1h06'26".

Aconte então uma grande e divertida perseguição a Ted e Audrey que correm contra o tempo e contra o senhor O'Hare e seus guarda-costas que os querem impedir de plantar a Trúfula, mas finalmente quando chegam ao centro da cidade para plantar a última semente de Trúfula eles descobrem que não tem mais terra para plantar, pois tudo é artificial, sob os olhares atentos da população a Vovó pega uma grande máquina e com a cabeça da estátua do senhor O'Hare que cai ao solo um buraco é feito na calçada, dando finalmente espaço com terra para a muda se Trúfula ser plantada.

Porém como acontece atualmente, os empresários poderosos não querem que seus interesses econômicos sejam deixados em segundo plano e segue um diálogo entre o O'Hare e Ted, cada um com seus argumentos para convencer a população se devem ou não plantar a árvore. Mas Audrey informa a população que o senhor O'Hare é contra as árvores porque elas produzem ar fresco de graça e mesmo assim a população apóia o O'Hare (vilão). Mais uma vez fica claro no filme que a população já foi influenciada pela mídia a mando dos interesses econômicos, tal como acontece nos dias atuais, onde só são divulgados para a grande massa o que interessa ao poder econômico. Mas Ted não desiste, pega a máquina e vai em direção ao grande muro, onde consegue derrubar parte dele (Figura 51, página seguinte) e deixa à mostra toda a degradação da natureza que existe por fora da cidade, sendo que a cidade tem uma natureza artificial, que é vendida pelo senhor O'Hare, inclusive o ar puro.

Figura 51: Ted derruba uma parte do muro da cidade.



Fonte: Filme LORAX aos 1h14'53".

Ted mostra para a população que as coisas não são perfeitas na cidade e que muito há de se fazer, mas que o plantio da muda de Trúfula é apenas o início da transformação das vidas deles. Então Ted lhes mostra a muda já começando a brotar uma linda folhagem e todos ficam espantados com a beleza, uma vez que não conheciam aquela planta (Figura 52).

Figura 52: A muda de Trúfula é mostrada para a população.



Fonte: Filme LORAX aos 1h15'38".

Somente da forma como aconteceu no filme, em que a população unida e valorizando

o meio ambiente é que teremos um mundo com menos problemas ambientais e desastres naturais, pois a espécie humana está impactando tanto o planeta Terra que parece que estamos chegando ao fim de sua capacidade de regeneração. Voltando ao filme, mesmo contra toda a população o senhor O'Hare tenta mais uma vez convencer que ele está certo em não permitir o crescimento da natureza, mas é de imediato repreendido por uma criança e por um de seus funcionários (Figura 53).

Figura 53: Senhor O'Hare é repreendido.



Fonte: Filme LORAX aos 1h18'05".

Então Ted com ajuda de Audrey e alguns habitantes de Thneedville consegue plantar a última semente de Trúfula, e ela começa a crescer e ficar bela e colorida, todos felizes cantam e comemoram que as árvores estão crescendo. Pouco tempo após o plantio da primeira muda de Trúfula vemos outro personagem do filme novamente, o Umavezildo sai de sua casa onde estava recluso após ter destruído toda a natureza e rega uma muda de Trúfula, momento em que mais uma vez aparece o personagem (nome do filme) o Lorax para uma conversa com Umavezildo (Figura 52, página seguinte), uma fraterna conversa entre dois amigos que um dia estiveram de lados opostos e hoje estão lutando pelo mesmo objetivo que é a regeneração do meio ambiente. Os dois tem uma boa conversa de muito ensinamento e amor mútuo, mas principalmente de felicidade de estarem novamente vendo a natureza crescendo e os animais voltando ao seu habitat natural.

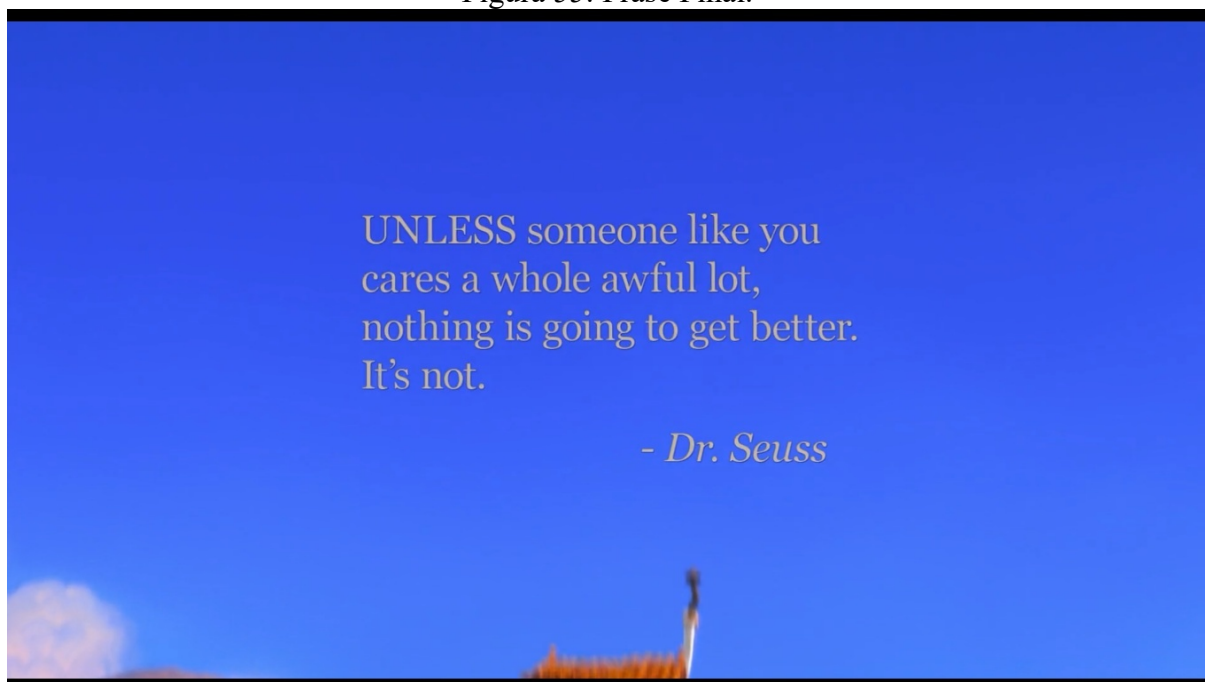
Figura 52: Abraço fraterno entre dois amigos.



Fonte: Filme Lorax em 1h20'17".

E o filme encerra com uma frase do Lorax: “A menos que você não se importe de montão, nada vai melhorar, não vai não” (Figura 55). Após isso temos o já tradicional “The End” e uma música muito alegre em que mostra os animais felizes e as árvores crescendo.

Figura 55: Frase Final.



Fonte: Filme Lorax em 1h20'42".

E assim aprendi que somente com a ajuda de todos é que teremos um meio ambiente

saudável e com qualidade de vida para nós seres humanos, mas para que essa união aconteça, temos que cada um iniciar imediatamente a fazer a sua parte. Pois se cada um fizer a sua parte, servirá como exemplo para os demais.

### 3.3 Ensinaamentos

Como visto nos dois filmes através dos relatos e imagens aqui trazidos por mim, temos instalada uma cultura de degradação da natureza e posteriormente tentativas de regeneração, mas a pergunta que faço é: até quando o planeta Terra conseguirá suportar tanto descaso com o meio ambiente praticado pelos seres humanos?

A tabela 3 deixa evidente que os filmes analisados tem muito a passar sobre pedagogias culturais prejudiciais ao meio ambiente e as pessoas após aplicação da metodologia PIAR Ambiental identifiquei as seguintes categorias ambientais de pedagogias culturais nos filmes analisados:

Tabela 3: Aplicação da Metodologia PIAR Ambiental  
**FILMES ANALISADOS E TRAÇOS CULTURAIS**

<b>Categorias</b>	<b>WALL-E</b>	<b>LORAX</b>
Decgradação	X	X
Desperdício no Consumo	X	X
Degradação do MA	X	X
Preservação	X	X
Conscientização Ambiental	X	X
Opressor	X	X
Oprimido	X	X
Manipulação pela Mídia	X	X

Fonte: Autor da Pesquisa, 2020.

Para essa pergunta tem várias teorias e estudos que indicam suposições, mas de fato não sabemos ao certo até quando a Terra conseguirá recuperar o mal que nós seres humanos estamos fazendo. Para o encerramento deste capítulo relembro mais uma vez o fim dos dois filmes onde em WALL-E aparece a plantas crescendo novamente na Terra após mais de 700 anos de total falta de vegetação e vida. Já em Lorax fico com a frase final “A menos que você não se importe de montão, nada vai melhorar, não vai não”.

Escolhi esse tema justamente porque eu me importo de “montão” e quero um planeta melhor e mais saudável para as futuras gerações, mas para que isso ocorra é necessário que seja iniciado imediatamente o ensino da Educação Ambiental nas creches, escolas, cursos de graduação e pós-graduação, mas não apenas iniciar, mas fazer com a metodologia correta, as pedagogias culturais estão

disponíveis para ensinar e formar o cidadão consciente ambientalmente.

## CONCLUSÕES

A destruição da natureza resulta da ignorância, cobiça e ausência de respeito para com os seres vivos do planeta.  
Dalai Lama

Inicio as minhas considerações com a frase de Dalai Lama por ser uma afirmativa que evidencia a causa dos graves problemas ambientais, pois ao destruir a flora e a fauna há a ocorrência de uma série de danos à saúde humana e, conseqüentemente, prejuízos econômicos e sociais. Os filmes analisados trazem em sua narrativa como a cobiça tem sido o ponto crucial para que, em pleno século XXI, ainda ocorra a destruição da natureza. A ignorância e a ganância movem as pessoas para a busca de riquezas fazendo com que elas derrubem florestas sem uma análise dos danos ambientais ou poluem o ar e os rios, ancoradas no discurso em favor da economia das nações e organizações. Na realidade, essas pessoas escondem a falta de respeito para com os seres vivos que habitam o planeta ao destruir o meio ambiente.

Dando continuidade às conclusões, recordo que na apresentação da tese mencionei o meu local de fala, como pesquisador e docente do ensino superior no curso de bacharelado em Gestão Ambiental para explicar a minha forma de pensar e analisar as pedagogias culturais dos filmes com relação à educação ambiental. Destaco a importância da formação docente, pois fui acadêmico de graduação de Administração, fiz especialização *lato sensu* em Metodologia do Ensino Superior e cursei o mestrado em Administração. Nessa trajetória, tive conteúdos de desenvolvimento sustentável, que é um conteúdo básico para o entendimento sobre o meio ambiente. Porém, não tive nada sobre a Educação ambiental, o que deixou uma lacuna na minha formação docente.

Quando me deparei com a realidade de ministrar as disciplinas de Teoria Geral da Administração, Sistemas de Produção, Planejamento em Gestão Ambiental e Empreendedorismo Ambiental, para os acadêmicos do curso de Gestão Ambiental na Universidade Federal de Rondônia no município de Guajará-Mirim, senti a necessidade de buscar mais conhecimento em meio ambiente, em sustentabilidade e me educar ambientalmente. A cidade de Guajará-Mirim é vista como vasta área de preservação



ambiental. Com minha formação em Administração de Empresas e com os cinco anos de serviços prestados na Federação das Indústrias de Rondônia, herdei uma mentalidade voltada para o desenvolvimento econômico e não percebia nenhum problema com a exploração do meio ambiente e nem tinha consciência das consequências para as vidas do Planeta.

Mesmo no doutorado em Educação, iniciado em 2017, não tive nenhum conteúdo que abordasse a Educação Ambiental e nem a sua importância para a formação docente e para a humanidade. Durante o estágio doutoral tive a oportunidade de ministrar aulas em duas turmas de Pedagogia, ministrar palestra para uma turma de Ciências Biológicas e ministrar um curso de Extensão para acadêmicos da Universidade Estadual de Maringá - UEM e com a participação de acadêmicos de outras universidades do interior paranaense. Todas as atividades abordaram a temática da Educação Ambiental. Mais do que transmitir conhecimento, foi uma oportunidade de aprender com os/as docentes e discentes da UEM durante os nove meses que passei na cidade de Maringá-PR para o desenvolvimento do estágio. Porém, tive uma inquietação e de certa forma a tristeza e decepção ao perceber que os/as discentes têm conhecimento básico em Educação Ambiental e muito pouco sobre a realidade da Amazônia e da vida dos seus moradores. Apesar da decepção, fiquei mais convicto da necessidade de uma formação consistente de docentes para desenvolver conteúdos relativos à Educação Ambiental em todos os níveis de ensino.

Durante as atividades do estágio, fiz algumas comparações e análises sobre a realidade do estado do Paraná e o estado de Rondônia. Ambos têm território bem parecidos em tamanho, mas com diferença brutal em população e desenvolvimento, em especial no que se refere ao IDH e índices econômicos. O principal ponto em debate foi a disparidade em preservação ambiental, não que eu seja favorável a destruição do meio ambiente, mas também enquanto pesquisador da Educação Ambiental não posso me calar frente a percepção de que a Amazônia deve ser preservada (sim, deve) e esses mesmos que defendem a preservação da Amazônia se calam e acham normal a devastação das florestas naturais paranaenses. Fica, portanto, a minha dúvida: que tipo de Educação Ambiental está sendo trabalhada e ensinada no Brasil? Sem sombra de dúvidas algo está faltando.

Abro aqui um parêntese para tecer alguns comentários sobre a cidade de Maringá onde realizei meu estágio doutoral. Eu nasci em Ponta Grossa, no sul do Paraná e dos 9 meses até os 13 anos de idade vivi em Maringá, portanto não era uma cidade desconhecida para mim. Percebi que por parte do poder público municipal está sendo feito o “dever de casa”, pois existem bosques naturais no centro da cidade. A área urbana é muito arborizada e

o próprio campus da UEM também. Mas vi muito lixo jogado próximo às áreas de florestas e dentro do campus universitário. Nos meses de escassez de chuvas também presenciei queimadas urbanas e rurais, mas não percebi nenhum incômodo nas mídias. No entanto, notei muitas matérias sobre as queimadas na Amazônia, portanto, parece-me que fica a preocupação com o que o outro não faz, mas esqueço de fazer a minha parte.

Já em Guajará-Mirim, cidade onde moro e trabalho, percebo, em parcela significativa da sociedade, uma vontade de explorar a floresta amazônica para alcançar o desenvolvimento econômico que beneficie a população amazônica, em detrimento da preservação do meio ambiente, assim como já acontece nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. Logo, para ser justo também fica a inquietação: qual é a educação ambiental que está sendo trabalhada?

Lembrando de Freire (2005), fico com a sensação de que os moradores de outras regiões do Brasil e de outros países são os opressores do povo da Amazônia. Este povo que não pode sequer escolher como viver com a floresta. Mas também fico com o pensamento de Freire quando este demonstra que nós moradores da Amazônia somos os opressores por desmatarmos, claro que nem todos, mas o que passa nas mídias é que a Amazônia está em chamas e sendo desmatada devido a brutalidade dos seus moradores. Essa é minha percepção: que as pessoas não moradoras na Amazônia, em sua maioria, têm apenas um gesto sentimental com a floresta, mas não têm um ato de amor a nós moradores do território amazônico. Aqui, sozinhos, pagamos o preço pela preservação da floresta, enquanto os de fora (os que não vivem na região amazônica) discursam pela preservação da Amazônia, mas não querem ajudar a pagar essa conta da preservação. Nesse local, permito-me colocar os moradores da floresta como os oprimidos que são impedidos de se desenvolverem economicamente, onde os moradores das demais regiões e nações querem que preservemos a fauna e flora amazônica, mas não fazem nada de concreto para ajudar esses povos e nem fazem nada para recuperar as áreas degradadas nos territórios deles.

Quando decidimos, eu e minha orientadora, investigar as pedagogias culturais dos filmes *Lorax* – em busca da trufula perdida e *WALL-E* para o ensino da EA, levei em consideração as práticas pedagógicas que já presenciei e vivi. Via de regra, ocorrem apenas na realização da semana do meio ambiente, no mês de junho, e consiste em plantar árvores por parte de estudantes nas séries iniciais escolares. Não que essas ações não sejam necessárias, mas são insuficientes. Faço tal afirmação porque percebo que ainda pouco aprendemos nas escolas e universidades sobre o respeito ao meio ambiente, e os artefatos midiáticos quase nada fazem para mudar essa realidade de consumo excessivo e conseqüente degradação do

meio ambiente.

Merece destaque, também, o estudo sobre mídias aos quais fui apresentado durante os momentos de orientação e em leituras como Teruya (2000, 2006, 2015 e 2020) e Fischer (2002) e Picanço/Castro (2011), que desnudaram o meu entendimento quanto ao “poder” das mídias na “formação” do cidadão, pois onde o ensino formal não trabalha, são as mídias que ensinam.

Falando em mídias, os festivais de cinema e os documentários que tratam do meio ambiente não cumprem o papel de formador de opinião, pois normalmente não atraem audiências e são pouco prestigiados. Os filmes com essa temática não são projetados nas salas de cinema espalhadas pelo Brasil e isso, de certa forma, impede o acesso à população. Tendo em vista essa dificuldade de acesso, coloquei como premissa que os filmes a serem analisados teriam que ter passado nas salas de cinema comerciais e não apenas em festivais.

Nas leituras de Teruya e Takara (2015), Teruya, Nogueira e Felipe (2018) e Baliscei (2018), percebi pela primeira vez que a luta travada pelos amazônidas (por mais direitos à igualdade e ao acesso ao desenvolvimento e qualidade de vida) é semelhante às outras lutas por igualdade. Se, infelizmente, ainda existem as lutas pela igualdade de gênero e pela igualdade étnica, também existe a busca pela igualdade dos/as habitantes da Amazônia frente aos/as demais habitantes do Brasil.

Essa percepção da importância da luta dos moradores da Amazônia foi fundamental para deixar nítido o meu local de fala. Não é apenas a teoria que está sendo tratada nesta tese, mas a vivência prática e os sofrimentos de um habitante da região amazônica, mesmo ocupando um lugar privilegiado, pois tive acesso a um curso de graduação e Mestrado. Por muitos anos procurei um programa de pós-graduação que ofertasse o doutorado, porque no estado de Rondônia temos Doutorado em Biologia Experimental, Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente e em Geografia, mas não temos o Doutorado em Educação.

Assim, o que me motivou foi a vontade de fazer algo diferente que proporcione meios para ajudar a mudar essa mentalidade predatória e de descaso com o ambiente, que citamos nos parágrafos anteriores, e, portanto, não se pode continuar da forma que está sendo ensinada a Educação Ambiental, seja em qual região do Brasil for. A mudança de mentalidade é necessária e somente com uma massificação da educação ambiental nas escolas, nas universidades e nos programas de pós-graduação é que alcançaremos a mudança, pois já passou da hora de ser dada mais importância para essa temática, assim como a temática

relativa à raça, gênero e etnias.

Ao assistir aos filmes propostos, fi-lo com olhar de análise. Aliás, sempre que assisto a um filme ou série tenho o hábito de ficar a todo tempo analisando-o para extrair algo a ser ensinado através dele. Quando assisti aos filmes analisados pela primeira vez, percebi que todos, em maior ou menor grau, temos dificuldade em compreender e principalmente em agir de forma ambientalmente sustentável e preservacionista. Em muitas das cenas dos filmes percebi que, por vezes, fiz aquilo que ora eu critico, ou até mesmo que ora estou pouco fazendo dos exemplos a serem seguidos.

Os filmes selecionados para esta tese produzem pedagogias culturais porque nos ensinam sobre uma determinada cultura predatória e pode contribuir com o ensino da Educação Ambiental. Os artefatos midiáticos, especialmente os filmes comerciais, oferecem uma real oportunidade de massificar os ensinamentos sobre os problemas ambientais através de suas imagens e mensagens provocar questionamentos que possibilitam um processo de conscientização das pessoas para a necessidade da preservação e do consumo consciente. Na análise dessas pedagogias culturais fica evidente que a exploração ambiental, para o benefício próprio e riqueza de poucos indivíduos, utilizando os recursos naturais apenas como matéria prima, é o resultado da desinformação das pessoas sobre a realidade do meio ambiente.

Na pedagogia cultural do Filme *WALL-E* destaco que após a destruição do meio ambiente no planeta Terra, causada pelo consumo desenfreado e o lixo acumulado, os seres humanos foram morar numa nave espacial controlada por um computador central. Somente os robôs WALL-E ficaram com a missão de limpar o planeta. Porém a lógica da exploração do humano pelo humano, na visão freireana (FREIRE 2005, p. 30), fica evidente a desumanização tanto dos exploradores quanto dos explorados. Também evidencia a alienação dos humanos (que estão morando no espaço) pelo consumo e pelas mídias, chegando ao já tão batido oprimido querendo ser um opressor. O filme nos apresenta a grande corporação (BNL) que chega com a “solução” para o problema que os moradores do Planeta Terra criaram e foram obrigados a abandonar o planeta para morar em uma nave (a AXION) e, ainda, venderam os robôs WALL-E para que estes limpassem a sujeira e o lixo. Quando finalmente nasceu uma planta, após mais de 700 anos, a máquina tenta controlar e impedir que os seres humanos retornem ao planeta. Essa ação do computador central da AXION foi programada pelos detentores do poder que são os opressores. Mas logo que os seres humanos percebem que são explorados, eles se rebelam e se libertam. Em seguida retornaram ao planeta Terra

para verem as plantas crescendo e se espalhando por todos os lados.

No filme *Lorax – em busca da trífula perdida* a relação de explorador e explorado não é diferente. O que difere é que o causador do problema ambiental foi um (Umavezildo) e o explorador dos seres humanos é outro (O'Hare), mas ainda assim há, nitidamente, a cultura do opressor e dos oprimidos. Inclusive, como diz Freire (2005, p. 48), os oprimidos querem ser iguais aos opressores, e o filme retrata bem isso quando a população defende o senhor O'Hare para que ela não tenha árvores naturais, mas somente de plástico já que a empresa do senhor O'Hare é a que vende tais árvores artificiais.

Em ambas as animações, as pedagogias culturais estão presentes diariamente em nossas vidas, como o consumo de bens cada vez maior e sem se preocupar com o descarte correto de embalagens, e até mesmo dos resíduos. Aparecem pedagogias culturais na manipulação de consumidores, sugerindo que acreditem que estão sendo beneficiados e que as organizações estão preocupadas com as pessoas consumidoras. No entanto, estas organizações buscam aumentar seus lucros e conquistar cada vez mais mercado.

O problema de pesquisa foi respondido e com isso confirmamos a tese de que os filmes/desenhos analisados tem um vasto potencial pedagógico para o ensino da educação ambiental. Da mesma forma, os três objetivos específicos foram atendidos: descrevi a influência das mídias na cultura; apresentei as legislações que tratam da Educação Ambiental, bem como os pressupostos para essas legislações; e por fim levantei as pedagogias culturais após análise dos filmes propostos. Com isso, o objetivo geral foi detalhado e atendido.

Enquanto pesquisador e educador, fiquei honrado e motivado por ter sido aceito no doutorado para pesquisar sobre Educação Ambiental, pois mesmo tendo uma lei específica que trate dessa temática, na prática pouco se tem feito. Isso demonstra a necessidade de mais estudos em Educação Ambiental para melhorarmos a nossa prática docente e consequente a sobrevivência no planeta Terra. Fico com a responsabilidade de continuar as pesquisas em Educação Ambiental, na busca incessante de melhorar o ensino da mesma nas escolas e, principalmente, nas universidades, contribuindo com a formação docente. Assim, serão formadas as futuras gerações, na qual todos nós temos essa responsabilidade com o meio ambiente. Sigamos firmes no propósito de um mundo melhor, com mais consciência ambiental.

## FONTES DOCUMENTAIS

BRASIL. **Lei Nº 6.938**, de Agosto de 1981. **Política Nacional do Meio Ambiente**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6938.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6938.htm)> Acesso em: 05 de dez. de 2018.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.394**, de 20 de Dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Base da Educação Nacional**. Brasília, 26 de Dez. de 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)> Acesso em: 12 de Dez. de 2018.

\_\_\_\_\_. **Lei 9.795**, de 27 de Abril de 1999. **Institui Política Nacional de Educação Ambiental**. D.O.U. 28 de Abr. de 1999. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm)> Acesso em: 05 de Dez. de 2018.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

\_\_\_\_\_. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: temas transversais – Meio Ambiente**. Brasília: MEC/SEF, 1998a. 76 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/meioambiente.pdf>> Acesso em: 08 de Dez. de 2018.

\_\_\_\_\_. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017. 470 p. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em 18 de agosto de 2019.

MEC/SEF (Secretaria da Educação Fundamental/MEC). **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/meioambiente.pdf>> Acesso em: 20 de Jan. 2019.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, Berenice Gehlen. **O que é Educação Ambiental? Definições de Educação Ambiental.** Rio Grande do SUL, 2005. Disponível em: <  
<http://www.apoema.com.br/definicoes.htm>> Acesso em: 29 de Abr. de 2017.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo?** Trad. Nilcéia Valdati. Outra travessia. Ilha de Santa Catarina, 2005.p.9-16.

AGENDA 21. **Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento.** Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: <  
<http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/agenda-21-global>>  
 Acesso em: 10 de Dez. de 2018.

ARAÚJO, M. I. de. **Uma abordagem sobre as tecnologias da informação e da comunicação na formação do professor.** In: MERCADO, L; KULLOK, M. Formação de professores: política e profissionalização. Maceió: EDUFAL, 2004.

BALISCEI, João Paulo. **Vilões, heróis e coadjuvantes: um estudo sobre masculinidades, ensino de arte e pedagogias Disney.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá-UEM. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação. Maringá, 2018.

BARBA, ClaridesHenrich. **Ambientalização curricular no ensino superior: o caso da Universidade Federal de Rondônia - campus de Porto Velho.** Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. Araraquara, 2011.

BARBOSA, Luciano Chagas. **Políticas Públicas de Educação Ambiental numa Sociedade de Risco: Tendências e Desafios no Brasil.** Brasília, 2008. Disponível em: <  
<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao11.pdf>> Acesso em: 13 de dez. 2018.

BARCELOS, Valdo. **Educação Ambiental: sobre princípios, metodologias e atitudes.** 4. ed. Petrópolis. Vozes, 2012.

BAUER, Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático.** Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Título original: Qualitative Researching with text, image and sound – a practical handbook. 7. Ed. Petrópolis. Vozes, 2008.

BERNARDES, M. B. J; PRIETRO, E. C. **Educação Ambiental: Disciplina versus tema transversal**. Revista eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental – FURG, Rio Grande v. 24, p. 173-185, jan/jul. 2010. Disponível em: <http://www.remea.furg.br/edicoes/vol24/art11v24.pdf> Acessado em 21 de março de 2019.

BRASIL. **Constituição Federal** – Brasília – 1988.

BRASIL. **Identidades da Educação Ambiental Brasileira** / Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental; Philippe PomierLayrargues (coord.). Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

BRASIL. **Programa nacional de Educação Ambiental - ProNEA** / Ministério do Meio Ambiente, Diretoria de Educação Ambiental; Ministério da Educação. \_\_\_\_\_ . Coordenação Geral de Educação Ambiental. - 3. ed - Brasília : Ministério do Meio Ambiente, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/pronea3.pdf>> Acesso em: 17 de Dez. de 2018.

BRASIL. **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental: UNESCO, 2007. 248 p. : il. ; 23 x 26 cm. Vários colaboradores. ISBN 978-85-60731-01-5 1. Educação ambiental – Brasil. 2. Educação básica – Brasil. I Título. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao3.pdf>> Acesso em: 10 de Mar de 2019.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **Educação Ambiental por um Brasil sustentável: ProNEA, marcos legais e normativos** / Ministério do Meio Ambiente, Diretoria de Educação Ambiental; Ministério da Educação. Brasília, DF: MMA, 2018. Disponível em: <http://portal.mma.gov.br/publicacoes/educacao-ambiental/category/98-pronea.html> Acesso em: 29 de mar. de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 18 de abril de 2019.

CAMARGO, Rosane; WOLF, Rosângela Abreu do Prado. **Educação Ambiental e Cidadania no Currículo Escolar**. Revista Eletrônica Lato Sensu. Unicentro (Universidade Estadual do Centro-Oeste). Disponível em: [http://web03.unicentro.br/especializacao/Revista\\_Pos/P%C3%A1ginas/6%20Edi%C3%A7%C3%A3o/Agrarias/PDF/5-Ed6\\_CA-Educa.pdf](http://web03.unicentro.br/especializacao/Revista_Pos/P%C3%A1ginas/6%20Edi%C3%A7%C3%A3o/Agrarias/PDF/5-Ed6_CA-Educa.pdf)> Acesso em: 18 de Mar. de 2019.

CARTA DA TERRA. **Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. Rio de Janeiro, 1992**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/carta-da-terra> Acesso



em: 15 de Dez. de 2017.

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CAVALCANTE, F. R. C. **Análise da desigualdade regional no estado de Rondônia à luz da teoria institucionalista de Douglass North**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, UFPA, NAEA, Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido. Belém, 2011.

CONTE, Ivo Batista. **Educação ambiental na escola**. Fortaleza : EdUECE, 2016. Disponível em:  
[https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/431714/2/Livro\\_Educacao%20Ambiental%20na%20Escola.pdf](https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/431714/2/Livro_Educacao%20Ambiental%20na%20Escola.pdf). Acessado em 01 de agosto de 2019.

COSTA, Antonio. **Compreender o cinema**. Tradução Nilson Moulin Louzada, Revisão Sheila Schvatzman. 3. ed. São Paulo: Globo. 2003.

COSTA, C. A. S. da; LOUREIRO, C. F. B. **Educação Ambiental Crítica e Interdisciplinaridade: A Contribuição da Dialética Materialista na Determinação Conceitual**. Revista Terceiro Incluído, v. 3, n. 1, Jan./Jun., p. 1 - 22, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/teri/rticle/view/27316>. Acesso em: 26 mar. 2018.

DELORS, Jacques. **Educação um Tesouro a Descobrir** – Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação Para o Século XXI. Brasília, DF: Unesco, 1998.

DEMO, Pedro. **Introdução a metodologia da ciência**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DIAS, Genebaldo. F. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 9. Ed. São Paulo: Gaia, 2004.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

EFFTING, Tânia Regina. **Educação Ambiental nas Escolas Públicas: Realidade e Desafios**. Marechal Cândido Rondon, 2007. Monografia (Pós Graduação em “Latu Sensu” Planejamento para o Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Marechal Cândido Rondon, 2007.

FABRIS, ElíHenn. **Cinema e Educação: um caminho metodológico**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 117-134, jan./jun. 2008.

FGV, Fundação Getúlio Vargas. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC**, disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-antonio-lutzenberger>  
Acesso em: 11 de março de 2019.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FURTADO, Celso. **O Mito do Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin W., GASKELL, George (Orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000. p. 103-133.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

JAMESON, Fredric. **A virada cultural: reflexões sobre o pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Münster: Unrast Verlag, 2012. p. 12. Disponível em: [https://schwarzemilch.files.wordpress.com/2012/05/kilomba-grada\\_2010\\_plantation-memories.pdf](https://schwarzemilch.files.wordpress.com/2012/05/kilomba-grada_2010_plantation-memories.pdf). Acesso em: 25 ago. 2020.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. Tradução de Sandra Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2002.

LEFF, Enrique. **Pensar a complexidade ambiental**. In: LEFF, Enrique (org.). A Complexidade ambiental. Tradução de Eliete Wolff. São Paulo: Cortez, 2003, p.15- 64.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2005.

LOLA. Jacira Ferreira. **Educação Ambiental: Compreensões e Práticas Docentes na Escola Municipal João Ferreira Matos no Município de Jaguarari**. Monografia (Curso de pedagogia: docência e gestão nos processos educativos) Universidade do Estado da Bahia. Senhor do Bonfim – BA, 2012.

LYOTARD, Jean-François. **A condição Pós-Moderna**. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MARCATTO, Celso. **Educação ambiental: conceitos e princípios**. Belo Horizonte: FEAM, 2002.

MELAZO, G. C. **Percepção Ambiental e Educação Ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano**. Olhares e Trilhas, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) Deslandes, Suely Ferreira. Cruz, Otávio Neto, Gomes, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, métodos e criatividade**. Rio de Janeiro. Vozes, 1994.

MMA/MEC/IDEC. **Consumo sustentável: Manual de educação**. Ministério do Meio Ambiente, Ministério da Educação e Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor. Brasília: ConsumersInternational/ MMA/MEC/IDEC, 2005.

MMA. **Programa nacional de educação ambiental – ProNEA**. Ministério do Meio Ambiente, Diretoria de Educação Ambiental; Ministério da Educação. Coordenação Geral de Educação Ambiental. - 3. ed - Brasília : Ministério do Meio Ambiente, 2005.

MORALES, Angélica Góis. **A formação do profissional educador ambiental: reflexões, possibilidades e constatações**. 2. ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012.

MORALES et al. (orgs). **Educação Ambiental e multiculturalismo**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012.

MOUSINHO, P. Glossário. In: Trigueiro, A. (Coord.) **Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. Rio de Janeiro: Sextante. 2003.

NAÇÕES UNIDAS. **A ONU e o Meio Ambiente**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente/> Acesso em 13 de março de 2019.

NEVES. Josélia Gomes. **A educação ambiental e a questão conceitual**. Revista EA. 2005. Disponível em: <<http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=369&class=21>> Acesso em: 29 de Jan. 2014.

OLIVEIRA, Artur Santos Dias de Oliveira. **Educação Ambiental: histórico e rumos atuais**. In: Ambiente & Educação – Rev. De Educação Ambiental da FURG – vol. 2 – 1997.

OLIVEIRA, Haydée Torres de. **Educação Ambiental – ser ou não ser uma disciplina: essa é a principal questão?!** In: Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Ministério da Educação/MEC – Departamento de Educação Ambiental. Brasília: UNESCO, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao3.pdf>> acesso em: 20 de Dez. 2018.

OLIVEIRA, Regina A. Guimarães A. de. **Educação como ferramenta de prevenção a problemática ambiental atual**. In Âmbito Jurídico, Rio Grande, XIII, n. 79, agosto 2010. Disponível em: <[http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=8198](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8198)> acesso em: 09 de janeiro de 2019.

PICANÇO, Deise Cristina de Lima; CASTRO, Gilberto de. **Educação, Mídia, Sociedade: alguns ensaios discursivos**. Londrina. Eduel, 2011.

REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos. **O que é educação ambiental**. 4ª reimpr. da 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos. **Meio Ambiental e representação social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos. **A educação ambiental frente aos desafios contemporâneos**. In: II Congresso Mundial de Educação Ambiental, Rio de Janeiro/RJ, 2004.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SATO, Michèle. **Debatendo os desafios da educação ambiental**. In: Congresso de Educação Ambiental Pró-Congressode Educação Ambiental Pró-Mar de Dentro, 1. Rio Grande, 2001. Anais... Rio Grande: FURG, 2001.

SATO, M. **Educação Ambiental**. São Carlos: Rima. 2002

SEDAM, Secretaria de Desenvolvimento Ambiental. **Zoneamento Sócioeconômico Ecológico do Estado de Rondônia**. Cartilha dos 21 anos. Porto Velho, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. 7 reimp. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Cesar. PRZYBYSZ, LeaneCahamma Barbar. **Sistema de Gestão Ambiental**. Curitiba: InterSaberes, 2014.

TAVARES, Geórgia de Souza. **Estudo da disciplinarização da educação ambiental em um curso superior de ciências bilógicas**. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Rio Grande – Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental. Rio Grande – RS, 2009.

TERUYA, Teresa Kazuko. **Trabalho e educação na era midiática: uma visão sociológica**. Tese, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP. Marília, 2000.

TERUYA, Teresa Kazuko. **Trabalho e educação na era midiática**. Maringá. Eduem, 2006.

TERUYA, Teresa Kazuko; NOGUEIRA, Juliana Keller; FELIPE, Delton Aparecido (UEM). **Educação escolar, formação de professores, diversidade cultural**. ST 1 - A questão racial no Brasil e as relações de gênero. Disponível em [https://www.nt5.net.br/publicacoes/Nogueira-Felipe-Teruya\\_01.pdf](https://www.nt5.net.br/publicacoes/Nogueira-Felipe-Teruya_01.pdf) Acesso em: 03/04/2018.

TERUYA, Teresa Kazuko. **Pedagogia das Mídias e o Trabalho Docente**. In.: MALACARNE, Vilmar; ESTRADA, Adrian Alvarez; ALVES, Fábio Lopes; DERISSO, José Luis. Educação, Tecnologias de Informação, e Comunicação e Outros olhares. Curitiba, CRV, 2015. P. 105-118.

TERUYA, Teresa Kazuko. **Estudos Culturais, Mídia e Racismo**. In. Escrito das margens e suas vozes / organização Sonia Maria Gomes Sampaio, Mara Genecy Centeno, Larissa Gotti Pissinatti. - Porto Velho, RO: Coleção Pós-Graduação da UNIR - EDUFRO, 2020.

TERUYA, Teresa Kazuko; TAKARA, Samilo. A Educação segundo G.H. – sexualidade, prazer e nojo na formação docente. In: PINTO-COELHO, Zara; MARTINS, Moisés de Lemos; BAPTISTA, Manuel; MAIA, Sara. **Representações e práticas de gênero**. LASICS (Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS). Universidade do Minho/Portugal, 2015 (33-53). Disponível em: <[http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs\\_ebooks/article/view/2129/2048](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2129/2048)>. Acesso em: 03/04/2018. p. 55-74.

TORALES, Marília Andrade. **A inserção da educação ambiental nos currículos escolares e o papel dos professores**: da ação educativo-comunitária como compromisso político-ideológico. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. Rio Grande. v. especial. Março de 2013. Disponível em: < <http://www.seer.furg.br/remea/article/viewFile/3437/2064>> Acesso em: 14 de Dez 2018.

TOZONI-REIS. Marília Freitas de Campos. **Educação Ambiental: Natureza, Razão e História**. Campinas: Autores Associados, 2004.

TOZONI-REIS. Marília Freitas de Campos. **Educação Ambiental: referências teóricas no ensino superior**. Interface \_ Comunic, Saúde, Educ, v.5, n.9, p.33-50, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/icse/v5n9/03.pdf> Acesso em: 09 de Jan. de 2018.

TRAJBER, Rachel. **Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, Brasília, 2006.

TRISTÃO, Martha. **A Educação Ambiental na formação de professores: redes de Cursos de Graduação**. 2004. Universidade Federal de Rondônia. Disponível em: <<http://www.unir.br/index.php?pag=submenu&id=324&titulo=Cursos%20de%20Gradua%E7%E3o>> Acesso em: 15 de Mar. de 2018.

UNESCO. **Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental**. Organização: Isabel Cristina Moura de Carvalho, Mauro Grün e Rachel Trajber. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006.

UNESCO. **Vamos cuidar do Brasil : conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental : UNESCO, Brasília, 2007.

UNESCO. **Forjar laeducación del mañana: Decenio de las Naciones Unidas de la Educación para el Desarrollo Sostenible – Informe 2012 (abreviado)**. Versión abreviada, adaptada y editada de la obra Shaping the Education of Tomorrow: 2012 Technical Report on Processes and Learning for Education for Sustainable Development, escrita por el Sr. Arjen

E.J. Wals de la Universidad de Wageningen (Países Bajos) por encargo de la UNESCO. Se encargó de elaborar esta versión abreviada la Sra. Cathy Nolan. Nova York, 2012. Disponível em <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/education/education-for-sustainable-development/> acessado em 13 de agosto de 2019.

VEIGA-NETO, Alfredo; FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault, um diálogo**. Educação & Realidade. v. 29, n. 1, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 2. ed. 1 reimp. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2007.

VESTENA, Carla Luciane Blum. **Piaget e a questão ambiental: sujeito epistêmico, diagnóstico e considerações educacionais**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

XAVIER, José Braz. **A educação ambiental dentro das disciplinas curriculares**. Rio de Janeiro, 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão Ambiental) - Centro Universitário Carioca, Rio de Janeiro, 2011.

**FILMES ANALISADOS****WALLE**

Assistido em:

<https://www.netflix.com/br/login?nextpage=https%3A%2F%2Fwww.netflix.com%2Fsearch%2FWall-E>

**LORAX - em busca da trófula perdida**

Assistido em:

<https://www.netflix.com/br/title/70208102>